



VIDA REAL

Sem celulares, estudantes na PB melhoram desempenho escolar

Mais socialização, com novas vivências, muda a rotina dos alunos, que aprovam a experiência. **Página 5**

Foto: Leonardo Ariel



Além dos jogos de quadra, os de mesa, como o dominó e o Uno, são alguns dos preferidos nos intervalos das aulas em algumas escolas da capital

Economia de bairro ganha força na PB, com atuação de 12 mil mercadinhos

Pequenos empreendimentos nesse ramo de negócio estão concentrados principalmente nas cidades de João Pessoa e Campina Grande.

Página 17

Foto: Roberto Guedes



Ninguém precisa suportar tudo sozinho.
BUSQUE AJUDA.



■ “Nas minhas visitas [ao Hospital Napoleão Laureano], Telê não muniçava apenas as minhas obrigações de jornalista com a instituição. Numa delas fez-me sentir homem público”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Praticantes de religiões de matrizes africanas cobram respeito e tolerância

Apenas neste ano, Ministério Público da Paraíba já recebeu nove denúncias envolvendo preconceito e violência.

Página 7

Sono, alimentação e atividade física são hábitos-chave para a prevenção do Alzheimer

Fatores que aumentam o risco da doença incluem baixa escolaridade na juventude e depressão na meia-idade.

Página 6

Vitrais resistem ao tempo e decoram com luzes e cores prédios antigos da capital

Técnica milenar é mais frequentemente vista em templos religiosos, como a Igreja do Rosário, em Jaguaribe (foto), mas também está presente em outros prédios históricos da cidade.

Página 25



Foto: Carlos Rodrigo

Editorial

Novo polo industrial

As boas notícias são sempre bem-vindas. Como esta, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), dando conta de que a chamada de projetos para neointustrialização do Nordeste recebeu mais de R\$ 127 bilhões em propostas, superando 13 vezes a demanda inicial. Trata-se da maior chamada de projetos para o setor industrial da região, que reuniu, de forma inédita, as instituições federais de fomento.

De acordo com a Agência BNDES de Notícias (ABN), a chamada pública de projetos para o Nordeste da Nova Indústria Brasil (NIB) teve o significativo retorno de 246 propostas, oriundas de todos os estados da região e das cinco áreas estratégicas da convocação. Das propostas apresentadas, 88% tiveram participação de pequenas e médias empresas e 73% envolveram a cooperação com instituições de ciência e tecnologia.

A chamada pública para o NIB foi lançada em maio deste ano, e disponibilizou R\$ 10 bilhões em crédito para projetos estruturantes, com ênfase em três quesitos básicos: inovação, reindustrialização e desenvolvimento sustentável. Daí a grande surpresa quando as propostas recebidas totalizaram R\$ 127,8 bilhões, portanto, quase 13 vezes maior que a estimativa inicial, de R\$ 10 bilhões, prova do potencial fabril do Nordeste.

O presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, comemorou o feito e reafirmou o compromisso da instituição que dirige, no sentido de atender os projetos consistentes, mesmo que para isso seja necessário aumentar os valores inicialmente alocados para a chamada. E disse mais: “Sob orientação do presidente Lula, o BNDES está de mãos dadas com o Nordeste para transformar boas ideias em oportunidades concretas”.

Como não poderia deixar de ser, o feito também foi celebrado pelo governador do Piauí, Rafael Fonteles, presidente do Consórcio Nordeste. Para ele, a resposta do setor produtivo à chamada “é a prova definitiva de que a região precisava de uma oportunidade real de investimento para mostrar o seu imenso potencial”. Longe vai, por conseguinte, aquela ideia decrépita que associa o Nordeste apenas ao binômio seca e miséria.

Fonteles, aliás, não tem dúvidas de que se está diante de um ponto de virada, se for levado em conta o fato de que o Nordeste “se consolida como a maior fronteira de investimento do país e um polo de desenvolvimento que irá, de forma definitiva, liderar a nova industrialização nacional”. E quem duvidou ou ainda duvida do potencial econômico da região, que abra bem os olhos, para depois não dizer que Santo Antônio o enganou.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O atentado da Rua Tonelero

O segundo governo de Getúlio Vargas enfrentava forte crise. No campo econômico, sofria pressão com a escalada da inflação, que alcançava a taxa de 20,8%. No campo político, enfrentava firme oposição da UDN – União Democrática Nacional – e de setores das Forças Armadas. A situação agravou-se com a guinada à esquerda, representada pela nomeação de João Goulart para o Ministério do Trabalho, o que provocou reação imediata dos militares, que pediram sua demissão.

A imprensa também se tornava uma das principais inimigas do governo, com exceção do jornal Última Hora, criado pelo jornalista Samuel Wainer, que lhe era favorável. O jornalista Carlos Lacerda destacava-se como crítico ferrenho, conduzindo uma luta aberta para depor o presidente, a quem acusava de convivência com crimes e corrupção. Nesse contexto, chegou a promover um pedido de *impeachment*, rejeitado no Congresso por 136 votos a 35.

Na madrugada de 5 de agosto de 1954, quando chegava à sua residência na Rua Tonelero, em Copacabana, Rio de Janeiro, após participar de um comício, Carlos Lacerda foi surpreendido por um homem que disparou vários tiros. O major-aviador Rubens Florentino Vaz, que o acompanhava, tentou reagir, mas foi atingido no peito e morreu. Um guarda municipal que estava nas proximidades, Sálvio Romero, também foi alvejado, mas conseguiu anotar a placa do veículo utilizado na fuga. Especulava-se que uma das balas tenha atingido o pé de Lacerda.

No mesmo dia, Carlos Lacerda responsabilizou diretamente o presidente da República, declarando:

“Perante Deus, acuso um só homem como responsável por esse crime. Este homem chama-se Getúlio Vargas”.

O atentado da Rua Tonelero foi o estopim da crise que resultaria no suicídio do presidente. Getúlio sempre negou qualquer envolvimento pessoal no caso, chegando a afirmar: “Os tiros da Rua Tonelero me acertaram pelas costas”.

As investigações apontaram para Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Vargas, que confessou ter sido o mandante. O motorista do táxi que transportou o autor dos disparos indicou Alcino João do Nascimento como responsável pela execução. Alcino acabou confessando o crime, revelando que havia sido contratado por Climério Euribes de Almeida, integrante da guarda pessoal da presidência, mediante o pagamento de 500 mil cruzeiros e a promessa de nomeação como investigador da polícia. Foram condenados Gregório Fortunato, Climério Euribes de Almeida e Alcino João do Nascimento.

Mesmo assim, até os dias atuais, o atentado continua sendo objeto de debates policiais, políticos e historiográficos. O trágico desfecho ocorreu em 24 de agosto de 1954, às 8h35, quando Getúlio Vargas se suicidou no Palácio do Catete. Seu gesto provocou uma onda de comoção popular, que, de certa forma, inibiu as tramas golpistas dos militares, adiando o intento por dez anos.

O atentado da Rua Tonelero é considerado um marco na história política brasileira. Como Vargas registrou em sua carta-testamento, ele “saiu da vida para entrar na história”.

“

Até os dias atuais, o atentado continua sendo objeto de debates policiais, políticos e historiográficos

Foto Legenda

João Pedrosa



Dia de faxina

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

João Batista Simões

Não, o corredor não é o mesmo nem a porta que dava para a diretoria de João Batista Simões. Corredor por onde transparecia a esperança angustiada dos que se valiam e se valem como a última crença, a que vem do Hospital Laureano. Acesso que incorporei aos meus cuidados desde a campanha que comoveu o Brasil com o mártir ainda na cruz, nas últimas doses de fel da doença.

Eu dava meus primeiros passos, jovem recém-chegado a João Pessoa, enfileirando-me à campanha da qual o repórter-fotográfico Rafael Mororó, meu colega de **A União**, era um baluarte. A cidade comovia, tangida pelo rádio e pela sua Câmara de Vereadores, saía em procissões a exigir do governo e de todas as classes a conversão em hospital da flama viva do grande combatente Napoleão Laureano. Sandoval Caju – quem se lembra? –, locutor da Tabajara, conduzindo em tom dramático a campanha. Malaquias Batista Filho, estudante de Medicina, editorialista de **A União**, mantendo assiduamente o noticiário local e da campanha do Rio, deflagrada por Assis Chateaubriand para a adesão do país.

Doze anos depois, internado no hospital vizinho, o Clementino Fraga, sou levado ao Laureano para o benefício de uma tomografia, serviço de que o hospital dos tuberculosos ainda não dispunha. Isolado a um canto, para não contaminar, aparece-me Telê, não sei se estagiário, que abrevia meu atendimento. Mais jovem do que eu, conhecemos no mesmo barco, ele repórter esportivo. Irmana-se aí uma relação solidária que não conheceu recesso, seguida de sua participação nos destinos do Laureano. Do êxito do consultório médico, é levado à entidade, uma fundação liderada pelo deputado Janduhy Carneiro e que encontra em Simões um abnegado, sob o testemunho de duas gerações de funcionários e de beneficiários. Mais de quarenta anos como servidor em tempo integral de um hospital que a demanda obriga a crescer, ao lado dos fundadores, representados pelo incansável Carneiro Arnaud.

Agora, com o olhar a medir os degraus e as passadas, chego inseguro para ver Simões

“

Para minha vaidade, ganhei meu nome entre os merecedores de uma placa numa das salas do Laureano

pela última vez, desta feita rendido entre cravos brancos de cheiro morno, as mãos inermes a contrastar com o vinco voluntarioso mantido pelo queixo, uns restos de vida ativa nos lábios contraídos.

Quantas vezes, a seu lado, percorri aquelas salas repletas de pacientes a exigir espaço e cura? De uma delas, levei um tio do meu coração que temia perder o que julgava principal para um homem, mais do que a vida, pai de 23 filhos, e que foi devolvido por Juliet, grande urologista, sem o menor prejuízo.

Nas minhas visitas, Telê não municiaava apenas as minhas obrigações de jornalista com a instituição. Numa delas fez-me sentir homem público, adiantando-me em primeira mão a quebra do acelerador linear, aparelho de radioterapia para destruir tumores e células. Eu tinha acesso fácil ao governador Burity e sabia de suas prontas decisões. Corri a ele, já no fim do expediente, e fui imediatamente autorizado a voltar a Simões para a reunião com o governador na manhã seguinte. Resultado: para minha vaidade, ganhei meu nome entre os merecedores de uma placa numa das salas do Laureano. O hospital cresceu muito e já não sei onde se encontra esse testemunho de minha parte numa grande ação.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

NO PRIMEIRO CICLO

PB Rural Sustentável atende 39,7 mil famílias

Projeto do Governo do Estado, iniciado em 2019, soma investimento de US\$ 80 mi

Pedro Alves
 pedroalvesjp@yahoo.com.br

A realidade do povo do campo na Paraíba vem melhorando em grande medida por conta do projeto PB Rural Sustentável, que terminou o seu primeiro ciclo em junho de 2025 e atendeu 39,7 mil famílias rurais paraibanas, atingindo cerca de 150 mil pessoas, somando um investimento de US\$ 80 milhões. A primeira fase do projeto começou em 2019 e durou cerca de seis anos. O Governo do Estado agora organiza o PB Rural Sustentável 2 para dar continuidade aos investimentos na agricultura familiar e em obras voltadas ao desenvolvimento das populações do campo.

O projeto, que é uma parceria entre o Banco Mundial e o Governo da Paraíba, por meio do Projeto Cooperar, buscou melhorar a infraestrutura das localidades rurais e impulsionar a atividade produtiva e a comercialização de produtos da agricultura familiar num ciclo de seis anos. Trata-se de um misto entre gerar segurança alimentar e hídrica para os moradores de áreas rurais e dar condições para que uma produção alcance não só a subsistência, mas uma cadeia de mercado.

Foi o caso de uma cooperativa de mulheres em Pombal, que vendia polpas de fruta em uma escala comercial limitada, que envolvia a cidade e municípios vizinhos e agora exporta na América do Sul. Quem explica é o coordenador do PB Rural Sustentável, Omar Gama, que ressalta a importância do projeto, que, segundo ele, mudou a rea-



Coordenador do PB Rural Sustentável, Omar Gama ressalta a importância do projeto

lidade de cooperativas e associações em vários municípios da Paraíba.

“Aí você vê um grupo de mulheres que tinha uma pequena associação, produzindo polpa de fruta lá em Pombal. E elas queriam aumentar a produção. O ideal seria que elas se transformassem em cooperativa porque poderia atingir o mercado privado. E aí o PB Rural foi lá e deu esse apoio. Elas se transformaram em cooperativa e hoje elas estão fazendo exportação para o Paraguai. Quer dizer, saindo polpa de fruta de Pombal para o Paraguai agora. E vários homens atualmente querendo atuar nessa cooperativa comandada por mulheres”, explicou.

Antônia Maria Silva,

moradora do assentamento quilombola Comunidade do Matão, em Gurinhém, no Agreste paraibano, também fala da importância do projeto numa perspectiva de dignidade cidadã. “Aqui a gente não tinha água para beber, para tomar banho, lavar roupa. Agora temos uma água boa para usar. A vida da gente é outra”, disse.

Outros casos também se destacam no sentido de evolução enquanto cadeia produtiva e de negócios. Em Cabaceiras, a cooperativa Capribov, que produz leite e derivados, que iniciou suas atividades pasteurizando apenas 70 litros de leite de cabra, atualmente, por conta do PB Rural Sustentável, processa cinco mil litros e distribui para 22 municípios.

Com investimento no negócio com recursos do projeto, hoje tem até um caminhão frigorífico.

“

Aqui a gente não tinha água para beber. Agora temos uma água boa para usar. A vida da gente é outra

Antônia Maria Silva

Desenvolvimento de cooperativas e associações

O primeiro ciclo do PB Rural Sustentável teve o objetivo de construir obras para gerar segurança hídrica e no próprio desenvolvimento de cooperativas e associações. Foram 250 passagens molhadas entregues, compondo, segundo o Governo do Estado, o maior programa desse tipo no Nordeste.

“O projeto tinha objetivo de entregar 4.500 cisternas, mas acabou construindo 12 mil, praticamente triplicando a quantidade, por causa da demanda existente para gerar segurança hídrica a famílias. Além das cisternas, foram entregues máquinas de dessalinização e feitas outras ações fundamentais para a melhoria do povo do campo”, argumentou Omar Gama.

Foram beneficiadas ainda 1.732 famílias com tecnologias sociais, como criação de galinha caipira, caprinocultura, apicultura com abelhas sem ferrão e cultivo de palma forrageira, para consumo das famílias e para vendas do excedente.

Cerca de 30 cooperativas foram fortalecidas no período por meio de alianças produtivas que melhoraram os pro-



Telas de placa solar diminuíram as despesas com energia

cessos internos e facilitaram o acesso ao mercado, e muitas ganharam telas de placa solar para diminuir as despesas com energia. O projeto abrangeu 222 municípios da Paraíba, priorizados de acordo com os indicadores de meteorologia, produção agrícola e aspectos sociais.

PB Rural Sustentável 2

Mesmo com o fim do primeiro ciclo do projeto, que foi de 2019 a 2025, o Governo do Estado não pretende parar com a política pública, analisada por Omar Gama como de muito sucesso, de credibi-

lidade e que precisa ser compreendida como política de estado.

O PB Rural Sustentável 2, segundo Omar, deve começar ainda neste ano. O projeto já foi aprovado pelo Governo Federal e o financiamento, que novamente, em grande parte, vai ser realizado pelo Banco Mundial, também foi autorizado.

A documentação está sendo enviada conforme as demandas do Banco Mundial para que o investimento no desenvolvimento sustentável e a inclusão produtiva no campo conti-

nuem na Paraíba.

“O Banco Mundial tem um carinho todo especial com a Paraíba porque vê a coisa acontecer. Já tivemos uma aprovação por parte do Governo Federal, mas agora vamos para um caminho que envolve o Senado Federal e o Ministério da Fazenda. Eu mandei na semana passada um último documento que foi pedido. O governador João Azevêdo quer começar ainda neste ano o PB Rural 2”, explicou Omar.

No segundo ciclo, o objetivo vai ser seguir financiando cooperativas e o desenvolvimento de seus negócios e da agricultura familiar, obras de segurança hídrica, e haverá um caminho inédito do projeto: investir na melhoria do meio ambiente.

No PB Rural Sustentável 2, grande parte dos recursos vai servir para recuperar matas ciliares, evitar o desmatamento e a desertificação de regiões no estado, alinhando a defesa do meio ambiente com uma produção pujante, mas sustentável, melhorando a vida das pessoas do campo e também da natureza ao redor.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A canção de Nélida: cicatrizes, café e a coragem das manhãs

O mundo, às cinco da manhã, ainda é uma coisa porosa, indefinida. As cores não se decidiram, os sons são abafados pelo véu do sono alheio, e o ar tem uma limpidez quase crua, como se a realidade ainda estivesse se lavando para o dia que vai chegar. É nesse território de silêncio e penumbra que ela se move primeiro: Nélida. Antes de ser a mulher radiante que eu conheço, ela é um vulto quente e macio sob os edredons, um ser de pura e incontestável preguiça.

O despertador é um intruso, um pequeno martírio cotidiano. Ela não o silencia com um gesto brusco, mas com um murmúrio que é uma mistura de protesto e resignação. Vejo-a, nesses primeiros instantes, como uma escultora diante de um bloco de mármore intratável, o dia que está por vir, e seu corpo ainda se recusa a ser a ferramenta. Ela se espreguiça com uma lentidão deliberada, quase cerimonial, como se cada músculo exigisse uma permissão individual para entrar em funcionamento. Os olhos, semicerrados, navegam pelo quarto sem foco, ainda presos a algum sonho que teima em não se desfazer. É uma preguiça tão genuína, tão integral, que se torna uma das suas características mais ternas e humanas. É a Nélida crua, desarmada, antes da transformação.

O trajeto até a cozinha é uma pequena epopéia. Os pés arrastam-se pelo piso frio, e a mão que acende a luz pisca contra o clarão súbito. Ai, diante da chaleira, começa o rito alquímico. A água a ferver, o grão moído, o clique da cafeteira são os sons que anunciam não apenas o café, mas a transmutação de um estado para outro. E então, como o primeiro raio de sol que incendeia uma paisagem, acontece.

Não é algo repentino, mas uma onda que a invade. Um bocejo largo que se transforma no início de um sorriso. Um suspiro fundo que parece expelir os últimos resquícios da inércia. Os ombros, que estavam curvados pelo peso do despertar, endireitam-se. E os olhos, ah, os olhos agora, sim, completamente abertos, encontram os meus e cintilam com uma centelha de pura, irrefreável alegria. É uma alegria que não depende do clima, das notícias ou das circunstâncias. É um estado de ser. Ela solta uma frase tola, canta um jingle antigo de comercial, dança uma dancinha mínima e desengonçada só com os ombros. O monstro da preguiça foi domado, não pela força, mas por essa luz interior que ela carrega e que é simplesmente inesgotável. À casa, que antes era um casulo silencioso, de repente está preenchida por ela. Está viva.

É nesse momento, sob a luz clara e sem piedade da cozinha, que meus olhos, já cheios de amor pela performance matinal, pousam nas suas verdadeiras medalhas. No braço que estende para pegar a xícara, uma cicatriz serpenteia. Não é uma linha fina e discreta; é um vale, um relevo na geografia da sua pele, um testemunho permanente de uma batalha que travamos juntos. Mais abaixo, na perna, outra marca, mais pálida agora, mas não menos significativa. São as marcas do melanoma. São as cicatrizes que contam uma história de medo, de espera em salas de hospital com ar-condicionado gelado, de palavras médicas duras e do silêncio apertado que vem depois delas.

Muitos as chamariam de imperfeições. Eu as chamo de runas. São inscrições sagradas na carne da minha Valquíria. Na mitologia nórdica, as Valquírias eram donzelas-guerreiras, filhas de Odin, que cavalgavam pelos céus decidindo o destino dos combatentes e escoltando os mais corajosos para o Valhalla. Elas não eram delicadas; eram fortes, decisivas, temíveis e respeitadas. Nélida é a minha Valquíria selvagem. Ela não cavalgou um corcel alado, mas enfrentou a turbulência do medo montada numa coragem serena e quieta que me deixou em awe. A sua batalha não foi num campo de batalha ensanguentado, mas em salas brancas e assépticas, contra um inimigo invisível e traiçoeiro. A sua espada não foi de metal, mas de paciência, de resiliência e de uma fé teimosa na vida.

Aquela cicatriz no braço não é uma lembrança de dor; é o sulco que a lança de uma guerreira deixa no escudo após desviar um golpe fatal. A marca na perna é o emblema de quem caiu, se levantou e voltou a lutar. Ela não traz essas marcas como um estigma; ela as carrega com uma dignidade quieta, uma aceitação que beira a nobreza. E eu as adoro. Adoro com um amor que é feito de orgulho, de admiração e de uma gratidão profunda e comovida. Quando passo a ponta dos dedos sobre elas, não estou lembrando da doença; estou reverenciando a cura. Estou tocando a prova física de que ela é uma sobrevivente, uma vencedora. A textura diferente daquela pele é o pergaminho onde a história da sua força está escrita, e eu sou o seu leitor mais dedicado.

Meu amor por ela é um edifício complexo e sólido. Um de seus alicerces é justamente essa dualidade que ela encarna com tanta graça. Amo a mulher que rosna ao acordar, que se enrola toda como um bicho-preguiça e que precisa de dez minutos e de uma chávena de café para se tomar humana. Essa vulnerabilidade matinal torna-a tão real, tão minha. E amo, com uma intensidade igualmente feroz, a mulher que emerge dessa nebulosa, radiante e cantarolante, a guerreira que enfrentou a sombra e voltou para iluminar a minha manhã com a sua alegria indomável.

Amo a sua pele, lisa onde sempre foi, e sagrada onde foi refeita. Amo o contraste, a história, a verdade de cada marca. Ela não precisa escondê-las; elas são parte da narrativa visual da mulher extraordinária que ela é. São suas marcas de batalha, os símbolos que a elevam de simples mortal à categoria de Valquíria, não um ser mitológico distante, mas uma heroína de carne e osso, de café e cantoria, que escolheu ficar, que escolheu lutar e que, todas as manhãs, às cinco em ponto, escolhe transformar a preguiça em alegria pura.

E eu, simplesmente, me inclino. Em admiração. Em respeito. Em um amor que, assim como as suas cicatrizes, é para sempre.

Columnista colaborador

Tércio Ramos

Diretor-geral do Complexo Hospitalar Juliano Moreira

“Quando o paciente é tratado com respeito, ele vai ficar bem”



Em entrevista, gestor fala sobre a evolução da unidade de saúde, os principais desafios e os projetos para o futuro

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Fundado em 1928, o Complexo Hospitalar Juliano Moreira é referência histórica no cuidado em saúde mental na Paraíba e, quase um século depois, segue em constante transformação. Hoje, a unidade concentra seus esforços em um atendimento humanizado e alinhado à Lei da Reforma Psiquiátrica, priorizando o acompanhamento ambulatorial e o manejo de crises em saúde mental, com foco na reinserção social dos pacientes. Apenas nos primeiros sete meses de 2025, o hospital já superou a marca de 17,5 mil atendimentos, um crescimento médio de 15% ao ano em relação ao período anterior.

À frente da gestão, o diretor-geral Tércio Ramos destaca que a prioridade tem sido fortalecer a rede ambulatorial e ampliar serviços, sem perder de vista o atendimento hospitalar de curta duração. Em entrevista ao jornal **A União**, ele fala sobre a evolução do complexo, os principais desafios e os projetos para o futuro, em um momento em que a saúde mental ganha cada vez mais relevância no debate público. Confira:

Entrevista

■ *Quantas pessoas o Complexo Juliano Moreira atende, atualmente, por mês e como tem evoluído esse número nos últimos anos?*

Atende uma média de 2.500 pessoas por mês. Esses atendimentos se dividem em diversas áreas, sobretudo na parte ambulatorial, na parte das urgências e emergências psiquiátricas e no nosso setor de perícias judiciais. Ao longo dos anos, nós temos tido um comportamento de aumento na quantidade de atendimentos. Então, desde o ano de 2022, nós temos tido um crescimento médio de, aproximadamente, 15%. Esse crescimento varia sempre de 10% a 15% ao ano em todos os atendimentos, mas com uma maior ênfase nesses atendimentos ambulatoriais. Em 2024, de janeiro a julho, nós tivemos aproximadamente 15 mil atendimentos. Já no ano de 2025, nesse mesmo período, nós já vamos superando a marca de 17.500 atendimentos. Então é um aumento global considerável de aproximadamente 15% e é uma tendência que vem se repetindo ano após ano.

■ *Qual é o perfil predominante dos pacientes que procuram a unidade? Estamos falando mais de casos de transtornos graves, dependência química ou também de atendimentos ambulatoriais de menor complexidade?*

O perfil do nosso paciente, hoje, é predominantemente de transtorno mental. Nós temos alguns casos — até porque temos uma enfermaria específica para dependência química —, mas a grande maioria desses atendimentos são, realmente, de transtornos mentais. E aí nós vamos destacar diversos deles, como a depressão, ansiedade, a própria esquizofrenia, transtorno bipolar e tantos outros que são bem frequentes na nossa unidade. É importante que a gente reforce que esses atendimentos, no âmbito do nosso Ambulatório de Saúde Mental, são acompanhados por uma equipe multidisciplinar, equipe com médico psiquiatra, psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e também são ofertadas as nossas práticas integrativas e complementares. Já para os transtornos derivados do uso de álcool e outras drogas, é importante que nós destaquemos que o nosso ambulatório não faz acompanhamento, até por-

que nós temos uma rede de Caps AD [Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas], no próprio estado e nos municípios, que abarca essa demanda. Então, os nossos atendimentos para esse público se dão exclusivamente no âmbito das internações psiquiátricas.

■ *Quais são os principais serviços oferecidos, hoje, pelo Juliano Moreira, tanto em termos de internação quanto de acompanhamento ambulatorial?*

Os serviços oferecidos pelo Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira dividem-se em três frentes, especificamente. A primeira delas é o nosso Espaço de Atenção à Crise, um local para o acolhimento das urgências e emergências psiquiátricas, onde os pacientes são avaliados e, caso haja indicação para internação psiquiátrica, são acolhidos em uma de nossas enfermarias, que estão divididas por transtorno mental e uso de substâncias. Lembrando que essas internações são internações de curta duração, nós não temos internações de longa permanência. Então, o paciente é acompanhado também por uma equipe multidisciplinar e avaliado constantemente por médicos, tanto psiquiatras quanto médicos clínicos, que fazem as intervenções necessárias para que esse paciente estabeleça o seu quadro e possa ser devolvido à Rede de Atenção Psicossocial (Raps) nos territórios. Uma outra frente de trabalho é o setor de perícias judiciais, responsável pelas avaliações nos processos de interdição e curatela. Um setor muito demandado pelo Poder Judiciário, que serve, exatamente, para subsidiar as decisões judiciais em relação a esses processos de interdição e curatela. Por fim, eu diria que talvez o nosso serviço mais importante é o nosso Ambulatório de Saúde Mental, o Ambulatório Gutenberg Botelho, que é um serviço que oferece a toda a população paraibana atendimentos em Psiquiatria, em Psicologia, Serviço Social, Enfermagem, Nutrição e práticas integrativas e complementares. Então, é um serviço que, hoje, é o que mais faz atendimento. Neste ano, já superamos a marca de mais de 2.400 atendimentos por mês, e é bem importante destacar que, hoje, é realmente, o carro-chefe do Complexo Juliano

Moreira. Além disso, é importante também que a gente destaque que esse é um serviço totalmente vinculado à regulação estadual, necessitando de encaminhamento por parte dos respectivos municípios para que os pacientes sejam atendidos por médico psiquiatra. A demanda para os demais profissionais de práticas integrativas e complementares ainda continua de forma espontânea, com portas abertas: o paciente se dirige ao Juliano Moreira, pega uma ficha e é atendido de acordo com a sequência de atendimentos e a capacidade, obviamente, de atendimentos da unidade.

■ *Há atendimento de urgência psiquiátrica no Complexo? Como funciona esse serviço para a população que chega em situação de crise?*

Nós temos atendimento de urgência e emergência, que, inclusive, é referência para quase a totalidade do estado da Paraíba. Para tanto, as pessoas precisam de uma avaliação psiquiátrica com o nosso médico plantonista. Lembrando que, em João Pessoa e Região Metropolitana, há uma pactuação que direciona as pessoas para o Pronto Atendimento em Saúde Mental (Pasm) do município de João Pessoa, podendo esses pacientes, secundariamente, ser internados no Juliano Moreira, a partir de regulação. Entretanto, para os demais municípios, nós continuamos com o nosso Espaço de Atenção à Crise, nosso Pronto Atendimento realmente aberto aos municípios e aberto aos paraibanos, que, porventura, não tenham o suporte da rede de urgências e emergências psiquiátricas no âmbito dos seus respectivos municípios.

■ *Quem pode ser atendido pelo Juliano Moreira? É necessário encaminhamento prévio ou a porta está aberta a toda a comunidade?*

Do ponto de vista ambulatorial, para consultas com o médico psiquiatra, neste momento, nós estamos precisando de encaminhamento por parte dos municípios, visto que estamos vinculados à Central Estadual de Regulação. Já em relação aos atendimentos de urgência e emergências psiquiátricas, nós temos o nosso Pronto Atendimento que está de portas abertas a todo o estado da Paraíba — exceto João Pessoa e Região Metropolitana — sobretudo aqueles municípios que não possuem uma Rede de Atenção Psicossocial apta a manejar estados de crise de saúde mental. Por fim, o nosso setor de perícias judiciais é um setor exclusivamente demandado pelo Poder Judiciário. Lembrando também que, no Ambulatório de Saúde Mental, no Gutenberg Botelho, nós também temos o atendimento dos laudos de sanidade mental. Então, aqueles laudos que são geralmente expedidos para concursos públicos ou para fins cartórios são feitos no nosso Ambulatório de Saúde Mental, também em demanda espontânea, durante três dias, três turnos variados no decorrer da semana.

■ *O hospital ainda mantém leitos de internação de longa permanência?*

■ *Como é feita a reintegração dos pacientes à sociedade após o tratamento?*

É importante destacar que o hospital não possui mais nenhum leito de internação de longa permanência. O último paciente desinstitucionalizado data do ano de 2021. Pela própria mudança na dinâmica do cuidado em saúde mental, de acordo com a Política de Saúde Mental Nacional, é importante que destaquemos que aquela figura do paciente que se internava por anos “a fio”, numa unidade hospitalar exclusiva para pacientes psiquiátricos, não mais existe. Hoje, o paciente é acolhido, é avaliado, sua crise é devidamente manejada pela equipe multiprofissional. Mas, no momento em que a crise estiver estabilizada, esse paciente é necessariamente direcionado ao serviço de território.

■ *Até chegar à estrutura de atendimento atual, como o Juliano Moreira foi transformando sua atuação ao longo do tempo?*

O Juliano Moreira foi fundado em junho de 1928. É uma instituição quase centenária e, assim como várias outras instituições de saúde mental espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, sofreu diversas mudanças ao longo da história. Nós passamos de um atendimento muito embrionário em saúde mental, em que as medidas tomadas eram muito mais experimentais em relação aos pacientes, estigmatizantes em alguns contextos sociais. Antes, era um tratamento em saúde mental que excluía, que não dava ao paciente o direito de ser ouvido e nem, obviamente, de ser informado de absolutamente nada. Então, nós passamos desse paradigma histórico a partir, obviamente, de diversas lutas, lutas de movimentos sociais, que, sobretudo, a partir da década de 80, foram importantíssimas para que nós pudéssemos ter uma mudança, não apenas em relação às unidades hospitalares, psiquiátricas, mas também na Rede de Atenção como um todo. Essa batalha culminou na promulgação de uma legislação importantíssima, uma legislação muito atual, que é a nossa Lei da Reforma Psiquiátrica, em 2001, que veio para impor direitos ao paciente com transtorno mental. O Juliano Moreira, apesar de todo o estigma ainda existente em torno do seu nome, realizou mudanças de uma forma bastante considerável, saindo de uma unidade excludente, que não oferecia um cuidado em saúde mental, e passando a ser uma unidade que respeita a legislação, que respeita o paciente, que quer entregar realmente um melhor cuidado, na parte da internação psiquiátrica — mesmo que de forma secundária —, mas, sobretudo do ponto de vista ambulatorial, ampliando serviços e trazendo toda uma gama de avanços para a população paraibana que é usuária do nosso Complexo Juliano Moreira.

■ *E como essa mudança tem ajudado na reinserção social desses pacientes?*

Os movimentos foram muito importantes para trazer luz a um tratamento em saúde mental que vivia na escuridão. O modelo asilar, que existia no cuidado em saúde mental

no Brasil, passou a ser visto com diferentes olhos e, a partir desse foco, pôde-se implementar mudanças muito importantes, fazendo com que se criasse uma rede de atenção específica para o cuidado em saúde mental, que é a Rede de Atenção Psicossocial, fortalecendo o cuidado em território, fortalecendo o cuidado próximo da casa das pessoas e, obviamente, oferecendo um cuidado e uma atenção muito mais efetivos no sentido de dar saúde mental, de promover saúde mental. Precisamos entender o paciente de saúde mental como uma pessoa detentora de direitos. É muito importante que aquele passado sombrio da saúde mental fique lá no passado; aquilo não era o padrão que absolutamente ninguém, nenhuma pessoa com transtorno mental merece receber. Então, é muito, muito importante que nós foquemos nisso. O tratamento hoje, inclusive, por ser mandatário da Lei da Reforma Psiquiátrica e, obviamente, por ser o justo a ser feito, é um tratamento para reinserção social. A exclusão não ajuda, não trata, a exclusão não oferta direitos. A reinserção social, sim. Quando nós temos um paciente que pode ser tratado próximo à sua casa, próximo ao seu local de pertencimento, esse tratamento, nós devemos convir, vai ser muito mais efetivo. Então, assim, no momento em que nós tratamos um paciente de saúde mental com humanização, com respeito, com oferta de direitos, ele vai ficar bem.

■ *Quais os principais projetos que a direção está desenvolvendo para este ano, visando a melhorias na estrutura ou ampliação de serviços?*

Todos os anos, as direções organizam diversos eventos pontuais, como o Janeiro Branco, como a própria Páscoa, o São João e agora, no mês de setembro, eu gostaria de destacar que nós temos um dos grandes eventos que o Juliano Moreira promove todos os anos, que é o nosso Simpósio de Prevenção ao Suicídio, aberto a toda a população, tanto a estudantes, pessoas da área da Medicina, usuários da própria Rede de Atenção Psicossocial, e é gratuito. Para além disso, temos um planejamento para o ano de 2026 e os demais, de fortalecimento das estruturas do complexo. Neste ano, fizemos a entrega da revitalização do prédio do Ambulatório Gutenberg Botelho, também entregamos a revitalização do nosso Espaço de Atenção à Crise, mas nós gostaríamos de ampliar isso. O foco da gestão do Juliano Moreira é, exatamente, fortalecer muito a parte ambulatorial, também não esquecendo a parte das internações, mas, obviamente, a parte ambulatorial ganha contornos de uma maior importância já vista, o seu caráter preventivo. Então, nós pretendemos melhorar a estrutura física, para além do que já foi feito e, obviamente, ampliar os serviços. Nós gostaríamos, em breve, de ampliar os serviços de atendimento em Psiquiatria, Psicologia, enfim, fazer com que esse complexo vire uma grande referência no cuidado e, sobretudo, na prevenção em saúde mental.

EDUCAÇÃO

Sem celular, rotina escolar melhora

Proibidos de usar dispositivos eletrônicos, estudantes interagem mais e demonstram melhor desempenho nos estudos

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

No início deste ano, a regulamentação sobre o uso de celulares nas escolas mudou drasticamente a rotina estudantil, ao proibir que alunos utilizem os aparelhos, tanto na rede pública quanto na privada em todo o país. Aos discentes, restou a busca por alternativas para aproveitar os intervalos longe das telas. “A gente conversa mais, inventa alguma brincadeira, tem uma maior interação com os colegas”. Foi assim que a aluna do Ensino Médio, Ingrid Jamile, de 17 anos, definiu o seus períodos recreativos, na escola, após a proibição do uso dos dispositivos.

A Lei Federal nº 15.100, que dispõe sobre a utilização de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais pelos estudantes nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da Educação Básica, entrou em vigor no dia 13 de janeiro deste ano. O impedimento não se limita à sala de aula, estendendo-se ao período do recreio e aos intervalos entre as aulas. A medida, conforme consta na norma, tem como objetivo salvaguardar a saúde mental, física e psíquica das crianças e adolescentes.

O diretor do Colégio Século, em João Pessoa, Bruno Pontes, explicou que, antes mesmo da nova normativa, a instituição já tinha como meta a proibição do uso de celulares.

“No ano de 2024, iniciamos um projeto para retirar gradualmente o aparelho das salas. Com o advento da Lei nº 15.100, realizamos uma reunião com as famílias, orientamos que essa já era uma ideia da escola — ratificada no ano anterior — e, então, passamos a executá-la neste ano, em conformidade com a legislação”, afirmou.

Para Ingrid, o início dessa transição foi difícil, mas com o tempo conseguiu adaptar-se à nova realidade. “Tínhamos o costume de estar com o celular sempre perto”, pontuou.

A visão da aluna é compartilhada pelo professor de Geografia Rodrigo Leite, que leciona em algumas escolas particulares da capital. Ele alegou enxergar uma melhora na convivência entre os estudantes. Além disso, percebeu uma maior interação nas dinâmicas realizadas na hora do recreio. “A atenção e a participação nas aulas melhoraram muito, mas a grande diferença é a interação entre eles em todos os momentos, principalmente nos intervalos, com jogos e brincadeiras que não se via, devido ao isolamento pelo uso do aparelho.

Além dos benefícios no âmbito social, as melhorias em relação ao desempenho dos alunos são notadas pelos educadores. “Em relação à parte pedagógica, houve um avanço. Nós tivemos um crescimento de aproximadamente 32% nas notas, do primeiro para o segundo trimestre”, afirmou Bruno Pontes.



Fotos: Leonardo Arel

Jogar bola voltou a ser uma das formas de interação preferidas

A diretora da Escola Estadual Cidadã Técnica Integral João Goulart (Ecit Jango), Gezair França, avalia que as vantagens da medida foram perceptíveis, sobretudo no que diz respeito à participação dos alunos. “A decisão da proibição foi muito apropriada, pois o uso excessivo de celulares em sala gera dispersão, atrapalha o andamento das aulas e compromete o rendimento escolar. Além disso, a restrição favorece a socialização, estimulando os estudantes a interagirem-se mais”, comentou.

Favorável à medida, o professor de Física da Ecit João Goulart, Mailson Pinto, pontua que, apesar de alguns estudantes ainda demonstrarem resistência para desvincular-se dos aparelhos no ambiente escolar, pode-se perceber, em linhas gerais, um maior senso de cooperação entre os alunos nas atividades em sala de aula.

Para implementar essa decisão, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) criou uma normativa própria, a Portaria Conjunta nº 1, de 2025, publicada em 25 de fevereiro, bem como cartilhas educativas. Segundo o material, a instituição já definia o uso restrito do celular em sala, conforme Regimento Disciplinar-IFPB vigente, sendo permitido apenas com autorização docente. Com a lei, as restrições de uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais abrangem o recreio e horários de intervalo. A proibição atual abarca, também, os estudantes matriculados nos cursos técnicos integrados com o Ensino Médio na instituição.

O folheto informativo sugere, inclusive, atividades para serem desempenhadas nas horas vagas, como clubes temáticos, momentos de expressão artística, sessões de relaxamento, sessões de cinema, momentos de acolhimento e rodas de conversa.

Uso permitido

Apesar de estar vetada a manipulação dos telefones móveis, há situações em que é permitida a utilização dos aparelhos, como, por exemplo, para fins estritamente pedagógicos ou didáticos, com orientação dos profissionais de educação. Além disso, em situações de perigo, estado de necessidade ou caso de força maior.

Em seu artigo terceiro, a Lei nº 15.100/2025 regulamenta que o celular pode ser utilizado também quando tem por finalidade garantir a acessibilidade, a inclusão, atender às condições de saúde dos estudantes e garantir direitos fundamentais.

Conforme o diretor Bruno Pontes, os estudantes têm autorização para levar o dispositivo ao colégio, mas o uso é restrito a situações específicas: durante a compra do lanche na cantina, em casos de pagamentos necessários, e, no momento da saída, para solicitar carro por aplicativo ou entrar em contato com a família para o deslocamento.

Papel das famílias

O uso de celulares modifica as relações interpessoais

na escola, prejudicando a comunicação entre alunos, professores e gestores, afetando a convivência e o aprendizado. A adaptação a essa nova rotina sem celulares envolve alunos, famílias, professores e técnicos. Assim, para colocar em prática essa norma que moldou o cotidiano dos estudantes de todo o país, a participação da família é primordial para o sucesso e efetividade da lei.

No Instituto Federal da Paraíba (IFPB), o papel dos pais e responsáveis foi pontuado no artigo sétimo da Portaria Interna, definindo que “a família será chamada a apoiar ativamente na conscientização sobre o uso excessivo de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais, com foco no desenvolvimento integral dos estudantes, na proteção à saúde física e mental, e no incentivo ao uso responsável da tecnologia, tanto no ambiente escolar quanto no familiar”.

A diretora Gezair França

comenta que os pais têm colaborado de forma significativa para a aplicação desta norma, o que facilita bastante o trabalho dos educadores. “Eles reforçam em casa, orientando sobre a proibição do uso inadequado dos aparelhos no ambiente escolar”, informou.

Clévia Carvalho, diretora de Ensino e Gestão da Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa, pedagoga e doutora em Educação, esclareceu que houve um tempo de adaptação na rede pública da cidade, e que contou com a cooperação dos pais e responsáveis para a implementação da norma. “Há o apoio dos pais, pois esse é também um trabalho educativo com as famílias”.

Nomofobia

A aplicação da normativa trouxe à tona um termo ainda pouco conhecido da população: nomofobia. De acordo com a cartilha do IFPB, essa expressão designa o medo irracional de ficar sem o celular ou ser impedido de usá-lo por algum motivo, como ausência de conexão ou bateria fraca. A nomofobia pode trazer graves consequências para a saúde física e mental das pessoas. Entre os sintomas estão ansiedade, isolamento social e alterações de humor, por exemplo.

Bruno Pontes observou que a presença da nomofobia foi maior nos alunos do Ensino Médio, apresentando resistência durante os dois primeiros meses. “Com o tempo, eles foram se adaptando e hoje é muito mais normalizado esse processo de não estar sempre com o celular”, pontuou. O diretor ainda comentou que a impossibilidade de acesso ao dispositivo, no começo, cau-



O dominó tanto trabalha a mente quanto distrai os alunos



Eles [os pais] reforçam em casa, orientando [os filhos] sobre a proibição do uso inadequado dos aparelhos no ambiente escolar

Gezair França

sou ansiedade em alguns discentes. “Alunos com alguns transtornos específicos ficaram mais ansiosos, mais nervosos, mais agressivos durante a fase de transição”.

A Lei nº 15.100/25 antecipou-se a esse cenário e afirmou que as escolas devem criar formas de abordar a saúde mental dos alunos, ensinando sobre os riscos, sinais e como evitar o sofrimento psíquico em crianças e adolescentes, incluindo o uso excessivo de celulares e o acesso a conteúdos inadequados. Além disso, as unidades de educação devem criar espaços de escuta e acolhimento para estudantes ou funcionários que sofrem de problemas de saúde mental, principalmente devido ao uso excessivo de telas e à nomofobia.

O colégio Século implantou a disciplina socioemocional, que, segundo Bruno Pontes, foi fundamental para esse processo. “Ter um profissional de saúde mental em sala de aula, com um componente curricular trabalhando temas como estresse, depressão e ansiedade, acabou balanceando um pouco esse caminho”.

Para Clévia Cunha, estudos da Pedagogia, da Psicologia, da Psicopedagogia, da Pediatria e áreas afins têm demonstrado os danos do uso excessivo de telas para crianças e adolescentes em relação ao desenvolvimento e aprendizagem, considerando impactos cerebrais, que se reverberam no progresso do pensamento e da fala, bem como no desenvolvimento socioemocional das crianças e adolescentes. “Como pedagoga, professora e, no momento, atuando na gestão da rede municipal de ensino, sigo com o que diz a ciência, com o que a prática pedagógica nos revela sobre o uso excessivo das telas pelos estudantes e considero que essa é uma ação benéfica para a política de proteção das crianças e adolescentes”.



IFPB fez uma cartilha para orientar os discentes

Foto: Divulgação/IFPB

PREVENÇÃO

Hábitos saudáveis evitam Alzheimer

Pesquisa publicada na *The Lancet Americas* aponta que mais de um milhão de brasileiros poderiam prevenir a doença

Marcelo Lima
marcelolimananatal@yahoo.com.br



Foto: Arquivo pessoal

De cada 10 casos da doença de Alzheimer no Brasil, seis poderiam ser evitados ou adiados. Essa foi uma das conclusões da pesquisa intitulada "O Potencial de Prevenção da Demência no Brasil", publicada na revista *The Lancet Americas*. Segundo o mesmo estudo, 1,7 milhão de brasileiros têm algum tipo de demência. Se todos esses diagnósticos forem associados ao Alzheimer, isso significa que 1.020.000 poderiam não desenvolver a doença caso adotassem um estilo de vida saudável.

No texto divulgado, são listados 14 fatores de risco que podem ser mudados para afastar ou atrasar o Alzheimer. Os aspectos mais destacáveis são baixa escolaridade na juventude, depressão na meia idade e perda de visão quando idoso.

A campinense Maria de Lourdes Soares Silva, de 78 anos, tinha dois desses fatores, quando foi diagnosticada com demência mista (Alzheimer e vascular), em 2018. O primeiro, relatado por sua neta Ana Claudia Soares, foi o analfabetismo, tendo em vista que sua avó não sabia ler nem escrever. O segundo sintoma, a perda da visão do olho esquerdo, foi manifestado após Maria de Lourdes sofrer sete acidentes vasculares cerebrais e ficar acamada.

Quando os primeiros sinais da doença de Alzheimer foram percebidos, os familiares procuraram um médico particular. "Minha avó estava ficando esquecida. Perguntávamos sobre os nomes dos filhos e ela não sabia responder, nem lembrava a própria idade. Também parou de se alimentar direito e chegou a jogar a comida fora", relatou Ana Cláudia, que também é uma das cuidadoras de Maria de Lourdes.

Prevenção

Se mais da metade dos fatores de risco para a doença podem ser contornados, isso quer dizer que o estilo de vida é mais determinante

As drogas Z [Zolpidem, Zolpiconal] e os diazepínicos aceleram o processo de Alzheimer, porque ajudam a ter um sono não profundo

Luiz Severo Júnior

que a genética. "Nossos hábitos têm um efeito epigenético, ou seja, eles podem 'ligar ou desligar' um gene que estaria determinado, teórica e geneticamente, à doença de Alzheimer", explicou o neurocirurgião Luiz Severo Júnior.

Sono profundo, boa alimentação, interação social, além de atividades intelectuais e físicas ajudam a erguer uma barreira contra a temida doença, que tem como a principal característica matar as células cerebrais. O sono profundo, por exemplo, estimula o sistema glinfático, que é o "faxineiro do cérebro".

Quem usa remédios para dormir tem essa função de limpeza natural prejudicada. "As drogas Z [Zolpidem, Zolpiconal] e os diazepínicos aceleram o processo de Alzheimer, porque ajudam a ter um sono não profundo. É no sono profundo, no sono reparador, que eu tenho a retirada da proteína Tau que pode causar o tipo de demência mais comum do planeta", informou Severo Júnior.

Kisunla

A mais nova medicação para Alzheimer não trata apenas os sintomas, mas ataca a raiz do problema.

Liberada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em abril deste ano, o Kisunla (substância ativa: donanemabe) é indicada para pessoas em fase inicial da doença.

Cada dose pode custar até R\$ 5 mil. O tratamento completo pode durar até 18 meses, sendo uma dose ministrada a cada quatro meses. O novo remédio ainda não foi incorporado ao Sistema Único de Saúde (SUS) nem aos planos de saúde. Só é possível encontrá-lo em clínicas particulares.

A doença de Alzheimer ocorre por concentração de proteínas nos neurônios. O Kisunla consegue fazer a limpeza das placas da proteína beta-amilóide, que se acumula na superfície das células do cérebro.

Apesar disso, a "faxina" não é suficiente para curar o paciente, que deve ter seu quadro de saúde acompanhado por um profissional em função dos riscos do medicamento. "É como se o paciente ganhasse em torno de seis meses de uma preservação cognitiva se comparado com o paciente que não toma. Tem risco de sangramento cerebral, risco de adeno-uma cerebral, um risco pequeno, mas há", ressaltou o neurocirurgião.

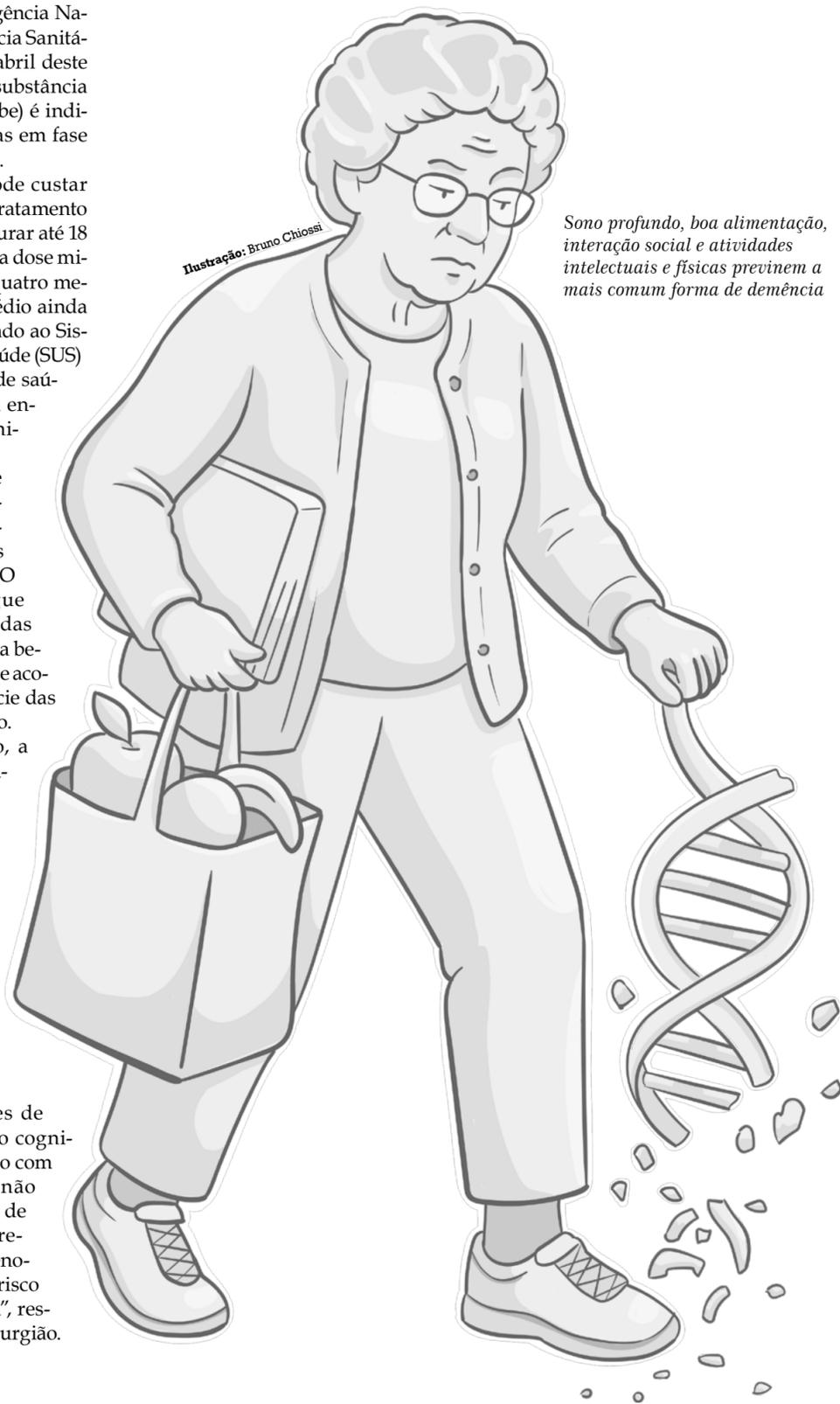


Ilustração: Bruno Chiossi

Sono profundo, boa alimentação, interação social e atividades intelectuais e físicas previnem a mais comum forma de demência

Cuidadores costumam sofrer com ansiedade

Cuidar de quem ama é uma missão irrenunciável para a estudante Ana Cláudia Soares, de 34 anos. "Quanto mais ela perceber que está sendo amada, melhor pra ela. Existem famílias que descobrem que têm uma pessoa com Alzheimer ou demência, colocam num asilo. Acho isso muito feio. Foi minha avó quem cuidou de mim durante muitos anos", defendeu.

Além de Ana, sua mãe e um tio dividem os cuidados diários com Maria de Lourdes Soares, que envolvem banhos, alimentação, medicação, trocas de roupas e fraldas.

O tio só se afasta dessa rotina quando participa de pregações religiosas. Às quartas-feiras, é Ana quem se ausenta, pela manhã, para frequentar as aulas do curso de atendente de farmácia. A mãe de Ana é a única que permanece, todos os dias, ao lado de Maria de Lourdes, que tem ainda outros seis filhos.

O psicólogo e neurocientista Elder Rolim explica que normalmente a atribuição do cuidado familiar recai sobre os filhos com mais proximidade

emocional. No entanto, isso pode sobrecarregar esses indivíduos. "Uma sobrecarga física, emocional e até financeira. Imagina uma mulher ativa, que deixa de trabalhar, para cuidar da mãe ou de um pai. Ela baixa a renda em casa para se dedicar a alguém", comentou.

No campo financeiro, o Relatório Nacional sobre Demências (Renade) de 2023 estima que o custo médio mensal de uma pessoa com demência varie de R\$ 2.082, no estágio inicial, a R\$ 3.893 na fase mais avançada da doença.

Com o passar do tempo, a pessoa com Alzheimer torna-se cada vez mais dependente dos outros, o que exige mais tempo e paciência. "Quando se cuida de uma criança, aos poucos ela vai deixando de ser dependente. No Alzheimer, é o contrário. Que possa haver descanso para esse cuidador, para restabelecer as forças físicas e mentais, para estar apto a cuidar novamente sem que isso seja adoeecedor", recomendou o profissional.

Depressão e ansiedade

A pesquisa "Ocorrência

de Depressão e Ansiedade em Cuidadores Primários de Indivíduos com Demência tipo Alzheimer" observou diferentes níveis de ansiedade e depressão (um dos fatores de risco para a doença) em duas esposas que cuidavam de seus maridos.

Uma delas teve um comprometimento psicológico maior que a outra. Para os pesquisadores, isso pode ter ocorrido em razão da rápida evolução da doença da pessoa cuidada, associada à falta de apoio familiar e social.

Além da dor de perder, aos poucos, um parente, os cuidadores familiares também sofrem uma discriminação sutil. "Cuidadores e

cuidadoras familiares de pessoas que vivem com demência sofrem exclusão social indireta ou abandono por meio da exclusão social sofrida pela pessoa que vive com demência", registra o Renade 2024.

Aspecto financeiro é relevante. Na fase mais avançada da doença, as incumbências chegam a custar quase R\$ 4 mil

Saiba Mais

Setembro Lilás

A campanha ocorre anualmente para tornar a doença de Alzheimer mais conhecida, reduzir a desinformação e aumentar a pressão social por políticas públicas adequadas.

No Brasil, o Dia Nacional de Conscientização da Doença de Alzheimer, lembrado em 21 de setembro, foi instituído em 2008 pela Lei nº 11.736. Segundo o Ministério da Saúde, no ano de 2024, a Lei nº 14.878 implantou a Política Nacional de Cuidado Integral às Pessoas com Doença de Alzheimer e Outras Demências, a ser efeti-

vada por meio da articulação multissetorial, especialmente de áreas como saúde, previdência e assistência social, direitos humanos, educação, inovação, tecnologia e outras que se mostrem essenciais nas discussões e na sua implementação.



Para ter acesso ao site nacional do Setembro Lilás, acesse o QR Code

Saiba Mais

Cuidado em números

- 83,6% dos cuidadores são informais;
- 86% são mulheres;
- 10h12min é a média do tempo que dedicam diariamente aos cuidados;

Fonte: Relatório Nacional sobre Demências (Renade/2023).

COMBATE AO PRECONCEITO

Fé na luta contra a discriminação

Alvos recorrentes de racismo e intolerância, adeptos de religiões de matrizes africanas clamam por respeito e justiça

Bárbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

O caso de um terreiro de candomblé que foi invadido e depredado, durante uma celebração religiosa no fim de semana passado, em João Pessoa, chamou a atenção para um problema que não é novo, na Paraíba ou no Brasil: a intolerância religiosa. Representantes de religiões de matrizes africanas, alvos recorrentes desse tipo de ato, afirmam que a luta contra o preconceito é constante e as ocorrências de intolerância sempre se repetem.

Somente na capital paraibana, o Ministério Público do estado (MPPB) recebeu, até o momento, nove denúncias de crimes desse gênero neste ano, incluindo o episódio do dia 13 de setembro — também considerado o mais violento. O ataque aconteceu quando o terreiro, localizado no Bairro das Indústrias, estava cheio de pessoas reunidas, para uma festa no espaço, e assustou todos os presentes.

A promotora de Justiça Fabiana Lobo, que atua na área de Cidadania e Direitos Fundamentais, explicou que, sobre esses casos, o MPPB instaura um procedimento para acompanhar as investigações criminais, até o momento da eventual distribuição do processo criminal e, quando cabe à situação, atua



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Representantes de tradições como o candomblé lamentam que ocorrências se repitam no dia a dia; na capital, um terreiro foi invadido e depredado, no último dia 13

na defesa cível de direitos coletivos.

Um exemplo disso é a ação judicial por dano moral coletivo, interposta contra a empresa de aplicativo de transporte Uber Brasil, por racismo religioso praticado contra uma mãe de santo em

João Pessoa. Esse episódio, ocorrido no ano passado, foi denunciado após um motorista vinculado à plataforma recusar-se a prestar serviços para a mulher. Na ocasião, a vítima estava vestida com roupas típicas usadas no candomblé e recebeu mensagens

de cunho preconceituoso por parte do condutor. Em decorrência do caso, o acusado foi banido da Uber.

Outro exemplo de intolerância religiosa são os repetidos ataques à imagem de Iemanjá, situada na Praia de Cabo Branco, na orla pes-

soense, que já foi vandalizada diversas vezes, ao longo dos anos, chegando a ter sua cabeça arrancada em 2016. Atualmente, a estátua, que passou por uma restauração, está protegida por uma redoma de vidro, na tentativa de inibir novas depredações.

■ Em João Pessoa, o MPPB registrou nove denúncias de crimes do tipo neste ano

Casos são investigados por delegacia especializada

De acordo com o sociólogo Stênio Soares, professor convidado em uma disciplina sobre a Jurema Sagrada, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sempre houve intolerância contra as religiões afro-brasileiras. “Esse fenômeno não é novo, mas repercute mais hoje, porque se trata de um crime tipificado. A intolerância é estrutural, expressão do que chamamos de racismo religioso, afinal, falamos de religiões de matrizes africanas e indígenas”, comentou.

Ele frisou que essas ativi-

dades religiosas chegaram até a ser censuradas no país. “Antes de 1966, essas práticas eram proibidas no Brasil e reprimidas pelo Estado, sobretudo pela Polícia Militar. Durante a Ditadura, mesmo após a legalização, a perseguição continuou. Apenas com a Constituição de 1988 conquistamos a liberdade religiosa, mas os cultos ainda sofrem preconceito e discriminação há séculos. Esse problema é estrutural e não se resolve em poucos anos. O Estado precisa garantir políticas públicas de proteção, punir atos de violência religiosa e, ao mesmo tempo, educar a sociedade para o diálogo inter-religioso”, opinou.

O delegado Marcelo Falcone, da Delegacia de Repressão aos Crimes Homofóbicos, Étnico-Raciais e Delitos de Intolerância Religiosa (Dechradi), explicou que os casos de intolerância podem compreender a injúria religiosa e o racismo religioso.

Nas ocorrências da primeira categoria, palavras depreciativas são direcionadas a uma pessoa em relação a sua religião ou crença. “Já se a atitude envolver um impedimento, um obstáculo, uma supressão de direito por causa de uma religião, por exemplo, pode ser compreendida como racismo religioso, bem como se esse preconceito for direcionado a praticantes de uma religião, e não apenas a uma única pessoa”, esclareceu o delegado.

As penas para esses crimes variam de dois a cinco anos de reclusão, pois a lei prevê algumas circunstâncias agravantes.

Educação e conscientização são aliadas

Guardião da Jurema Sagrada, Pai Beto apontou que a intolerância está presente no cotidiano das pessoas que seguem religiões de matrizes africanas e relatou situações de preconceito que ele mesmo sofre. “A minha casa tem algumas artes que eu coloquei, colunas, cabeças de leão. Tem uma imagem também do próprio Jesus Cristo na frente. Mas, pelo fato de as pessoas saberem que ali mora um pai de santo, tem gente que, quando passa na porta da minha casa, sai da calçada e faz o sinal da cruz várias vezes”, revelou.

Ele também lembrou que, ao andar na rua trajando as roupas brancas tradicionais da religião, percebe muitos olhares de reprovação. “As pessoas ainda jul-

gam muito pela maneira de se vestir, pela escolha religiosa”, desabafou.

Ainda a respeito do tema, Pai Beto destacou o caso recente de um padre paraibano que, após a morte da cantora Preta Gil, no fim de julho, falou de forma preconceituosa sobre a fé do pai dela, Gilberto Gil. Enquanto celebrava uma missa, o sacerdote Danilo César, da Paróquia de Areial, vinculada à Diocese de Campina Grande, questionou por que os orixás da religião seguida pela família dos artistas não salvaram Preta de um câncer. O padre foi denunciado e um inquérito foi aberto para investigar o episódio, que ganhou repercussão nacional.

“Muitos desses crimes

são praticados por pessoas que deveriam estar trabalhando a paz, a união, de maneira coletiva. Algumas lideranças religiosas prestam-se ao papel de falar de outra cultura, de outra tradição, de outra religião, para se sobrepor ou colocar a sua religião como verdadeira absoluta em um estado laico”, lamentou.

Ele ressaltou que esse tipo de situação traz abalos psicológicos às vítimas do preconceito. “Eu paro durante alguns momentos e fico pensando o porquê de tudo isso. Os praticantes de religiões de matriz afro-brasileira não vivem na porta de ninguém, não vivem aviltando ninguém na rua, nem atacando outra religião, de maneira nenhuma. Pelo contrário, nós só que-

remos respeito”, resumiu.

Mobilização

A presidente da Federação Independente dos Cultos Afro do Estado da Paraíba, Mãe Renilda, salientou que os casos de intolerância são comuns, não apenas em João Pessoa, mas também em cidades circunvizinhas, como Bayeux.

Ela detalhou que, como presidente da entidade representativa, vem discutindo o problema junto a órgãos como a Secretaria das Mulheres e da Diversidade Humana (Semdh) da Paraíba e com os ministérios públicos Federal e Estadual. “A gente vem fazendo formações com agentes das polícias Civil e Militar, para melhorias enquanto pessoas, enquanto humanos, para cuidar dessas questões étnicas e raciais”, pontuou.

“Essa não é uma questão só da Paraíba, mas do Brasil, onde as pessoas se acham não intolerantes, não racistas, mas, no fim, são racistas, intolerantes e desrespeitosas”, complementou a ialorixá, frisando as ações que a federação tem adotado e o que ainda pode ser feito para reverter esse cenário. “Temos seminários, encontros, oficinas e debates, mas o que nos falta é pegarmos a comunicação audiovisual e colocá-la para funcionar como um ponto de luta contra a intolerância religiosa”, refletiu.



Foto: Arquivo pessoal

O Estado precisa garantir políticas públicas de proteção, punir atos de violência e, ao mesmo tempo, educar a sociedade para o diálogo inter-religioso

Stênio Soares



Foto: Roberto Quevedes

Pai Beto lamenta e questiona o comportamento hostil de pessoas que encontra na rua

ACESSIBILIDADE EM DESTAQUE

Programa completa três anos no ar

Destaque na grade da Rádio Tabajara FM, atração matinal renova compromisso na luta contra o capacitismo

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

No calendário, setembro é tempo de vestir o verde, da inclusão. E, no Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, celebrado hoje, em todo o país, nada mais simbólico do que destacar uma das vozes que têm feito a diferença na Paraíba. Veiculado pela Rádio Tabajara FM 105.5 MHz, todas as quartas-feiras, às 6h, o Acessibilidade em Destaque completa três anos no ar, transformando o microfone em espaço de diálogo, com informações que derubam barreiras, enfrentam o capacitismo e fortalecem a luta por direitos fundamentais. Para Hanna Pachu, gerente operacional de Braille na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e uma das apresentadoras do programa, a limitação não está na deficiência, “e sim nos obstáculos impostos pela sociedade”. E é justamente isso que o Acessibilidade em Destaque propõe-se a questionar e esclarecer.

Na edição especial que foi ao ar na última quarta-feira (17), Hanna e Otto de Sousa — que conduzem o programa ao lado de Alicy Pontes — celebraram a data, lembrando o caminho percorrido desde a estreia, em 21 de setembro de 2022. “Três anos compartilhando informações essenciais sobre as garantias de direitos, divulgando arte, cultura e lazer que fomentam a inclusão e dando destaque aos artistas, atletas e profissionais que batalham e brilham, para além de qualquer limitação imposta pela sociedade”, afirmou Otto, que, além de apresentador, é revisor de Braille da EPC.

Para ele, como pessoa com deficiência visual, transformar essas pautas em conteúdo acessível é dar voz a uma luta diária e necessária. Otto acredita que esse compromisso é o que faz do Acessibilidade em Destaque um espaço vivo e inspirador, capaz de mobilizar o público a par-

ticipar ativamente da construção de uma sociedade mais inclusiva. Não à toa, estar à frente do programa carrega um significado bastante profundo. “Por eu vivenciar muitas barreiras, sei da importância de ter esse espaço. É uma forma de conscientizar quem não tem contato com essa realidade”, refletiu. Para se ter ideia, há obstáculos à inclusão na comunicação, na arquitetura, no transporte e até nas atitudes que tomamos — desafios que, segundo Otto, precisam ser reconhecidos para que possam ser superados.

Ao lado de Hanna e Alicy, ele recorda que o programa foi idealizado pouco antes da pandemia de Covid-19 e considera simbólica a estreia no Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, tornando o projeto ainda mais representativo. Vale lembrar que a data, instituída pela Lei nº 11.133/2005, destaca a importância de garan-

tir os direitos fundamentais das pessoas com deficiência e de promover sua plena participação na sociedade. Seu objetivo é sensibilizar a população sobre o respeito à diversidade e a urgência de assegurar a igualdade de oportunidades, por meio de políticas e práticas inclusivas.

Segundo a equipe de apresentadores, é com esse mesmo espírito que o programa segue no ar: para inspirar, provocar reflexão e manter a inclusão no centro do debate. “O Setembro Verde foi nomeado como o mês para conscientizar e lutar pela inclusão social das pessoas com deficiência. Informar e incentivar a promoção de ambientes acessíveis, além de reconhecer e valorizar as habilidades e potencialidades das pessoas, também são alguns dos objetivos do Acessibilidade em Destaque”, complementou Hanna, durante o programa da quarta-feira (17).



Os apresentadores Otto de Sousa e Hanna Pachu celebram o sucesso da iniciativa inclusiva, lançada no Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência

Foto: Roberto Quedes

Diretora-presidente da EPC exalta relevância alcançada pelo projeto

A edição comemorativa do Acessibilidade em Destaque trouxe, ainda, a participação de Naná Garcez, diretora-presidente da EPC, que destacou o impacto do programa, para além das manhãs de quarta-feira. De acordo com Naná, trata-se de um espaço de diálogo e de conscientização, que fortalece a missão da EPC e tem potencial para crescer ainda mais. “Quando surgiu a ideia do programa, achei ótimo. Mas eu não tinha a dimensão da relevância que ele alcançaria. Esse espaço que vocês preenchem é fundamental e esclarecedor. Nós ganhamos mais credibilidade e respeito como empresa”, reforçou Naná, dirigindo-se à equipe da atração. Segundo a diretora-presidente da EPC, é preciso entender que a inclusão é o melhor caminho para a sociedade, o que reforça, ainda

mais, a importância do programa como palco permanente de transformação social.

O público também teve voz na comemoração da semana passada, reforçando essa conexão que o programa construiu ao longo dos últimos três anos. Robson Santos, advogado, pessoa cega e presidente da Federação Nordestina de Esportes para Cegos (Fenec), classificou o Acessibilidade em Destaque como “uma das mais relevantes plataformas de comunicação voltadas à inclusão da pessoa com deficiência” e desejou vida longa à iniciativa. Já o professor e cordelista Gilvan Holanda, ouvinte assíduo da Rádio Tabajara, não escondeu o carinho que tem pelo programa: “Sou cadeira cativa. Não vejo outra programação melhor do que essa. Cada edição é uma aula”.



Foto: Carlos Rodrigo

Esse espaço é fundamental e esclarecedor. Nós ganhamos mais credibilidade e respeito como empresa

Naná Garcez

Aprendizado, desafios e missão social marcam trajetória

Quem ouve o Acessibilidade em Destaque talvez não imagine os inúmeros desafios que se impõem para manter um projeto como esse no ar. Ao fazer um balanço desses três anos de trabalho, Otto, Hanna e Alicy abriram os bastidores da atração e lembraram que o início foi de muito aprendizado. A primeira barreira foi técnica: aprender a linguagem do rádio, montar roteiros e adaptar o conteúdo para o novo formato. Mas esse esforço não foi em vão, tanto que, hoje, o programa ocupa até 10 minutos da grade da emissora e aborda de tudo um pouco, de esporte a saúde, passando por cultura, educação e política, sempre com foco na inclusão.

Não por acaso, a curadoria de conteúdo segue como um desafio diário diante dessa diversidade temática. “Um dos maiores desafios é trazer temas novos toda semana, que informem e agreguem aos ouvintes. Mas é também o que mais nos motiva, porque aprendemos muito no processo — como pessoas e profissionais”, resumiu a apresentadora e gerente operacional, Hanna Pachu. Em sua avaliação, o Acessibilidade em Destaque consolidou-se, ao longo dos anos, como um programa essencialmente social, que informa e inspira, com a missão de conscientizar a população em torno dessa temática. “Nosso objetivo é atingir não apenas

as pessoas com deficiência, mas também quem ainda não tem consciência sobre o tema. A informação é fundamental para evitar que a exclusão aconteça por falta de conhecimento”, reforçou Hanna.

A evolução do programa reflete, também, o amadurecimento do setor dentro da própria EPC. Como lembrou Alicy Pontes, integrante da equipe da Imprensa Braille da empresa, tudo começou com a transcrição mensal do jornal A União para o braille, abrindo as portas para iniciativas mais inclusivas. Foi o rádio, no entanto, que deu maior visibilidade ao trabalho e ampliou o alcance da mensagem, criando espa-

ço para novos serviços de acessibilidade. “Hoje, oferecemos audiodescrição, impressão em tinta ampliada, junto ao braille, e até cartão de vacinação acessível. É um setor que está sempre em crescimento e buscando novas soluções”, destacou.

O Acessibilidade em Destaque segue semanal, mas a equipe já recebeu sugestões para reprisá-lo ou mudá-lo de horário, com o intuito de ampliar seu alcance, já que o programa começa cedo, às 6h. Por ora, contudo, preferem manter o formato e a qualidade. “Só em ter o espaço e poder levar essas pautas ao público, todas as semanas, já é uma grande vitória”, concluiu Otto.



Alicy Pontes também integra equipe da Imprensa Braille

Foto: Leonardo Azeite

MÚSICA

Canções de família

Fotos: Marcio Miranda/Divulgação



Pedro Osmar e Paulo Ró trazem de volta o Jaguaribe Carne para um novo álbum, que será lançado no próximo sábado

Os irmãos Pedro e Paulo tocaram juntos neste mês, em festival promovido pela Funetec



Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Maria Isabel morou por muito tempo na humilde Rua da Paz, no bairro pessoense de Jaguaribe, nem imaginando que, no ano de 1974, seus filhos, Pedro Osmar Gomes Coutinho e Paulo Roberto do Nascimento (Paulo Ró), crias do bairro, seriam revolucionários da música popular, com a criação do grupo Jaguaribe Carne. Isabel e suas memórias da Rua da Paz foram-se com o tempo, mas a intensa atuação cultural dos filhos não ficou no passado. Gravado no Estúdio Peixe Boi, nos Bancários, *Isabel, Sete Cirandas Negras e um Apito* (distribuído pela Taioba Music), mais novo álbum do Jaguaribe Carne, aporta no mundo para quebrar o silêncio do estúdio, desde o último álbum autoral da banda, há 21 anos.

O trabalho estará disponível em tiragens limitadas – formatos CD (100 unidades) e vinil (100 unidades) –, com pré-venda na *site* da Taioba Discos a partir do próximo sábado (27). Nesse mesmo dia, o álbum sobe às plataformas digitais e será lançado em show do Jaguaribe Carne, a partir das 19h, no Clube Veteranos, em Jaguaribe, com entrada gratuita. Participam do show os cantores Ecurinho e Totonho.

“A gente nunca saiu de Jaguaribe. Cada um foi pro seu canto, mas a gente continua tendo essa emoção de ‘morar’ em Jaguari-
be”, afir-

ma Paulo Ró, que deixou o bairro quando tinha por volta dos 18 anos. Ainda chegou a morar novamente por lá, saiu outra vez, mas, como ele mesmo diz, o bairro está visceralmente agarrado à sua carne, tal como o espírito experimentalista de seu heterodoxo grupo.

No ano passado, Pedro Osmar sofreu um acidente vascular cerebral, mas segue firme no Jaguaribe Carne – no começo do mês, subiu ao palco com sua zabumba durante o Festival de Sustentabilidade, Inovação e Cultura, promovido pela Fundação de Educação, Tecnologia e Cultura da Paraíba (Funetec). “Pedro está bem. Continua fazendo fisioterapia e tá comendo direito, porque ele é um menino peralta, só quer comer o que não pode”, brinca Ró.

O tributo fonográfico de Pedro e Paulo a Dona Isabel demorou cerca de um ano para ficar pronto. “Quando você vai ouvir o disco, você diz: ‘Rapaz, esse pouquinho de coisa durou um ano?’”, comenta Paulo, referindo-se às oito trilhas de sua lavra. Pensadas e criadas com cuidado, aos poucos as canções foram tomando forma, sem pressa de soltar a mão.

Seguindo o *modus operandi* que é próprio ao Jaguaribe Carne, as letras são de Pedro Osmar, enquanto que as melodias ficaram a cargo de Paulo Ró. Quando Dona Isabel morreu, Pedro escreveu uma série de pequenas poesias, em reverência pos-

tuma. De pronto, Ró as musicou.

A tônica do afeto familiar faz-se tão presente que a esposa de Paulo Ró e suas filhas – Tina Nascimento, Tereza Cristina, Glória Nascimento, Naderdane Uloth – entoam as vozes femininas que o acompanham nas cirandas, conferindo brilho real às declarações filiais de amor. “Eu as chamei de Coro das Praias”, diz ele, em alusão ao município onde moram, Lucena.

Isabel, Sete Cirandas Negras e um Apito junta-se agora ao panteão histórico de *Jaguaribe Carne Instrumental* (1993) e *Vem no Vento* (2003), os dois outros discos da banda. Quem assina o prefácio do encarte da obra vindoura é o jornalista Sílvio Osias, que conhece os irmãos desde a infância, no início do curso ginasial, em 1971, quando estudavam no Colégio Estadual de Jaguaribe.

“Pedro Osmar tinha 17 anos. Paulo Ró tinha 13, e eu, 12”, descreve Sílvio. “Paulo Ró é mais a música em si e Pedro organiza o movimento, como diz Caetano”, ele explica acerca da complementação artística dos irmãos.

Cirandas para Isabel

Com o ganzá forrando o terreiro, a zabumba pulsa forte em ressonar contido em 2/4 de tempo, dando a deixa do compasso para “Ciranda na Rua da Paz”. Composta por Totonho, que entra cantando amparado pelas vozes femininas de fundo, a canção de abertu-

ra do disco pede a mão e um sorriso para uma ciranda que atinge as notas mais agudas em prol de um tempo que (não) volta. O metal em tom saudoso evoca as memórias do lugar onde moraram, como dizia Vital Farias (1943-2025), os “apóstolos Pedro e Paulo” – Vital foi um primeiro professor dos irmãos, conforme relata o livro *Jaguaribe Carne – Experimentalismo na Música Paraíba* (2017), fruto da dissertação de mestrado em Música do baterista e pesquisador George Glauber Félix.

“Ele (Totonho) já tinha feito a música há um tempo atrás. Tinha mostrado a Pedro, e Pedro lembrou-se que Totonho tinha uma música falando exatamente da ciranda na Rua da Paz”, comenta Paulo Ró. Já “Caixa de joias”, segunda faixa, acelera o ritmo, com Paulo Ró cantando o encontro de Dona Isabel com os familiares Naná, Regina, Adauto, Fatinha e Osias, do lado de lá.

“Mamãe viajou na hora certa / juntou sua história com seu Osias” é a primeira parte de “Hora certa”, terceira faixa do álbum, a qual, como todas as demais, acaba por funcionar como um refrão. Logo na primeira audição, a mensagem de uma emoção palpável vem sustentada pelo Coro das Praias, ora apoiadas pelas batidas *folk* do violão.

Em entrada triunfal, o sitar de Felipe Kariri indianiza a

melodia de “Tambores”, em cântico cadenciado que busca na “floresta da família” quem vai querer dar a mão a Dona Isabel para uma ciranda. A guitarra elétrica, representante-mor da subversão aos ditames estéticos nacionais de outrora, distorce o tempo repetindo semicolcheia incisiva que parece vir descolada da batida; ligeiramente atrasada no compasso do rock de “Ecoou”.

“Cocada”, como pré-enunciação, balança no coco e chama, para a grande roda de Jaguaribe, seu povo que partiu em viagem. Sétima canção, “Beca” sustenta o pilão e a canjica de Beca, gingando o ganzá até o dia amanhecer. Participam também do disco o duo Bravia, composto pelas violoncelistas gêmeas Mayra e Mayara Ferreira, que encantam as cordas na instrumental “Ciranda satélica”, orbitando, por último, o núcleo forte de Isabel.

“Fizemos questão de deixar essa coisa do natural, do primitivo pra coisa ficar bem raiz”, comenta Paulo Ró. Para Sílvio Osias, o novo trabalho parece voltar a algo que precede a própria estética do grupo. “É uma coi-

sa que já existe antes do próprio Jaguaribe Carne, só que eles fazem da maneira deles. Conversando com Paulo Ró, eu falei pra ele que quem está fazendo isso há alguns anos é Bob Dylan”, compara Osias. “O Jaguaribe Carne, hoje, e à maneira deles, recorre a fontes e matrizes que são muito anteriores ao próprio grupo. É um disco muito bonito; fiquei comovido quando ouvi”, acresce.

Quando passa, nos dias de hoje, pela Avenida Vasco da Gama, ou a Floriano Peixoto, Paulo Ró visualiza as casas que sumiram. Tudo virou outra coisa. Testemunhando o comércio, ele diz que a beleza das casas foi embora.

“É a história do progresso. Mas a gente tem essa capacidade de ficar com essas memórias do tempo que era bom. É o que vale”, reivindica. “É muito difícil a gente fazer essa música e fazer ainda o que estamos fazendo até hoje. Hoje em dia, não tem mais aquela coisa da música mesmo. Hoje tem que ser o ‘lengo-lengo’, né? A gente prefere não fazer (o lengo-lengo) e continuar”, conclui um dos mais importantes artífices da música popular paraibana, Paulo Ró.

JAGUARIBE CARNE

FESTIVAL
Sustentabilidade

Dupla voltou aos palcos e o fará de novo no dia 19, com show gratuito no Clube Veteranos, em Jaguaribe



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Quando emoções viram força de trabalho

Todo mundo já deve ter passado pela situação embaraçosa de fingir interesse numa conversa, apenas para não parecer mal-educado. Uma interação meramente protocolar que é seguida por acenos de cabeça, interjeições de espanto, expressões faciais como careta e frisar de testa.

É praticamente certo que, nesses casos, os cínicos levam vantagem; suas performances teatrais costumam ser mais convincentes do que a da grande maioria das pessoas. A vida cotidiana é marcada por esses episódios que não devem ser compreendidos como uma farsa.

Sociólogos chamam esse tipo de comportamento de “atuação superficial”. A escolha do termo é compreensível, porque falamos de um controle expressivo que visa fazer com que os outros nos vejam como desejamos ou que pareçamos atender às expectativas sociais. Assim, damos sinais falsos sobre o que realmente estamos pensando ou sentindo — dissimulando nossas emoções — como quando tentamos parecer felizes numa festa.

A ideia a seguir deve resumir melhor o que pretendo dizer: do mesmo modo que um ator que se prepara para interpretar determinada peça pode seguir uma técnica de atuação típica à escola de teatro inglesa, mais preocupada com pequenos detalhes expressivos da personagem, também pode adotar uma técnica de “atuação profunda”, como a da escola americana ou o método Stanislavsky. Ambas fornecem ao ator as condições essenciais para desenvolver, em si mesmos, os pensamentos e emoções da personagem.

A “atuação profunda” eleva o grau de exigência do gerenciamento emocional, pois não se limita a manipular aparências ao buscar interferir diretamente no que queremos sentir. Às vezes, nossos sentimentos estão em desacordo com nossas

crenças, valores morais e ideologias políticas. Como uma mãe que se sente culpada por não amar seu filho como a sociedade espera e, por isso, tenta corrigir o problema procurando alimentar o afeto; ou quando defensores do amor livre sentem ciúme de suas parceiras e agem para controlá-lo.

Cada vez mais o setor de Serviços, na atual economia capitalista, exige que seus empregados sejam capazes de oferecer emoções reais aos clientes, como forma de estabelecer uma relação mais duradoura e “sincera” com eles. É preciso que os trabalhadores acreditem no que fazem e que seus repertórios emocionais estejam verdadeiramente alinhados às estratégias das empresas. O que ajuda a entender o surgimento de um importante mercado de “*coaching* de inteligência emocional”. Espera-se, por exemplo, que um vendedor de planos de saúde tenha fé nos supostos benefícios que oferece aos clientes, que não seja algo “da boca para fora” — uma mera “atuação superficial”.

Segundo a socióloga norte-americana, Arlie Russel Hochschild, pelo menos, desde a década de 1960, as emoções passaram a fazer parte do mesmo pacote em que é vendido a força de trabalho no mercado capitalista. O que seria possível graças a uma reestruturação econômica que precipitou o surgimento de profissões marcadas pelo maior envolvimento emocional.

Esse, definitivamente, não foi um pré-requisito que os proletários do século 19 tinham que preencher; pouco importava se sentiam-se bem ou estavam identificados com o que faziam — desde que cumprissem as metas de produção.

As empresas, no entanto, passaram a explorar os sentimentos dos seus empregados com a ajuda de psicólogos, responsáveis por criar técnicas de aprendizado emocional. São eles que ensinam os em-

pregados a sorrir, controlar a raiva, reelaborar insatisfações, canalizar sentimentos para o melhor desempenho comercial e inculcar em seus corações o apego à organização; o que transformaria um “estilo afetivo” numa espécie de capital. Os sentimentos, desde então, tornaram-se sinônimo de lucro e bom desempenho produtivo.

Entre os casos estudados por Hochschild, o da Delta Airlines é um dos mais curiosos. Ela observou como o processo de contratação e preparação das comissárias de bordo tinha como objetivo evitar a “atuação superficial”. As mulheres mais bonitas e psicologicamente suscetíveis à manipulação eram o principal alvo na seleção de novos funcionários; após serem escolhidas, acabavam submetidas a treinamentos para despertar emoções “autênticas” e corporificar o “espírito empresarial”.

Podemos afirmar — como fez a socióloga israelense Eva Illouz — que a “competência afetiva” tornou-se um capital e um critério para o recrutamento e promoção de pessoal. O fenômeno surpreendente é que “as formas afetivas do capital podem ser convertidas em formas monetárias”. Os capitalistas não compram apenas a força de trabalho de seus empregados, mas também as suas emoções.

A “inteligência afetiva” assumiu papel de destaque e sem volta no capitalismo contemporâneo. Não é por acaso que grandes companhias como a L’Oréal medem o desempenho de seus funcionários com base na competência afetiva. De acordo com a empresa de cosméticos francesa, os empregados recrutados pelo novo critério possuem melhores índices produtivos e menor taxa de rotatividade que os contratados com base no critério antigo.

O capitalismo reduziu os afetos a “um simples valor de troca”, atirando-os às “águas gelidas do cálculo egoísta”.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Abraços
escassos

Alô, quem é? Tenho comigo, desde sempre a vontade de abraçar. Acho que é afeto mais antigo que o aperto de mãos, que, dizem, representa “estou sem armas”, mas o tiro não cessa. Hoje as pessoas acenam uns para outros ou fazem de conta que não estão se vendo. Tal como as sensações, os abraços originam-se dos movimentos.

Meu irmão William Pinheiro, quando era coordenador do curso de Publicidade e Propaganda do Unesp, criou uma campanha e nas camisetas frases estampadas no peito: “Me dá um abraço/ posso te abraçar?”. Claro que as camisetas representaram mais que um desejo.

Tenho sido abordado diversas vezes nas ruas, por pessoas que me seguem no Instagram e pergunto logo: “Posso te abraçar? Não custa nada”. Sou do tempo da delicadeza.

Um limão que a limonada alcança, já é um pouco de saúde, mesmo quando falta um pedaço da canção de Djavan — “na pureza de um limão, ou na solidão do espinho”. Nem tudo são flores.

Um papel em branco e um lápis azul para desenhar um sol amarelo, é mais bonito, sensível e personaliza que milhares de pessoas que estão ocupadíssimas, apressadas, sumidas, a mil, para ver a próxima postagem.

Tenho comigo um embornal lotado de saudades e não consigo matar essa saudade, a cada reencontro, além das incertezas, esperanças e temores de que estamos noutras conexões.

Um testemunho às claras — a pessoa agora escreve no Zap — “Posso te ligar?”. Ué, somos ou não somos amigos? E quando não tinha esse tal Zap, o som do telefone provocava uma sensação maravilhosa, e logo se ouvia — “Deixa que eu atendo”. Tá ligada, tá ligado?

Mensagens de parabéns de pessoas queridas enviadas pelo Zap, não funcionam. Não, até “um gambá cheira o outro”. Mandar mensagens tiradas da internet enviadas para os amigos no dia do aniversário, vem da luz das pilhas — tire a mão da consciência, põe a mão na consciência.

É meu coração quem desnuda os sentimentos. Conheço uma pessoa, sem pai nem mãe, que tinha maior consideração, um benfeitor das coisas soltas, hoje sequer atende as ligações, mas repete o refrão no Zap: “É muita coisa na minha cabeça”. Ora, amigos inteligentes não se utilizam de filosofias baratas, mas o barato sai caro.

Eu jamais vou eliminar o excesso de paisagem, a beleza das casas, a hora do almoço, a paixão do texto, a produção e o reconhecimento, jamais.

Simplificaram tudo em mensagens e tudo tem que ser pra ontem. Não é assim, aqui não é um parlatório, é só um jeito de corpo, nada de cobrança, mas o assunto não é esse — o abraço está escasso.

Eu quero banir a inutilidade do discurso raso, “tá linda, adorei, você é mil, você é o máximo, sempre maravilhosa, sextô, palminhas”. Sim, eu sei que é legal poder dizer sim, mas a geometria do não é a velha dedicatória.

O banquete é sua presença, meu amor. Seja no gozo falante, no sol semântico iluminando e aproveite pra mandar um abraço para ti, pequenina, da canção do Gonzaga, da Sebastiana e da Januária, que fechou a janela e foi dormir.

Kapetadas

- 1 – Só no Brasil tem coqueiro que dá coco?
- 2 – A conversa contemporânea é uma fila educada: cada um espera a sua vez de falar de si.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Música erudita da Paraíba

Durante o período colonial da Paraíba, de 1585 a 1889, a música sacra cristã foi introduzida nas igrejas por meio do *cantus planus*, o canto gregoriano. Nos espaços públicos, como vilas e municípios, bandas militares formaram músicos e preservaram festas populares e cívicas. Já no século 20, a música erudita paraibana ganhou destaque a partir de orquestras, grupos de câmara e corais, especialmente com a criação de instituições culturais, educacionais e acadêmicas.

Em 1931, foi fundada em João Pessoa a Escola Estadual de Música Anthon Navarro (Eman) pelo maestro Gazzi de Sá (1901-1981), inicialmente em sua casa, ao lado da Catedral de Nossa Senhora das Neves. Hoje, a escola funciona no Espaço Cultural José Lins do Rêgo. Já em 1945, a Sociedade de Cultura Musical da Paraíba criou a Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB), que estreou no Cine Plaza, em João Pessoa, com a regência do maestro Vicente Mário Ferrari Fittipaldi (1904-1995), foi registrada em 1948 e reconhecida como de utilidade pública pelas Leis nº 29/1945 e nº 564/1951.

A criação do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1978, marcou um avanço na formação musical, oferecendo cursos de bacharelado, licenciatura, mestrado e doutorado. A atuação do departamento contempla desde a formação de instrumentistas, compositores e regentes até pesquisa em educação e cultura musical. Em 2011, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) criou seu curso de Bacharelado em Música no campus de João Pessoa. A formação inclui prática instrumental individual e em grupo, recitais e estudos de improvisação, além de desenvolver percepção musical e interpretação artística. Em 2012, surgiu o Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima), instituído pela Lei nº 11.261/2018. O projeto busca



Foto: Cesar Matos/Diágnose

OSPB: música erudita acessível a todos

promover a inclusão social de crianças e jovens, especialmente os da rede pública ou em vulnerabilidade social, através do ensino de instrumentos sinfônicos. Com polos em vários municípios, o Prima estimula a cidadania, democratiza o acesso à música e valoriza a diversidade cultural paraibana.

A música erudita da Paraíba conquistou projeção nacional e internacional, impulsionada por festivais em João Pessoa e Campina Grande, e pela formação de músicos premiados em todo o país. Eventos como o Festival Internacional de Música Erudita de João Pessoa e ações sociais em bairros da capital contribuíram para isso. Compositores paraibanos têm sido fundamentais na construção de uma identidade musical própria, mesclando erudição com elementos culturais regionais como o forró, baião, ritmos afro-indígenas e folclóricos. Um dos nomes mais relevantes da música erudita paraibana é José de Lima Siqueira (1907-1985), nascido em Conceição do Piancó. Compositor e maestro reconhecido internacionalmente, Siqueira fundou a Orquestra Sinfônica Nacional, a do Recife, e diversas outras insti-

tuições musicais. Ele publicou livros didáticos importantes e regeu orquestras em vários continentes, sendo, frequentemente, convidado como jurado em concursos internacionais. Outro destaque é o multi-instrumentista Severino Dias de Oliveira, o Sivuca (1930-2006), nascido em Itabaiana. Sivuca levou a música da Paraíba ao mundo ao misturar gêneros como frevo, choro, jazz, blues, baião e música erudita. Foi maestro, arranjador, compositor e cantor de reconhecimento mundial, promovendo a cultura nordestina por meio de uma linguagem musical universal.

A música erudita continua a expandir sua visibilidade. A Rádio Tabajara FM 105.5 transmite o programa *Domingo Sinfônico*; o jornal *A União* mantém esta coluna Estética e Existência; e há uma temporada de concertos promovidos pela OSPB profissional, Jovem e Infantil, e dos festivais como o Internacional de Música de Câmara (PPGM-UFPB), o Paraibano de Coros e o Internacional de Música de Campina Grande. Essas ações proporcionam acesso democrático à música, promovem o desenvolvimento intelectual do público, fortalecem o senso de pertencimento e colaboram com a valorização da cultura. Além disso, desenvolve a sensibilidade estética, o senso crítico e ajudam na superação do embrutecimento humano, consolidando-se no imaginário coletivo como expressão viva de arte e cidadania.

Sinta-se convidado à audição do 536º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 21, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radio-tabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei peças que tratam do regionalismo do compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959).



William Pinheiro: “Me dá um abraço/ posso te abraçar?”

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Uma primavera jamais esquecida

Dezessete de setembro de 1914. Data que marca o início de toda uma geração dos Alexandre; consequentemente, do cinema.

Meu pai, Severino Alexandre dos Santos, foi um batalhador, sempre. Pioneiro de nossas vidas, artesão do cinema e agente inspirador de muitas gerações. Memorável em nossos sonhos, personagem dos ecrãs de luz e sombras, que tanto esmerou-se em construir, hoje reconhecido e eternizado pela Academia Paraibana de Cinema.

Todo 17 de setembro é uma data emocionalmente representativa para mim. Ainda mais quando nela celebramos o centenário de nascimento de um dos pioneiros do cinema paraibano.

Patrono da cadeira 5 da Academia Paraibana de Cinema, na qual, hoje, tenho assento, honrosamente, segui o meu pai em toda sua vida dedicada aos meandros da cinematografia. Não terá sido à toa que, aos 13 anos de idade ele já empunhava a manivela de uma câmera projetora, em sessões de um cinema que ainda não tinha aprendido a "falar", mostrando-se como gente grande.

Natural da região do Brejo paraibano, oriundo da família Gonçalves de Alagoa Grande, na Paraíba, seu Severino do Cinema (assim conhecido desde cedo na cidade de Santa Rita, onde se casou, construiu sua família e viveu sempre) acompanhou de perto a



Pai do colunista, Severino Alexandre dos Santos teria completado 100 anos no dia 17

evolução do cinema, construindo suas próprias salas de projeção. Inclusive, usando do seu próprio conhecimento artesanal, na construção das "lanternas mágicas" (a carvão), que iluminavam as sessões de seus cinemas.

Recentemente, a Academia Paraibana de Cinema rendeu-lhe tributo, publicando pioneiramente um livro, ressaltando passagens de sua vida e de suas experiências como exibidor não apenas em Santa Rita, mas também no distrito de Várzea Nova, onde construiu uma sala de projeção, e cidades como Mari, Pilar e Bayeux.

As relações comerciais de meu pai, mediadas sempre por mim, com os empresários Luciano Wanderley

(Cia. Exibidora do Cine Municipal), com os senhores Lemos e Valdemar, ambos da Cia. Cinemas Reunidos (Plaza), entre outros do setor, seus concorrentes, sempre foram do melhor quilate. Deles, inclusive, tivemos apoio à programação dos nossos cinemas, sem restrição de mercado. Não terá sido em vão a marca de seu Alexandre na trajetória da nossa sétima arte, na Paraíba.

Que os ecrãs dos nossos ruidosos projetores do passado, meu pai, e todo seu feito deva ser imortalizados na eterna guarda da nossa tão querida Academia Paraibana de Cinema. – Mais "Coisas de Cinema", em nosso blog: www.alexantos.com.br.



APC e UFPB celebram o feito de Aruanda

O documentário de Linduarte Noronha, *Aruanda*, foi lembrado na quinta-feira passada (18), com a participação dos professores Dinarte Varella, João de Lima Gomes, Emília Barreto, da UFPB, e colaboração de Josefa Cavalcanti da PPGS/UFPE. O evento, aberto às 10h, teve a presença de estudantes, técnicos e docentes da UFPB.

Representando a Academia Paraibana de Cinema, o professor João de Lima fez a palestra "Novos olhares: um mesmo pioneirismo TV & cinema". Depois foi exibido o documentário *Cineasta da Terra*, de Manfredo Caldas, quando houve um debate de encerramento.

MÚSICA

Muntchako volta ao palco da Casa da Pólvora

Daniel Abath
abathjournalista@gmail.com

Muntchako. A pronúncia do nome do grupo remete mesmo ao instrumento oriental, originalmente usado para separar grãos de arroz, mas que chegou ao Ocidente como arma usada pelos ninjas do cinema. Após um hiato de dois anos sem apresentações por João Pessoa, eles resolvem voltar aos palcos da capital, hoje, às 17h, no Parque Cultural Casa da Pólvora, no Centro da cidade. O evento é aberto ao público e integra a programação do Festival Alumio 2025, que acontece em diferentes espaços de cultura no Centro.

"A gente latinizou essa palavra, trouxe a nomenclatura que usávamos quando éramos pirralhos. Ela traz essa ideia de movimento, de golpes que a gente dá por aí", explica Macaxeira Acioli, percussionista do duo.

Formado por Samuel Mota e Macaxeira, o dueto nasceu em 2014. A apresentação marca o reencontro de Macaxeira Acioli com a cena cultural paraibana, com a qual mantém vínculos desde o início da trajetória artística. "Apesar de ser paraibano de Campina Grande, nas minhas andanças artísticas eu sempre estive por aqui", afirma Macaxeira. "É sempre bom rever amigos e amigas da cena, ver essa cena

pulsante que João Pessoa tem, que a Paraíba tem".

O último contato do grupo com o público paraibano foi por meio do projeto Fela dum Gonzaga, criação do músico que propunha a fusão entre as sonoridades do nigeriano Fela Kuti (1938-1997) e Luiz Gonzaga (1912-1989). A formação contava com a participação de nomes como o do saxofonista Esdras Nogueira (que tocou por quase 20 anos na banda Móveis Coloniais de Acaju), e o sanfoneiro Juninho Ferreira, de Brasília.

O Muntchako optou por uma estrutura mais enxuta para viabilizar a circulação pelo país. Segundo Macaxeira, a escolha de viajar de carro tem permitido alcançar regiões que ficariam fora do mapa caso a logística dependesse, exclusivamente, de voos.

Além dos shows, Macaxeira também conduz o projeto Expeditions, dedicado a registrar mestres e mestras da cultura popular em diferentes regiões. Parte dessa iniciativa ocorreu na região de Baía da Traição, onde ele passou parte da infância.

"Gravamos com vários mestres e passamos pelo Festival Garapirá, que é um festival de culturas tradicionais indígenas", conta. "A gente está muito feliz de estar na estrada, captando e catalogando essas histórias".

Sobre a sonoridade do Muntchako, Macaxeira, que é percussionista, descreve o trabalho como uma travessia por diferentes ritmos. "É um som muito inquieto, que atravessa os bueiros da América Latina viva. A gente passa pelo piseseiro, afunda o pé na discoteca, sobe o morro do baile funk e firma o pé no chão, na pisada do coco", ele diz.

O Muntchako já lançou um álbum em vinil, produzido por Curumin, com capa assinada pelo desenhista e ilustrador paraibano Shiko, além de diversos singles. "Queremos desmistificar que a música instrumental tem que ser curtida em uma cadeira branca, sentado. A música instrumental brasileira sempre foi muito dançante. A gente gosta de navegar por essas vielas onde o suor encontra alegria e cerveja ao punho", conclui.

ONDE:

■ CASA DA PÓLVORA (Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro, João Pessoa).



O duo surgiu em 2014, mas não tocava em João Pessoa há dois anos

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Totonho, inquietação criativa

Aprecio certos encontros casuais. Sobretudo, encontros com gente de cepa, raiz, tutano e moela criativa. As coisas se dão assim, num piscar de olhos, atendendo, parece, à engenharia do acaso, com seus frutos inesperados.

La eu para o Departamento de Música da UFPB, abrir uma das noites do 8º Festival Internacional de Música de Câmara, falando qualquer coisa sobre o poeta Augusto dos Anjos, grande homenageado do evento. Antes, resolvi parar no Bar de Santos, Castelo Branco, para tomar duas ou três doses de uísque a fim de pensar e relaxar um pouco.

Já a postos numa das mesas e mergulhado numa rápida programação neurolinguística em torno do que faria mais tarde, sou abordado, imaginem, por ninguém menos que o cantor e compositor Totonho, 60 anos de vida e muita estrada na cena musical.

Negro, alto, gordo, olhos vivos e ardentes, exclama: "Por aqui, poeta!", entre alegre e admirado. Senta-se e se bota a falar de sua vida, de sua arte, de sua insensível sabedoria poética de letrista e compositor. Dos pares que admira e ama, com a generosidade dos simples e dos que têm valor.

Cada frase que diz parece um pequenino asteroide de luz fulminante. Cada caso que conta parece uma didática pelo avesso ou um imenso glossário que junta os fios do absurdo ao esplendor instantâneo dos saberes intuitivos.

Seu papo me anima, me provoca, me consola. Saio dali já imaginando outras coisas, mudando meu percurso com as dicas que me deu.

Conheço Totonho do Bar de Baiano, creio que a mim apresentado por Xisto Medeiros ou Bebê de Natércio, não me lembro. Sei, no entanto, que o mestre da alquimia musical me fascinou desde as primeiras palavras, as primeiras batidas, os primeiros tons de uma sensibilidade artística incomum. Tanto no ritmo quanto na letra.

Totonho é de Monteiro, portanto, cria dos principados carinzeiros. Veio para a capital e daqui se foi para o Rio de Janeiro, montado nos animais do ritmo e na velocidade da mais indomável melodia. Lá, e em outras praças culturais, vem dando seu recado nos palcos, ao sabor encantatório da expressão corporal e da voz vigorosa e subversiva.

Totonho e os Cabras (2001), *Coco Ostentação* (2016), *Samba Luzia Gorda* (2018), *Canção pra Macho Chorar e Roer Unha* (2020) e *Aí Dento* (2025) são alguns de seus discos, responsáveis por uma trajetória musical que explode os métodos cristalizados da tradição e se abrem para inovações que enriquecem a sintaxe das pautas, partituras, harmonias e arranjos.

À sua grei, refinada e exuberante, popular e erudita, grotesca e epifânica, lúdica e experimental, pertencem figuras como os poetas Zé Limeira e Chico Doido de Caicó, assim como músicos do naipe de um Jackson do Pandeiro, de um Hermeto Pascoal, de um Raul Seixas, de um Tom Zé e de um Pedro Osmar. Só para lembrar os que têm inquietação criativa na ponta da voz e dos instrumentos.

Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação



"Cada frase que Totonho diz parece pequenino asteroide de luz"

Colunista colaborador

MÚSICA

As atrações do último dia do Alumiô

Festival encerra sua edição de 2025 com diversos shows em palcos espalhados pelo Centro Histórico

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O Festival Alumiô encerra a sua quarta edição hoje, em João Pessoa, com programação gratuita, focada em apresentações musicais e oficinas artísticas. A grade toma conta de diversos pontos da capital, nos bairros do Centro e do Varadouro. Os destaques deste domingo (21) ficam com os shows do

Palco Vila, situado na Vila do Porto, a partir das 16h, com a participação de Zeferina Bomba; e o encontro de maracatu, que reúne grupos tradicionais no estado no Palco Alumiô, montado em frente à Igreja São Frei Pedro Gonçalves, às 17h.

A grade do Palco Vila traz a público números das bandas Pão Mofado, Flau Flau, Kalou, Zefirina Bomba, Tosi, Disunidos, Desacordo, Têmpora e Crânio, nesta ordem. O Palco Centrô, localizado jun-

to ao bar de mesmo nome, conta com apresentações de Zé Freitas, de Luisa Isa e os Espaciais Brega Night e do Clube do Samba, que começam às 16h. Simultaneamente, o conjunto brasileiro Muntchako inicia seu show às 17h, mas na Casa da Pólvora: os artistas voltam a fazer show gratuito no mesmo local depois de dois anos

Leia sobre na página 11.

O Encontro de Maracatu, que acontece em paralelo, reúne conjuntos como a Nação Pé de Elefante, o Baque

Mulher e o Baque Raiz, além do grupo da Casa Pequeno Davi — esta foi a homenageada deste ano no Alumiô. A artista Ana Regina Limeira coordena a oficina de maracatu que foi responsável por orientar as crianças da Pequeno Davi.

“São 40 ao todo, sendo 20 do turno da manhã e 20 do turno da tarde. Mas, para essa apresentação, reunimos um grupo híbrido de 20 crianças, dos dois turnos”, detalha.

Asseverando a importância de difundir uma expressão popular como o maracatu e o trabalho da Casa Pequeno Davi — em atividade há 40 anos no bairro do Roger —, Ana Regina sustenta que o evento dá oportunidade de divulgação de um legado importante na salvaguarda dos direitos humanos. “São quatro décadas nessa missão, em especial, junto a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com a ç õ e s

de educação integral, articulação em rede e incidência nos espaços públicos”, conclui.

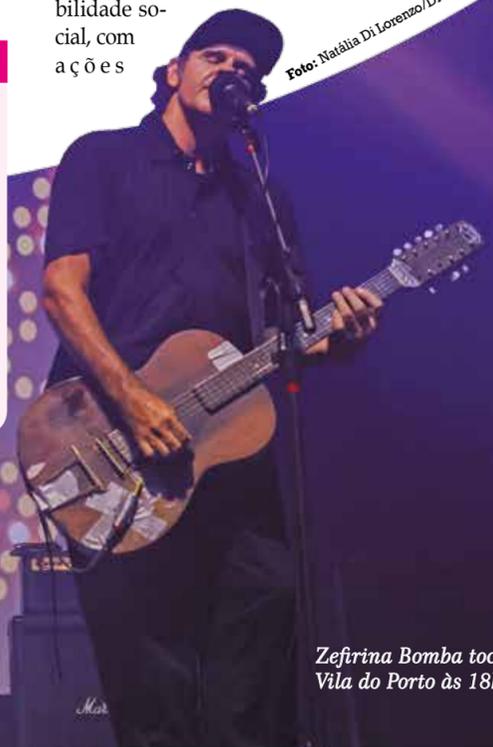
ONDE:

■ VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro, João Pessoa).

Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação

HOJE, NA VILA DO PORTO

16h – Pão Mofado
16h40 – Flau Flau
17h30 – Kalou
18h20 – Zefirina Bomba
19h – Tosi
19h40 – Disunidos
20h30 – Desacordo
21h20 – Têmpora
22h – Crânio



Zefirina Bomba toca na Vila do Porto às 18h20

Em Cartaz

Cinema

Programação de 18 a 24 de setembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

ANIMAIS PERIGOSOS (*Dangerous Animals*). Austrália/EUA/Canadá, 2025. Dir.: Sean Byrne. Elenco: Hassie Harrison, Jai Courtney. Suspense. Surfista é sequestrado por *serial killer* obcecado por tubarões. 1h38. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 19h15; seg. a qua.: 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dom. a ter.: 17h, 19h, 21h; leg.: 21h; qua.: dub.: 14h15, 16h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom. a ter.: 17h, 19h, 21h; qua.: 18h45. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 19h20. CINE GUEDES 3: dub.: qui. a ter.: 16h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 19h10; seg. a qua.: 16h10.

APANHADOR DE ALMAS. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Alonso e Nelson Botter Jr. Elenco: Klara Castanho, Angela Dippe. Terror. Quatro amigas ficam presas em uma casa de onde só uma poderá escapar com vida. 1h39. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h, 17h30.

A GRANDE VIAGEM DA SUA VIDA (*A Big Bold Adventure Journey*). Irlanda/EUA, 2025. Dir.: Kogonada. Elenco: Colin Farrell, Margot Robbie, Phoebe Waller-Bridge. Romance. Após um flerte, casal é levado em uma viagem no tempo a momentos de seus passados. 1h48. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10: leg.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: qui. a ter.: 16h35, 18h40, 20h45; qua.: 16h35, 18h40, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h10, 21h15. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 18h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 16h45; seg. e ter.: 21h20.

A LONGA MARCHA – CAMINHE OU MORRA (*The Long Walk*). EUA, 2025. Dir.: Francis Lawrence. Elenco: Cooper Hoffman, David Jonsson, Mark Hamill. Ficção científica/suspense. Jovens participam de competição onde quem parar de caminhar morre. 1h48. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h20; leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 17h30, 20h30; leg.: 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h15, 21h15.

MINHA FAMÍLIA MUITO LOUCA (*My Freaky Family*). Alemanha/Irlanda/Austrália, 2024. Dir.: Mark Gravatt. Animação/aventura. Menina deseja ter poderes mágicos como o resto de sua família. 1h27. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 15h.

ESPECIAL

BTS LIVE – THE MOST BEAUTIFUL MOMENT IN LIFE ON STAGE – EPILOGUE (*BTS Live – The Most Beautiful Moment in Life on Stage – Epilogue*). Coreia do Sul, 2016. Documentário/show. Registro de apresentação da *boy band* sul-coreana. 1h40. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: qua.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qua.: 19h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: qua.: 19h. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qua.: 19h.

DAVID GILMOUR LIVE AT THE CIRCUS MAXIMUS, ROME (*David Gilmour Live at the Circus Maximus, Rome*). Reino Unido, 2025. Dir.: Garvin Elder. Documentário/show. Registro da apresentação de David Gilmour em Roma, em 2024. 2h30. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom.: 15h.

IT – A COISA (*It*). EUA/Canadá, 2017. Dir.: Andy Muschietti. Elenco: Jaeden Martell, Sophia Lillis, Bill Skarsgård. Terror. Crianças enfrentam palhaço sobrenatural assassino. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: qua.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: qua.: 20h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h20, 20h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: qua.: 20h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: qua.: 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qua.: 21h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: qua.: 20h45. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: qua.: 18h45, 21h15. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qua.: 21h. Remígio: CINE RT: dub.: qua.: 18h15.

MEUS VIZINHOS, OS YAMADAS (*Hôhokekyo Tonari no Yamada-Kun*). Japão, 1999. Dir.: Isao Takahata. Animação/comédia. Excêntrica família vive desafios cotidianos. 1h44. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: seg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: seg.: 19h05.

POMPOKO – A GRANDE BATALHA DOS GUAXININS (*Heisei Tanuki Gassen Pompo*). Japão, 1994. Dir.: Isao Takahata. Animação/comédia. Guaxinins mágicos lutam para que sua casa na floresta não seja destruída pelo desenvolvimento urbano. 1h59. livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: leg.: qua.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: qua.: 19h.

PONYO – UMA AMIZADE QUE VEIO DO MAR (*Gake no ue no Ponyo*). Japão, 2008. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/comédia. Menino se afeiçoa a peixinha que quer se tornar humana. 1h41. livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: dom.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: dom.: 18h10.

SUSSURROS DO CORAÇÃO (*Mimi o Sumaseba*). Japão, 1995. Dir.: Yoshifumi Kondo. Animação/drama. Menina que adora ler conhece menino que pegou todos os mesmos livros que ela na biblioteca. 1h51. livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: ter.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: ter.: 19h.

RELANÇAMENTO

TOY STORY (*Toy Story*). EUA, 1995. Dir.: John Lasseter. Vozes na dublagem brasileira: Alexandre Lippiani, Guilherme Briggs, Antônio Patiño. Animação/comédia/aventura. Boneco cowboy sente ciúmes quando um brinquedo astronauta chega ao quarto e tenta sabotá-lo. 1h21. livre.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h45. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 15h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h50.

CONTINUAÇÃO

OS CARAS MALVADOS 2 (*The Bad Guys 2*). EUA, 2025. Dir.: Pierre Perifel e JP Sans. Animação/comédia. Ex-bandidos são coagidos a fazer um “último trabalho”. Sequência do filme de 2022. 1h44. livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 13h50; seg. a qua.: 14h30. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qui. a ter.: 15h30.

DEMON SLAYER – CASTELO INFINITO (*Geikijō-ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Jō-hen*). Japão/EUA, 2025. Dir.: Haruo Sotozaki. Animação/aventura. Caçadores de demônios enfrentam batalha decisiva em castelo. 2h35. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h30, 17h50; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h, 17h15, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 13h30, 16h45, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): qui. a ter.: dub.: 13h45; leg.: 17h15, 20h45; qua.: dub.: 13h45; leg.: 17h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qui. a ter.: 14h30, 17h45, 21h; qua.: 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h, 17h15; leg.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h10, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h25, 17h20, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h25, 17h20, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 16h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qua.: 15h45. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 15h, 17h50, 20h45. PATOS MULTIPLEX 1: dom.: leg.: 17h50; seg. e ter.: dub.: 17h50. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 15h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 20h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: dub.: 14h20, 17h30, 20h40; seg. a qua.: 17h30, 20h40. Remígio: CINE RT: dom. e ter.: dub.: 13h30, 18h15; seg.: dub.: 13h30, 20h25; qua.: dub.: 20h25.

DOWNTON ABBEY – O GRANDE FINAL (*Downton Abbey – The Grand Finale*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Simon Curtis. Elenco: Michelle Dockery, Hugh Bonneville, Elizabeth McGovern, Joanne Froggatt, Laura Carmichael, Paul Giamatti, Dominic West, Joly Richardson. Drama. Família aristocrática inglesa tenta se adaptar às mudanças dos anos 1930. Terceiro filme sequência da série *Downton Abbey* (2010-2015). 2h03. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h.

ENTRE DOIS MUNDOS (*Ouistreham*). França, 2022. Dir.: Emmanuel Carrère. Elenco: Juliette Binoche, Louise Pociocca, Steve Papagiannis. Drama. Escritora se emprega como faxineira de uma balsa para estudar

o crescente trabalho precarizado na França. 1h46. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 21/09: 15h; sáb., 27/09: 19h.

INVOCAÇÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL (*The Conjuring – Last Rites*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio que enfrentaram no começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h15, 18h; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 16h15, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h45, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 15h, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h30, 18h30, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h20, 18h, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h20, 18h, 20h30. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: qui. a ter.: 16h30, 18h50, 21h15; qua.: 16h30. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 20h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 14h20, 17h10; seg. a qua.: 16h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 21h; seg. a qua.: 18h20. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h, 20h45; seg.: 16h, 18h15; qua.: 16h.

MEU AMIGO LORENZO. Brasil, 2024. Dir.: André Luiz Oliveira. Documentário. A amizade do diretor com um menino autista. 1h36. livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 21/09: 17h; sáb., 27/09: 17h.

A PRAIA DO FIM DO MUNDO. Brasil, 2025. Dir.: Petrus Cariry. Elenco: Marcélia Cartaxo, Fátima Macedo, Larissa Góes. Drama. Mãe e filha vivem conflito quando o litoral ameaça derrubar a casa em que vivem. 1h28. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 21/09: 19h; qui., 25/09: 18h30; sáb., 27/09: 15h; seg., 29/09: 20h30.

A PRISIONEIRA DE BORDEAUX (*La Prisonnière de Bordeaux*). França, 2024. Dir.: Patricia Mazuy. Elenco: Isabelle Huppert, Hafsa Herzi, Noor Elarbi. Drama. Duas esposas de presidiários se aproximam. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 22/09: 20h30; qui. 25/09: 20h30; seg., 29/09: 18h30.

O REI DA FEIRA. Brasil, 2025. Dir.: Felipe Joffily. Elenco: Leandro Hassum, Pedro Wagner, Renata Castro, Everaldo Pontes. Comédia/policial. Detetive que fala com os mortos tenta resolver o assassinato de um feirante. 1h27. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h30, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h15, 22h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: seg. a qua.: 15h45.

A SOGRA PERFEITA 2. Brasil, 2025. Dir.: Cris D’Amato e Bianca Paranhos. Elenco: Cacá Protásio, Evelyn Casatro, Marcelo Laham, Ricardo Pereira, Fafy Siqueira, Maria Bopp, Luís Miranda. Comédia. Mulher recusa pedido de casamento para não perder a liberdade, mas a chegada da sobra portuguesa complica sua rotina. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 15h15, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA

1: 12h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 12h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 12h10. CINESERCLA TAMBIA 3: qua.: 15h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: 14h50.

SUCUARANA. Brasil, 2024. Dir.: Sérgio Borges e Clarissa Camponila. Elenco: Sinara Teles, Carlos Francisco. Drama. Mulher vaga por anos em busca de uma terra misteriosa e desconhecida e vai parar numa aldeia de trabalhadores fabris. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 23/09: 18h30; dom., 28/09: 17h; ter., 30/09: 18h30.

THIAGO É ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL. Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/comédia/aventura. Pai e filhos percorrem três biomas brasileiros, aprendendo e ajudando animais em perigo. 1h31. livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 28/09: 15h.

TIJOLO POR TIJOLO. Brasil, 2025. Dir.: Victória Álvares e Quentin Delarochette. Documentário. Família tenta reconstruir seu lar depois que são obrigados a abandonar o anterior por risco de desabamento. 1h43. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: ter., 23/09: 20h30.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/México/Países Baixos/Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do júri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg., 22/09: 18h30; dom., 28/09: 19h; ter., 30/09: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: 13h, 17h, 19h, 21h; seg. a qua.: 13h, 15h, 17h, 19h, 21h.

Música

HOJE

FESTIVAL ALUMIÔ. Hoje: Pão Mofado (16h); Flau Flau (16h40); Kalou (17h30); Zefirina Bomba (18h20); Tosi (19h); Disunidos (19h40); Desacordo (20h30); Tempora (21h20); Crânio (22h).

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 21/9. Entrada franca.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 22/9, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

COMPETITIVIDADE NA PARAÍBA

Municípios vivem cenários distintos

Enquanto João Pessoa aparece entre as oito melhores cidades no ranking do Nordeste, Bayeux está na última posição

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

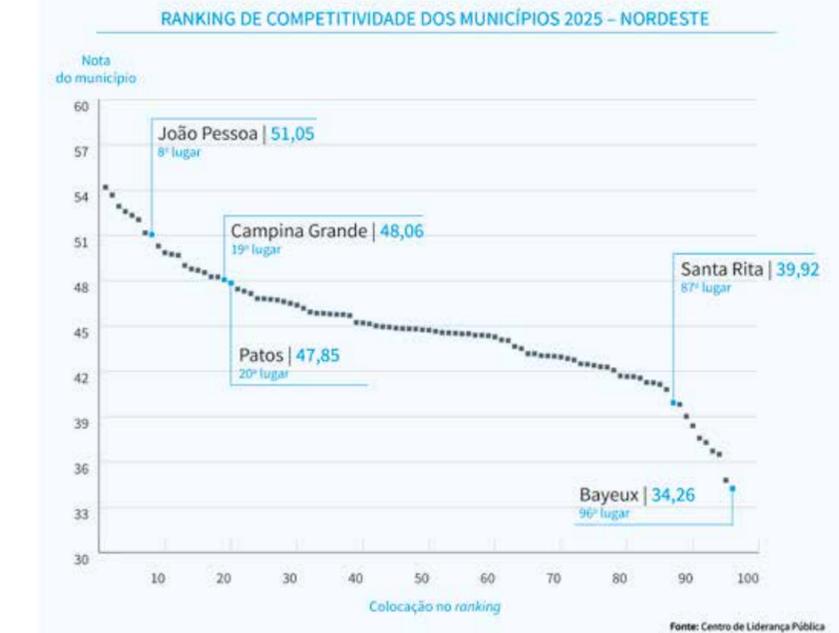
O Ranking de Competitividade dos Municípios 2025, lançado pelo Centro de Liderança Pública em agosto e referente ao ano de 2024, revela um contraste marcante na Paraíba. João Pessoa aparece como caso de sucesso, consolidando-se entre as capitais mais competitivas do Nordeste, com avanços em gestão pública, sustentabilidade fiscal, transparência e qualidade dos serviços. Por outro lado, Bayeux figura entre os piores desempenhos do país, resultado de limitações estruturais e institucionais que comprometem saúde, educação e inserção econômica. O quadro evidencia como a capacidade de gestão e a disciplina fiscal influenciam diretamente a qualidade de vida da população e a atração de investimentos.

Segundo o documento, a competitividade, no âmbito da gestão pública, refere-se à “capacidade de planejamento, articulação e execução por parte do Poder Público, em seus territórios de responsabilidade, na promoção do bem-estar social, atendimento às necessidades da população e geração de um ambiente de negócios favorável”. Assim, o levantamento compara 418 cidades brasileiras com mais de 80 mil habitantes em 65 indicadores, distribuídos em 13 pilares e três dimensões: Instituições (como sustentabilidade fiscal e funcionamento da máquina pública), Sociedade (saúde, educação, segurança, saneamento e meio ambiente) e Economia (dinamismo, inovação, capital humano e telecomunicações).

A capital paraibana conquistou, no resultado geral, a nota de 51,05 e aparece na oitava posição entre todos os municípios do Nordeste e no 157º lugar do país. Analisando detalhadamente os fatores que levaram a esse cenário, é possível perceber que João Pessoa registrou avanços significativos em diferentes áreas e alcançou posições de destaque nacional.

No Saneamento, a cidade está entre os primeiros lugares do Brasil em cobertura da coleta de resíduos domésticos e destinação adequada do lixo, com índice de 100% e nota máxima nas avaliações. Outro indicador em que João Pessoa conquistou a primeira posição nacional foi Transparência Municipal.

Quanto ao Funcionamento da Máquina Pública, a cidade teve um salto de 31 posições, alcançando o 32º lugar, com melhorias na informação contábil e fiscal e na qualificação de servidores. Já no pilar Capital Humano, João Pessoa está na 58ª colocação nacional, após subir 23 posições, indicando progressos na formação e na retenção de talentos. Também houve avanços nos pilares Meio Ambiente, de 17



Melhores notas foram de JP, CG e Patos; destaque negativo ficou com Santa Rita e Bayeux

posições, com destaque para a recuperação de áreas degradadas; e Telecomunicações, que registrou um salto de 46 degraus, reflexo da expansão da infraestrutura digital.

Campina Grande também apresentou evolução significativa em seus dados. Com a nota 48,06, é a 19ª cidade do Nordeste. A saúde foi o fator de maior destaque, com a cidade subindo 231 posições em Acesso à Saúde e alcançando o 69º lugar nacional nesse pilar.

Entre os aspectos que explicam esse salto, estão a Co-

bertura da Atenção Primária à Saúde (APS), na qual Campina é líder estadual, segunda colocada do Nordeste e terceira do país; a redução da desnutrição infantil, indicador de melhor desempenho na Paraíba; e a queda na mortalidade por causas evitáveis e na mortalidade materna, nas quais aparece como segunda melhor colocada no estado.

Avaliação

Segundo o economista João Bosco Ferraz, os avanços refletem uma gestão consistente nas duas cida-

des, e não apenas ações pontuais. “João Pessoa e Campina Grande destacam-se por um sistema de gestão sólido,

com disciplina fiscal, transparência, equipes qualificadas, uso de metas e dados, além de execução robusta em APS, saneamento, meio ambiente e governo digital”, afirma.

O especialista detalha, ainda, os setores em que cada município tem se destacado mais. “João Pessoa combina equilíbrio fiscal, governo digital e gestão por resultados com entregas visíveis em saúde, educação, infraestrutura e meio ambiente. Campina Grande, por sua vez, tem tração em inovação — e João Pessoa agora está avançando muito na área —, tecnologia e Ensino Superior, o que eleva produtividade e atratividade. Em conjunto, as duas cidades formam um dueto de maior capacidade estatal e densidade econômica, com potencial de puxar a média do estado, algo que pode ser amplificado por consórcios intermunicipais e cooperação técnica para difundir capacidades aos demais municípios”, explica.

Para o presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, os resultados refletem o porte das cidades quanto a sua capacidade de atrair investimentos e modernizar os serviços públicos. Segundo ele, a competitividade está diretamente ligada ao dinamismo econômico e ao pa-

pel estratégico desses municípios no desenvolvimento estadual. “João Pessoa cresce com o turismo e novos investimentos; Campina é um polo tecnológico e universitário que movimenta toda a região. Isso fortalece os serviços e exige uma administração pública cada vez mais qualificada”, frisa.



Foto: Arquivo Pessoal

João Pessoa e Campina destacam-se por um sistema de gestão sólido, com disciplina fiscal e transparência

João Bosco Ferraz

Intercâmbio entre gestões é caminho para melhoria

Apesar do destaque de João Pessoa e Campina Grande, a realidade da maioria dos municípios paraibanos é de limitações financeiras e estruturais. Segundo George Coelho, 61% das cidades do estado são de pequeno e médio porte e dependem quase exclusivamente do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). “O Sertão, o Cariri e o Curimataú concentram os maiores desafios. Há avanços com a chegada das energias renováveis e uma política municipalista mais forte, mas entraves em áreas como agricultura e indústria ainda dificultam investimentos”, destacou.

A única cidade sertaneja a ser analisada no Ranking de Competitividade dos Municípios foi Patos. Ela obteve a nota geral 47,85, ocupando a 20ª posição no Nordeste e o 243º lugar no ranking geral, com melhorias em indicadores sociais, mas ainda enfrentando desafios em saneamento e infraestrutura. No Acesso à Saúde, contudo, o município do Sertão figura entre os 100 melhores do país.

Nem todos os municípios paraibanos, porém, tiveram desempenho positivo. Foi o caso de Bayeux — com nota 34,26, sendo o 96º município nordestino e o 413º nacional — e Santa Rita — avaliada

com a nota 39,92, ocupando a 87ª posição regional e a 393ª do país. Especialmente no pilar Qualidade da Educação, ambos aparecem entre os cinco últimos colocados. De acordo com o documento, o cenário explica-se por fatores como o Índice de Desenvolvimento da Educação



Foto: Carlos Roberto

Sertão, Cariri e Curimataú têm os maiores desafios, mas há avanços com as energias renováveis e uma política municipalista mais forte

George Coelho

Básica (Ideb) do Ensino Fundamental, no qual as cidades estão entre as 50 piores colocações para os anos iniciais e entre os 30 de menor desempenho para os anos finais.

No caso de Bayeux, a situação é ainda mais crítica. Isso porque o município figura entre as cinco últimas colocações no pilar Qualidade da Educação; na penúltima posição nacional em mortalidade por causas evitáveis e obesidade na infância; e entre os cinco piores desempenhos em Inserção Econômica, após queda de 286 posições em relação ao ranking anterior.

Apesar dos resultados negativos em vários indicadores, a gestão municipal de Bayeux afirma que tem trabalhado para reverter esse cenário. Ao apresentar as diretrizes que nortearão a Educação nos próximos anos, o secretário de Educação, Tiago Bernardino, explicou que o plano foi estruturado para enfrentar os principais desafios da rede, com foco em resultados concretos.

“Nosso plano de ação está organizado em 12 eixos estratégicos, com metas e indicadores claros. O foco vai desde a alfabetização e aprendizagem essenciais, passando pela expansão da Educação Infantil, formação continuada dos professores e maior tempo de aprendizagem, até inclusão, infraestrutura adequada, inovação tecnológica



Foto: Arquivo Pessoal

Nosso plano de ação está organizado em 12 eixos; a ideia é garantir uma educação mais justa, inclusiva e de qualidade para os estudantes

Tiago Bernardino

e participação ativa da família e da comunidade. A ideia é garantir uma educação mais justa, inclusiva e de qualidade para todos os estudantes de Bayeux”, destacou.

Para João Bosco Ferraz, os entraves enfrentados por esses municípios estão dire-

tamente ligados à fragilidade de suas estruturas administrativas. “Bayeux e Santa Rita enfrentam travas estruturais e institucionais que limitam resultados — base fiscal frágil, baixa capacidade estatal, serviços essenciais com pouca densidade operacional, ambiente de negócios complexo e integração metropolitana insuficiente com a capital. Isso se traduz em indicadores persistentemente baixos em saúde, educação e inserção econômica”, aponta.

Ele também exemplifica caminhos para que as gestões municipais melhorem seus índices, avaliando que é possível mirar em João Pessoa como um padrão a ser seguido na Região Metropolitana. “Primeiro, [é preciso] arrumar a casa fiscal e montar uma sala de situação com metas semanais ou quinzenais; em seguida, virar a chave dos serviços essenciais, com APS robusta e alfabetização na idade certa; contratar limpeza urbana e iluminação por desempenho; simplificar radicalmente alvarás e licenças para destravar a atividade produtiva; e, por fim, requalificar territórios críticos e integrar políticas com João Pessoa em mobilidade, saúde e segurança. Com projetos bem estruturados, a governança melhorará, o financiamento aparecerá e os indicadores reagirão”, defende.

DEBATE NO SENADO

Exploração de terras raras exige novos investimentos

Brasil tem a segunda maior reserva do mundo, atrás apenas da China

Agência Senado

Como o Senado pode garantir que a exploração de terras raras não comprometa a soberania nacional? Como pensar a mineração no Brasil hoje, levando em conta o cenário ambiental no planeta? Como serão tratados os impactos ambientais? Existe a possibilidade de fomentar *startups* para exploração, processamento e uso de terras raras? Esses foram alguns dos muitos questionamentos apresentados pelos cidadãos que acompanharam, na última quarta-feira (17), a audiência pública da Comissão de Ciência e Tecnologia (CCT) sobre os desafios e o impacto econômico da mineração e do beneficiamento de terras raras.

As terras raras são um conjunto de 17 minerais usados como matéria-prima para setores considerados críticos, como mobilidade, defesa, eletrônica avançada e transição energética. Esses elementos não são realmente raros na natureza, mas são de difícil separação.

O tema, que tem chamado a atenção de todo o mundo, inclusive com pressão internacional, foi debatido na audiência por representantes de quatro ministérios – Minas e Energia (MME), Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) e Fazenda (MF) – que confirmaram a necessidade de mais investimentos, assim como na semana passada, quando pesquisadores demandaram mais recursos para as pesquisas na área.

Dados apresentados pelo MME apontam que o Brasil tem

a segunda maior reserva de terras raras do mundo (23,1%) – atrás somente da China –, mas o percentual brasileiro pode ser ainda muito maior diante do que ainda é desconhecido.

As principais reservas conhecidas, hoje, no país estão nos estados de Goiás, Minas Gerais, Amazonas e Bahia. O país é o sexto maior detentor de lítio, segundo maior em grafita, o maior em nióbio e o quarto em manganês. Mas a produção no Brasil desses minerais ainda é irrisória quando comparada a outros países.

“O que demonstra o potencial absurdo que o Brasil tem para produzir esses minerais para atender a essa demanda futura para a transição energética. [...] Nós, do Ministério, temos desenvolvido políticas públicas para aumentar o ma-

peamento geológico no país, inclusive para permitir que possamos atrair mais investimentos”, disse o diretor do Departamento de Transformação e Tecnologia Mineral do MME, Anderson Barreto Arruda.

Arcabouço rígido

O diretor acrescentou ainda que o Brasil detém umas das maiores minerações sustentáveis do mundo, diante de um arcabouço legal rígido, “com instruções de controle bastante firmes e atuantes”, além de ser um dos países com uma das maiores matrizes energéticas limpas do mundo.

“O Brasil tem capacidade de inovação, de profissionais, tanto na parte de energia quanto na de mineração. A gente precisa de incentivos para transformar esse potencial, essa capacidade,

em realidade”, disse Arruda.

O país tem, segundo o representante do MME, potencial para se tornar uma grande referência mundial em minerais críticos estratégicos. Ele salienta que não há transição energética sem minerais críticos: a demanda associada à transição energética tende a crescer rapidamente até 2040, na ordem de duas a oito vezes em todo o mundo.

“Existe uma oferta limitada, que hoje o mundo não consegue atender. A Ásia é um grande produtor de minerais críticos, tanto na produção como no processamento dos minerais deles. O resto do mundo ocidental busca alternativas para esse suprimento e o Brasil pode, sim, ser esse *player* mundial para atender a esse mercado que busca diversificação de fornecimento”, completou Arruda.



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Comissão do Senado discutiu impactos da mineração e do beneficiamento de terras raras

Minerais estratégicos já integram políticas públicas

Coordenadora de Inovação em Tecnologias Setoriais da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do MCTI, Tássia Arraes informou que o tema dos minerais estratégicos está diretamente ou indiretamente citado em diversas políticas públicas nacionais.

Ela citou o Programa de Aceleração do Crescimento (Novo PAC), na transição e segurança energética; o Plano de Transformação Ecológica, com adensamento tecnológico e economia circular; a Nova Indústria Brasil e o Plano Nacional de Segurança Energética, na descarbonização, transição e segurança energética, além do Plano Clima, no que concerne à descarbonização em pesquisa e desenvolvimento.

A coordenadora destacou a necessidade de capacitação e formação de recursos humanos especializados, de fortalecer as infraestruturas de pesquisa das universidades e de instituições de ciência e tecnologia (ICTs) e de realizar estudos prospectivos tecnológicos.

Segundo o coordenador-geral das Indústrias de Metalurgia e de Base Florestal do MDIC, Tólio Edeu Ribeiro, o desafio central é realmente transformar o potencial geológico com agregação

de valor e com adensamento de cadeias produtivas. “A gente precisa saber transformar a nossa potencialidade em geração de investimentos, de empregos e de *catch up* [alcance] tecnológico para o Brasil. [...] Nós não queremos ser só produtor e exportador de minerais críticos estratégicos, nós queremos agregar valor, gerando emprego no país”.

O coordenador-geral de Energia e Mineração da Secretaria de Reformas Econômicas do MF, Carlos Omildo dos Santos Colombo, afirmou que o tema das terras raras e dos minerais críticos tem sido bastante trabalhado nos últimos dias em função de uma pressão internacional, mas a discussão é bastante antiga e tem uma prioridade grande no Plano de Transformação Ecológica. “Tivemos um destaque no passado com relação a produção e hoje estamos com o desafio de voltar a essa produção”, disse Colombo.

Ele destacou que a reforma tributária em implantação traz princípios fundamentais para os investimentos na mineração e que devem contribuir para o setor a partir de um ambiente mais favorável de negócios, da desoneração de investimentos em bens de capital e da desoneração das exportações.

Deputados apontam a necessidade de articulação

Uma das autoras dos requerimentos para a audiência, a senadora Teresa Leitão (PT-PE) destacou o envolvimento dos quatro ministérios no debate das terras raras, o que, segundo ela, indica uma necessidade imperiosa de articulação.

“Vejo com muitos bons olhos a tarefa estratégica de agregar valores no bom direcionamento e aproveitamento desse potencial. [...] E não poderia deixar de concordar com a disputa geopolítica: a China fez o que tinha de ser feito. Os Estados Unidos impuseram um tarifaço para o Brasil, que teve condicionantes políticos, ideológicos, vinculados à queda da nossa soberania, com intervenções evidentes do governo americano sobre as escolhas que o Brasil fez democraticamente”, disse.

Para o senador Pedro Chaves (MDB-GO), “essa riqueza dos minerais tem de ser traduzida em riqueza e tecnologia para o povo brasileiro, para que a gente não deixe a nossa riqueza sair do país sem trazer os frutos. O trabalho feito nesse debate pode se traduzir em projetos de lei. Que a arrecadação possa melhorar e também para que seja motivo de transformação para o nosso povo, gerando emprego, gerando renda e riqueza”.

“

Essa riqueza dos minerais tem de ser traduzida em riqueza e tecnologia para o povo brasileiro

Pedro Chaves

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (10)

“A tragédia da velhice consiste não no fato de sermos velhos, mas, sim, no fato de ainda nos sentirmos jovens”. (Oscar Wilde)

Estou com uma sensação para lá de térmica de que a jiripoca vai piar quando outubro chegar.

Jiripoca é um peixe de água doce que emite um som como o pio de passarinho. É uma situação fora do comum.

Pastor africano garante que até Jesus vai descer em outubro.

Os americanos acreditam de verdade que toda a humanidade tem como objetivo de vida passear ou viver na “América”.

Madame Preciosa garante que sou médium, mas não desenvolvo a mediunidade. Sou um médium subdesenvolvido.

Ninguém fala mais mal de mim. Acredito que estou velho e fora de moda.

“Deus não tolera safadeza. Não creio que Deus tenha desejado o ato sexual que me concebeu, mas, uma vez ocorrido, Ele permitiu que eu estivesse aqui” (Irmã Zefinha).

Até a Faria Lima? É incrível a campanha em andamento para simplesmente destruir a imagem do PCC.

“Soltem o PCC e prendam as Lojas Americanas” (No Bluesky).

Pastor Pedânio chamando para fumar um que deixou a Patrícia Poeta.

O pastor não se qualifica como maconheiro, e sim como admirador da cultura canábica.

Tem uma moça no Bluesky que se autoneomeia como “Cannabis Passiva”.

Quem matou Odete Roitman pode também, por favor, meter uma azeitona em Odete Odara?

A Constituição Federal determina que a Rádio Barata no Ar esteja no ar toda sexta-feira, para alegria de gente como nosso amigo Quelyno Souza, cidadão obediente à Carta Magna.

Com o crime organizado tomando conta das eleições, sai o voto de cabresto, entra o voto sob mira.

Nunca mais escrevi um poema sem rima, desses que meu compadre Valdo Enxuto odeia.

Serginho Curimatá me chamando para beber em homenagem à prisão de um ser inferior. Minha consciência: “toda vez que você evoluir, sua vida antiga tentará te chamar de volta. Não atenda”.

Hermeto foi uma figura significativa na história da música brasileira, reconhecido principalmente por suas habilidades em orquestração e improvisação.

O povo desconhece a genialidade do grande artista alagoano. Igual a Sivuca, que em sua terra natal é praticamente desconhecida sua arte.

Hermeto era albino como Sivuca e tocou com ele na Rádio Jornal do Commercio, do Recife. Junto com seu irmão José Neto, formaram o trio “O mundo pegando fogo”. Referência aos cabelos vermelhos dos albinos.

Aquele candidato tem o hábito de mentir até para si mesmo, pois pinta o cabelo para fins escusos.

Colunista colaborador

ENSINO BÁSICO

Racismo impede acesso à educação

Pesquisa aponta que pessoas negras e de baixa renda, que estão fora da escola, são o público majoritário da EJA

Camila Boehm
Agência Brasil

O racismo estrutural e a necessidade de garantir renda são fatores que impedem jovens e adultos de concluir a Educação Básica no país. A conclusão é do gerente de Monitoramento, Avaliação, Articulação e Advocacy do Itaú Educação e Trabalho, Diogo Jamra, com base na pesquisa “Educação de Jovens e Adultos: Acesso, Conclusão e Impactos sobre Empregabilidade e Renda”, divulgada, na última semana, pela Fundação Roberto Marinho e pelo Itaú Educação e Trabalho.

“O país tem, hoje, um perfil de pessoas negras e de baixa renda que compõem os 66 milhões, com mais de 15 anos e fora da escola, que não concluíram a Educação Básica. Precisamos lidar com isso. O programa Educação de Jovens e Adultos [EJA] precisa entender que o público que vai atingir tem majoritariamente esse perfil”, disse Jamra, em entrevista à Agência Brasil.



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Entre os motivos apontados para que jovens não concluem a Educação Básica na idade adequada, está a necessidade de trabalhar para garantir uma renda

■ **Influência de um passado escravocrata na sociedade brasileira piora as condições de acesso à educação aos jovens negros**

Especialista em políticas de educação e trabalho, ele aponta que um dos grandes motivos para que jovens não concluem a Educação Básica na idade adequada está relacionado à necessidade de renda e de começarem a trabalhar. Segundo ele, é preci-

so articular políticas que garantam a Educação Básica às pessoas que têm maiores obstáculos para alcançá-la. “Uma iniciativa do Governo Federal como o programa Pé-de-Meia tende a dialogar com isso”, afirmou. Jamra destacou ainda a

influência de questões históricas estruturantes da sociedade brasileira, marcada por um passado escravocrata, no acesso das pessoas à Educação Básica.

“A população negra é excluída das políticas públicas por uma questão histórica

racista, de um racismo estrutural. [Essas pessoas] vão sendo empurradas para fora dessas políticas que não dialogam com elas”.

Impactos da EJA

Com base em uma análise feita a partir de microda-

dos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), a pesquisa revelou ainda que concluir a EJA aumenta a formalização no trabalho e melhora a renda da população jovem — de 19 a 29 anos.

Especialista defende inovação pedagógica

O Poder Público, em todas as suas esferas — federal, estadual e municipal —, precisa dar atenção ao ensino de jovens e adultos, segundo o especialista, a fim de assegurar o direito constitucional à educação. “A gente percebe que essa política nunca teve uma centralidade no desenho das políticas educacionais. A gente precisa agora trazê-la para o centro do debate. E, ao fazer isso, precisará de um maior investimento”.

Diogo Jamra defende uma inovação pedagógica para encontrar uma modalidade educacional que dialogue com essa população excluída atualmente das políticas de educação. “A gente precisa que a academia desenvolva novas propostas pedagógicas, metodologias que estejam adequadas ao perfil desse público, com metodologias inovadoras, com pedagogia de alternância, porque tem [também] uma população concentrada no meio rural”, disse.

Segundo ele, a pesquisa reforça ainda o papel estratégico da EJA como caminho de formação para quem busca retornar ao sistema educacional. “Integrada à

Educação Profissional e Tecnológica, [a EJA] pode contribuir ainda mais para que os jovens brasileiros concluem os estudos, tenham a possibilidade de agregar conhecimentos que os prepare para a inserção produtiva digna e, assim, tenham mais perspectivas de melhoria de condições de trabalho e, consequentemente, de vida”, opinou.

Os resultados da pesquisa indicam que, entre jovens de 19 a 29 anos, concluir a EJA aumenta em sete pontos percentuais (p.p.) as chances de conseguir um emprego formal e eleva, em média, 4,5% a renda mensal do trabalho. O impacto é maior para quem tem de 19 a 24 anos: nesse grupo, a probabilidade de formalização aumenta para 9,6 p.p., enquan-

to a renda mensal aumenta em 7,5%.

“É essencial a consolidação de políticas públicas e ações intersetoriais que garantam o acesso à EJA com EPT [Educação Profissional e Tecnológica] em todo o país, só assim conseguiremos oferecer a milhares de jovens trajetórias de vida com mais dignidade, renda e proteção social”, aponta.

“

A gente precisa que a academia desenvolva novas propostas pedagógicas, metodologias que estejam adequadas ao perfil desse público, inovadoras

Diogo Jamra



Foto: Divulgação

Evasão escolar atinge jovens dos 15 a 20 anos

O levantamento investigou evasão no ensino regular, retomada dos estudos e permanência na EJA. Para isso, foram observados três perfis: jovens de 15 a 20 anos matriculados no ensino regular; jovens de 21 a 29 anos que se encontravam fora da escola sem ter concluído a Educação Básica; e o terceiro grupo formado por pessoas com 21 anos ou mais matriculados na EJA.

A análise dos perfis revelou que, entre os jovens de 15 a 20 anos, a evasão do ensino regular é mais comum do que a migração para a EJA, sendo que o risco de abandonar a escola aumenta com a idade e o atraso escolar (18 a 20 anos), ser homem, negro, residir em área rural, ter baixa renda e estar trabalhando.

Para o público de 21 a 29 anos, que não completou a Educação Básica e estava fora da escola, a chance de matrícula na EJA é maior para mulheres e desempregados. No

entanto, ser responsável pelo domicílio, morar em áreas rurais e estar trabalhando reduzem essa probabilidade.

Para os matriculados na EJA, com 21 anos ou mais, a pesquisa mostra que, embora as mulheres tenham menor chance de evadir, mulheres com filhos aumentam essa probabilidade. Outros fatores, como ser mais velho, trabalhar em jornada superior a 20 horas semanais, ser responsável pelo domicílio e residir em áreas rurais, aumentam a chance de evasão.

De acordo com Diogo Jamra, os dados reforçam a urgência de fortalecimento de políticas públicas que integrem a EJA às necessidades do público com maior chance de evasão, como aqueles que precisam garantir uma renda.

“A necessidade de trabalhar é, ao mesmo tempo, um fator que contribui para a evasão escolar e uma motivação para o retorno às salas de aula desse grupo”, conclui.

EDITAIS ABERTOS

Concursos somam 270 vagas na PB

Brejo do Cruz, Monteiro e Crea-PB oferecem oportunidades em diversas áreas, com salários de até R\$ 11,3 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A temporada de concursos segue aquecida na Paraíba, com editais em diferentes regiões do estado abrindo portas para carreiras estáveis no serviço público. Em Brejo do Cruz e Monteiro, são mais de 250 vagas abertas para funções que vão de professor e enfermeiro a motorista e serviços de apoio, isso sem falar em cargos técnicos e de nível superior. Os salários variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 11,3 mil, o que reforça a atratividade dos certames. Já no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado da Paraíba (Crea-PB), também há vagas para diversas formações, com remunerações que pas- sam de R\$ 11 mil.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Brejo do Cruz

• Seleção municipal

No Sertão paraibano, próximo à divisa com Rio Grande do Norte, a Prefeitura de Brejo do Cruz lançou um novo concurso para reforçar seu efetivo em áreas estraté-

gicas, como Saúde, Educação, Infraestrutura e Gestão Pública. São mais de 140 vagas para funções que exigem desde o nível fundamental até formação superior. Entre as oportunidades oferecidas, há cargos como agente de limpeza urbana, maestro, técnico em Enfermagem, motorista, psicólogo, fisioterapeuta, médico, engenheiro civil, professor e cuidador escolar. Os salários previstos variam de R\$ 1,5 a R\$ 4,3 mil, com carga horária de 20 a 40 horas semanais.

Para participar, acesse o site do Instituto EducaPB, responsável pelo certame, até o dia 12 de outubro e confirme sua inscrição. A depender do cargo escolhido, a taxa cobrada varia entre R\$ 60 e R\$ 105. Quanto à avaliação, as etapas incluem prova objetiva — marcada para o dia 23 de novembro —, além de prova prática e avaliação de títulos para algumas funções que demandam conhecimentos específicos. A seleção ocorrerá, prioritariamente, em Brejo do Cruz, mas o edital prevê a possibilidade de aplicação das provas em cidades próximas, caso o número de inscritos ultrapasse a capacidade local.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Monteiro

• Monteiro

No coração do Cariri, a Prefeitura de Monteiro também está com concurso aberto para preencher 114 vagas em setores essenciais da administração municipal. Há oportunidades para professores da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, técnicos em Enfermagem, psicólogos, agentes de trânsito, fiscais, motoristas e médicos, entre outros destaques. Funções de apoio, como auxiliar administrativo, agente escolar e operador de máquinas, também foram contempladas pelo edital. De acordo com o documento, os salários podem chegar a R\$ 5,5 mil, com jornadas de até 40 horas semanais. Em alguns casos, a atuação será em regime de plantão, com remuneração que varia de R\$ 101 a R\$ 180 por turno.

As inscrições devem ser realizadas, exclusivamente, no site da Facet Concursos até o dia 2 de outubro, com

taxas entre R\$ 85 e R\$ 115, a depender do nível de escolaridade exigido. Sobre o processo de seleção, ele será composto por prova objetiva, marcada para 2 de novembro, para todos os candidatos, além de prova prática, análise de títulos ou teste físico para funções específicas. As avaliações acontecerão em Monteiro, mas poderão ser aplicadas em municípios vizinhos. O resultado definitivo será divulgado até 8 de dezembro.



Pelo QR Code, acesse o edital do Crea-PB

• Reta final

Com as inscrições pres- tes a terminar, o concurso do Crea-PB é uma ótima

oportunidade para quem busca vagas de nível médio, técnico e superior nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Sousa, Guarabira, Itaporanga e Pombal. As áreas contempladas pelo edital são Administração, Fiscalização, Contabilidade, Direito, Tecnologia da Informação e Engenharia. Os salários podem ultrapassar R\$ 11 mil por jornadas de 40 horas semanais. Entre as oportunidades oferecidas, há vagas para assistente administrativo, fiscal, técnico operacional, advogado, analista de sistemas, auditor, contador e engenheiro. São 20, ao todo.

Vale lembrar que os interessados têm até amanhã (22) para garantir sua participação pelo site do Instituto Darwin. A taxa de inscrição varia de R\$ 90 a R\$ 105. Já as provas estão marcadas para 26 de outubro, em formato objetivo e discursivo.

Regência transforma partituras em experiência coletiva

Dezenas de músicos no mesmo palco não fazem um concerto. Imagine se cada um deles resolvesse tocar seu instrumento por conta própria, seguindo apenas a partitura. O resultado, muito provavelmente, seria uma bagunça inesquecível. Mas, quando todos seguem o maestro, o caos torna-se harmonia. Essa é a magia da regência, profissão que já foi imortalizada no cinema em Whiplash (filme de 2013, ganhador de três Oscars, dirigido por Damien Chazelle) e na televisão pelo Pernalonga (em Long-Haired Hare, curta-metragem de animação de 1949), mas que, na realidade, exige muita responsabilidade e empatia. O maestro Nilson Galvão Júnior sabe bem disso. Para ele, reger vai além da técnica: é preciso liderança, sensibilidade e capacidade de transformar notas e acordes em uma experiência coletiva.

Recifense, mas radicado em João Pessoa desde 2018, Nilson construiu uma trajetória que transita entre o palco e a regência. Como instrumentista, integra o Quinteto da Paraíba; já como maestro, conduz a Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa e a Orquestra Jovem de Pernambuco, além de já ter participado do Festival Virtuosi, em Recife. Mas a música não é coisa recente em sua vida — ela o acompanha desde muito cedo. Filho de regentes, iniciou os estudos aos seis anos no conservatório e, ao lado da irmã, decidiu seguir carreira: primeiro no instrumento, depois na regência, após especialização no ex-

terior. Hoje, aos 44 anos, o maestro vê nessa escolha o reflexo de sua vocação. “Devo meu amor à música aos meus pais, aos mestres que me incentivaram e a todos que abriram caminhos nessa trajetória”, resume.

Desafios de reger

Embora a música de concerto venha conquistando um público cada vez mais diverso e movimentando a cena cultural, a realidade de quem vive dela no Brasil conti-

nua sendo desafiadora. Segundo Nilson, as orquestras ainda enfrentam dificuldades estruturais, falta de políticas consistentes e remuneração baixa. “Há músicos que tocam com instrumentos caríssimos, de R\$ 60 mil ou mais, mas recebem pouco mais que um salário-mínimo. Muitas vezes, não conseguem nem manter o próprio instrumento em boas condições”, relata. Ao mesmo tempo, ele percebe que o interesse por esse tipo de música tem crescido, sobretudo nas redes sociais, mas o acesso ainda é limitado. “Os concertos estão sempre cheios e, ainda assim, temos essas dificuldades todas”, reforça.

Outro obstáculo está na formação. Para Nilson, as universidades brasileiras ainda oferecem uma preparação insuficiente para futuros regentes. “O ins-

trumento do maestro é a orquestra, a banda, o coral. E nem todos os cursos proporcionam essa vivência desde o início. Muitas vezes, só no fim da graduação o aluno terá contato real com um grupo, e isso limita muito o aprendizado”, afirma. Diante dessa lacuna, muitos aspirantes recorrem a cursos extras e laboratórios de orquestras, o que significa mais investimento financeiro na carreira. Para o maestro, o ideal seria seguir o modelo adotado nos Estados Unidos e na Europa, no qual a prática coletiva acontece logo nos primeiros semestres, ainda que em formações menores.

Arte de liderança

Essa necessidade de prática não é à toa. Reger dezenas de músicos exige maestria, algo que só

a experiência proporciona. Mas não basta precisão rítmica ou domínio técnico para ser um maestro completo. Segundo Nilson, a regência também é comunicação: passa pela escolha de repertórios que despertem interesse, pelo diálogo com o público e pela capacidade de tornar a música acessível. No fim das contas, é um exercício permanente de liderança e humanidade. Cada ensaio envolve o alinhamento de diferentes músicos em uma mesma narrativa, o ajuste de intensidades e a busca pela “poesia” da obra. “O maestro precisa ser o mais preparado, não necessariamente o melhor músico. É preciso compreender como a mente humana funciona, para saber como pedir e como conduzir”, reflete o especialista, sublinhando que a regência pede um



Filho de regentes, Nilson Júnior iniciou os estudos aos seis anos no conservatório e decidiu seguir carreira

Foto: Nilson Galvão Júnior/Arquivo pessoal

■ Reger vai além da técnica: é preciso liderança, sensibilidade e capacidade de transformar notas e acordes em uma experiência coletiva

olhar holístico sobre música e pessoas.

Apesar das dificuldades, Nilson acredita que há espaço para construir carreira no país. Como ele explica, muitas orquestras mantêm-se graças a leis de incentivo e projetos culturais, o que exige dos maestros não apenas talento artístico, mas também capacidade administrativa. “É preciso saber gerir recursos, planejar trabalhos e programar concertos que façam as pessoas quererem voltar. A música precisa ser democrática e acessível”, defende.

Para quem sonha em seguir esse caminho, o conselho é claro: estudar muito, buscar experiências práticas e até oportunidades no serviço público. Como exemplo, há o concurso da Prefeitura de Brejo do Cruz, no Sertão, que oferece uma vaga para a função de maestro em seu edital. O cargo exige Ensino Médio completo, com jornada de 40 horas semanais, e oferece remuneração de R\$ 1,5 mil — que não é alta, mas pode representar um primeiro passo. O processo seletivo contará com prova objetiva e prática.

Selic

Fixado em 17 de setembro de 2025

15%

Sálário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

+0,03%

R\$ 5,320

Euro € Comercial

-0,26%

R\$ 6,25

Libra £ Esterlina

-0,22%

R\$ 7,172

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2025 -0,11

Julho/2025 0,26

Junho/2025 0,24

Maior/2025 0,26

Abril/2025 0,43

Ibovespa

145.865 pts

+0,25%

EMPREENDER NA VIZINHANÇA

Mercadinhos já são mais de 12 mil negócios na Paraíba

Apesar de disputar com grandes redes, pequenos negócios seguem em expansão

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Os mercadinhos, mercearias ou minimercados fazem parte do dia a dia do brasileiro. Por estarem, muitas vezes, mais próximos da casa das pessoas e estar enraizado nas realidades dos bairros ou dos pequenos municípios, os estabelecimentos, que são essencialmente pequenos negócios, acabam por ser escolhidos para algumas compras pontuais na rotina da população brasileira.

Apesar da forte concorrência com supermercados e até hipermercados de multinacionais, o negócio vem crescendo. Mais de 160 mercados são abertos no Brasil por dia. Na Paraíba são cerca de 12 mil mercadinhos nos bairros das maiores cidades do estado, João Pessoa e Campina Grande, e nos municípios menores.

Os dados são do Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas (Sebrae), que dá suporte a quem quer empreender no país em vá-



Foto: Roberto Guedes

Juntas, João Pessoa e Campina Grande concentram quase um quarto desses estabelecimentos

rios setores da economia, inclusive no ramo dos mercados menores. As duas cidades, João Pessoa e Campina Grande, aliás, dão conta de 24% dos mercadinhos de toda a Paraíba. Atrás delas, os outros municípios detêm, cada, 3% ou menos do total do estado. Até o momento, em 2025, foram abertas, no estado, 767 empre-

sas desse perfil, oficialmente registradas, segundo relatório do Sebrae.

Um dos empreendedores em João Pessoa nessa especialidade do comércio varejista em pequenos estabelecimentos é Everton Luiz Valentino, que tem seu negócio no bairro do Costa e Silva. No imóvel, que é da sua mãe, ele vendia

apenas água, com o serviço de entrega a domicílio.

Há mais ou menos um ano e meio, o negócio expandiu-se e Everton comercializa agora, além de água, alimentos diversos, bebidas e utensílios domésticos. Ele conta que preferiu não dar passos rápidos maiores do que as pernas, mas que sempre está em perspectiva no ato de empreender poder aumentar o negócio, que, atualmente, é administrado e executado apenas por familiares.

“Todo dia é uma nova batalha. Antes eu só entregava água aqui. Mas pensei em aumentar, vender mais coisas, dar mais opções para os clientes e aproveitar a demanda do bairro. A gente sempre pensa em aumentar quando tem um negócio. Então a ideia é sempre poder ter mais estrutura”, contou o dono do mercadinho, que mora em Santa Rita, na Grande João Pessoa.



Foto: Evandro Pereira

Everton Luiz começou com uma distribuidora, mas transformou seu comércio em um mercado

Setor conquista consumidor pela proximidade

Os mercadinhos acabam sendo uma boa opção para uma compra mais emergencial, em menor volume ou para uma demanda específica na residência, ou até para levar para fora, para o lazer do fim de semana, por exemplo. É o que ressalta o funcionário público e consumidor Adriano Almeida.

“Utilizo muito os mercadinhos porque fica mais perto de casa e quebrava um galho para pequenas compras de mercadoria que tinha uma necessidade de urgência. Tipo... faltou um ingrediente para a comida, uma verdura, eu vou lá e compro pela agilidade, que é melhor do que se deslocar para um supermercado maior e enfrentar mais filas”, comentou.

Edna da Costa Silva é gerente de um mercadinho no bairro de Oitizeiro, na capital. O empreendimento já tem 20 anos e é um ponto tradicional das redondezas, próximo à fei-

ra do bairro. A empresa é notadamente maior se comparada ao mercadinho de Everton, contando com pelo menos duas dezenas de funcionários.

Ela revela que o estabelecimento já surgiu mais ou menos com o tamanho atual e que não houve tanto crescimento físico e de efetivo de funcionários nos últimos anos. Segundo Edna, o negócio está estagnado há algum tempo. De acordo com sua análise, isso ocorre diante da concorrência cada vez maior de empresas gigantes do ramo varejista.

“O setor de mercadinhos e supermercados menores deu uma esfriada porque agora existem muitos supermercados muito grandes e aí sempre tiram alguns clientes da gente. Além de que essas grandes empresas, a meu ver, recebem mais incentivos governamentais do que as empresas menores”, avaliou a gerente.

Analista do Sebrae para pequenas empresas em Patos, no Sertão da Paraíba, Ferdinando Félix, observando pela perspectiva regional e comunitária, o empreendedor precisa ficar atento ao seu público e também às alternativas modernas de comercialização de produtos.

“Investir em um negócio que valorize o comércio local de bairro ou em cidades menores não é apenas uma escolha estratégica, é um passo importante para movimentar a eco-

nomia local, gerar empregos e fortalecer os vínculos com a comunidade. Empreendimentos como mercadinhos têm o poder de transformar a realidade a sua volta. Mas como em todo negócio, o sucesso de um mercadinho está na boa gestão, no conhecimento do seu público e na capacidade de inovar sem perder a essência local. Estar atento às demandas da comunidade e manter um relacionamento próximo com os clientes”, avaliou.



Foto: Roberto Guedes

Clientes recorrem aos mercadinhos nas compras urgentes

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

45 anos do Corecon-PB

Em 2025, o Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB) celebra os 45 anos de existência. Uma trajetória marcada não apenas pela fiscalização da profissão de economista, mas, sobretudo, por um profundo compromisso com o fortalecimento da categoria e o desenvolvimento socioeconômico do nosso estado. Essa é uma história de resiliência, visão e incessante busca pela excelência.

Sua fundação se deu em 26 de setembro de 1980, nascendo da determinação de um grupo de economistas paraibanos, que almejava autonomia e reconhecimento em sua própria terra. Com a posse do então presidente Geraldo Pedrosa dos Santos e outros conselheiros, a instituição assumiu a missão de valorizar, divulgar e fiscalizar a profissão, assegurando que as atribuições privativas dos economistas sejam exercidas por profissionais devidamente habilitados, protegendo assim o mercado de trabalho e a sociedade.

Ao longo desses 45 anos, o Corecon-PB transcendeu seu papel primordial, tornando-se num verdadeiro motor de transformação, fomentando um ambiente de debate permanente, atualização profissional e visibilidade para os economistas registrados. Iniciativas como a escolha de um Economista do Ano, a concessão da Medalha Celso Furtado e a criação do Fórum das Mulheres Economistas são exemplos palpáveis do reconhecimento e valorização do talento e da contribuição dos nossos profissionais, com foco na diversidade e a inclusão.



Que essa jornada continue a inspirar futuras gerações

A instituição também se destaca por sua incansável dedicação à educação continuada dos profissionais graduados e ao engajamento das futuras gerações. Programas como a Gincana Nacional de Economia, que reúne duplas de alunos para testar seus conhecimentos e promover a integração,

e o Desafio Quero Ser Economista, voltado para estudantes do Ensino Médio, exemplificam o investimento no futuro da ciência econômica, desmistificando a área e atraindo jovens talentos. A modernização tecnológica é outra frente em que o Corecon-PB tem se mostrado vanguardista.

Outro pilar notável da sua atuação é a profunda e contínua homenagem ao legado do maior economista brasileiro, Celso Furtado, paraibano de nascimento. O Conselho tem mantido viva sua memória por meio de diversas ações, à exemplo do Prêmio Paraíba de Economia Professor Celso Furtado, que incentiva a produção científica e homenageia o pensador que dedicou sua vida à interpretação das desigualdades regionais e à formulação de políticas de desenvolvimento. A Medalha “Economista Emérito Celso Furtado”, criada em 2008, e a inauguração da Sala Professor Celso Furtado na sede do Conselho em 2009, são testemunhos desse respeito. As celebrações em torno de sua memória demonstram a relevância que o Conselho atribui ao pensamento do ilustre economista.

A relação com o ambiente acadêmico também é outro diferencial, especialmente com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ainda, o Corecon-PB mantém um relacionamento muito ativo com a imprensa e a mídia, contribuindo para o debate público sobre temas econômicos relevantes.

Os 45 anos do Corecon-PB são, portanto, um reflexo de uma atuação dinâmica e multifacetada. É a celebração de um legado construído com dedicação, inovação e um olhar atento às necessidades dos economistas e da sociedade paraibana. Que essa jornada continue a inspirar futuras gerações, reafirmando o papel fundamental da ciência econômica e de seus profissionais no progresso e desenvolvimento sustentável da Paraíba. Parabéns ao nosso Corecon-PB, pelo compromisso em defesa de um futuro promissor!

DESCARBONIZAÇÃO

Petrobras investe em captura de CO₂

Companhia aprova construção de projeto-piloto que visa atingir a meta de neutralizar as emissões até 2050

Agência Gov

A Petrobras aprovou a construção do Projeto Piloto de CCS São Tomé, em Macaé (RJ), uma iniciativa estratégica para atingir a meta de neutralização de carbono até 2050. Esse é o primeiro projeto-piloto de CCS (Captura e Armazenamento de Carbono, na sigla em inglês) no Brasil, com infraestrutura que permite a integração completa entre captura, transporte e armazenamento geológico de CO₂ em reservatório salino.

O projeto, que tem o acompanhamento de órgãos reguladores e ambientais como Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e o Instituto Estadual do Ambiente (Inea), é considerado um marco para o avanço tecnológico e regulatório para projetos de Captura, Utilização e Armazenamento de Carbono (CCUS) no Brasil.

“A tradição da companhia de empregar tecnologia de ponta para viabilizar grandes empreendimentos *offshore* está sendo colocada também em iniciativas de descarbonização. Essa iniciativa é mais um passo concreto da Petrobras na construção de soluções climáticas eficazes”, destaca a diretora de Transição Energética e Sustentabilidade da Petrobras, Angélica Laureano.

O objetivo do CCS São Tomé é capturar até

100 mil toneladas de CO₂ por ano, ao longo de três anos, a partir de 2028, e injetá-las em um reservatório salino profundo, na região de Barra do Furado, em Quissamã (RJ). Por ser o primeiro projeto do tipo em reservatório salino no país, o CCS São Tomé permitirá que órgãos como ANP e Inea testem, ajustem e validem procedimentos e normas aplicáveis à cadeia de valor do CCS, um avanço

regulatório sobre o armazenamento geológico de carbono em futuros projetos comerciais.

“O Projeto Piloto de CCS São Tomé é uma iniciativa estratégica de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) que permitirá validar, em ambiente real, tecnologias e metodologias fundamentais para a implantação de *hubs* de captura e armazenamento de carbono (CCS) no Brasil. As tecnologias

aplicadas possibilitam acompanhar a evolução da pluma de CO₂ com precisão inédita no país, e as informações obtidas com o projeto poderão nos apontar novos usos do CO₂, como por exemplo, a produção de combustível sintético”, explica Renata Baruzzi, diretora de Engenharia, Tecnologia e Inovação da Petrobras.

A iniciativa é considerada como plataforma de aprendizado e qualifica-

ção tecnológica para futuros projetos comerciais e *hubs* de CCS no Brasil, tanto *onshore* quanto *offshore*. O CCS São Tomé também posiciona o Brasil entre os países que lideram o desenvolvimento de soluções de mitigação de emissões em larga escala, alinhando-se às melhores práticas internacionais e abrindo caminho para futuras aplicações comerciais de CCUS em diversos setores da economia.

■ **Objetivo do CCS São Tomé é retirar da atmosfera 100 mil toneladas de gás carbônico por ano, ao longo de três anos**



Estratégia permitirá a integração entre as etapas de captura, transporte e armazenamento geológico do gás em reservatório salino profundo, em Barra do Furado (RJ)

Estudos apontam caminhos alternativos

Rafael Cardoso
Agência Brasil

Dois estudos lançados nesta semana defendem que a Petrobras tem condições de mudar o rumo atual, focado em combustíveis fósseis, e liderar a transição energética no Brasil.

Produzidos por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Observatório do Clima, os documentos propõem um mapa para que a maior empresa do país deixe de depender do petróleo e consolide-se como referência em energia limpa.

Segundo os pesquisadores, a análise ocorre em um momento em que o Brasil expande a produção de óleo e gás e vê o petróleo ultrapassar a soja como principal produto de exportação, representando 13% das vendas ao exterior.

O cenário aumenta o risco de o país ser atingido pela chamada “bolha de carbono”, com ativos encalhados caso a demanda global por combustíveis fósseis caia abruptamente a partir da próxima década.

O documento “Questões-Chave e Alternativas para a Descarbonização do Portfólio de Investimentos da Petrobras” é assinado pelos economistas Carlos Eduardo Young e Helder Queiroz, da UFRJ. Ele é a base para a produção do segundo estudo, “A Petrobras

de que Precisamos”, produzido por 30 organizações do Grupo de Trabalho em Energia do Observatório do Clima.

Ambos defendem que a Petrobras diversifique seu portfólio e alinhe seus investimentos às metas do Acordo de Paris e do Plano Clima, que preveem neutralidade de emissões de gases do efeito estufa até 2050. Segundo os números apresentados nas pesquisas, dos US\$ 111 bilhões previstos no plano de negócios 2025–2029 da estatal, apenas US\$ 9,1 bilhões estão destinados a energias de baixo carbono. A Petrobras informou, em nota, que o investimento em energia de baixo carbono é maior do que o relatado: US\$ 16,3 bilhões.

Para os economistas da UFRJ, a dependência da receita do petróleo expõe o Brasil a choques econômicos devido à volatilidade e ao caráter finito do recurso. “A Petrobras, e o setor de petróleo e gás natural como um todo, não podem ser considerados como meros instrumentos de solução para o problema macroeconômico que abarca a questão fiscal no país”, constata Young.

“Apesar dos recursos financeiros arrecadados com *royalties*, impostos e demais participações governamentais, é importante recordar o risco associado à dependência das administrações

públicas (federal, estaduais e municipais), já que a atividade petrolífera é caracterizada pela extração de recursos esgotáveis e cujos preços são extremamente voláteis”, complementa Queiroz.

Caminhos propostos

O estudo conduzido pelo Observatório do Clima sugere um conjunto de medidas para que a empresa passe pelo processo de transformação:

- Ampliar investimentos em pesquisa de biocombustíveis e hidrogênio de baixo carbono;
- Retomar a atuação em distribuição e em terminais de recarga para o consumidor final;
- Priorizar energias de baixo carbono, como hidrogênio verde, biocombustíveis de segunda e terceira geração, e combustível sustentável de aviação (SAF);
- Alinhar o plano de negócios aos objetivos mais ambiciosos do Acordo de Paris, da Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC) do Brasil e da Estratégia Nacional de Mitigação (Plano Clima);
- Realocar recursos de refinarias para a ampliação de novos combustíveis.

Os pesquisadores do Observatório do Clima propõem o congelamento da expansão da extração de combustíveis fósseis em novas fronteiras, como a Foz do Amazonas. E orientam

pela concentração da produção em áreas já em produção, como o pré-sal.

“A Petrobras é uma empresa muito importante para o país, mas necessita internalizar a crise climática com muito mais vigor do que fez até agora”, destaca Suely Araújo, coordenadora de Políticas Públicas do Observatório do Clima.

“Seu plano de negócios pode e deve ser ousado na perspectiva da diversificação de atividades, com destaque para investimentos em energias de baixo carbono e na transição energética”.

Futuro além do petróleo

Para o economista Young, o Brasil continuará precisando de petróleo por algum tempo, mas o caminho não deve ser a expansão da *commodity* como líder das exportações.

“A Petrobras que eu quero é uma Petrobras pública, que atinja os objetivos do desenvolvimento nacional, que mantenha, sim, uma atividade importante, mas sem uma expansão que tenha o objetivo de exportar e gerar caixa”, defende o economista.

“É preciso aumentar o investimento em transição energética e também em mitigação. Uma Petrobras mais ativa no combate ao desmatamento e também na adaptação climática”, complementa.

Transição energética está no radar da estatal

A reportagem entrou em contato com a Petrobras, para que a empresa se posicionasse sobre os dois estudos. Em nota, a petrolífera informa ter elevado os investimentos em transição energética, com destinação de US\$ 16,3 bilhões para projetos de baixo carbono no plano 2025–2029, representando um crescimento de 42% em relação ao plano anterior. “A companhia investe fortemente em tecnologias inovadoras, com potencial de impacto no curto, médio e longo prazo. Estão previstos investimentos totais de US\$ 1 bilhão em P&DI (Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação) em baixo carbono no quinquênio, partindo de 15% do total de P&DI em 2025 e chegando a 30% do to-

tal em 2029”, informa a nota.

A Petrobras cita ainda recursos estimados em US\$ 5,7 bilhões para as energias de baixo carbono (eólica e solar fotovoltaica, hidrogênio e captura, utilização e armazenamento de carbono), e investimento em bioprodutos (US\$ 4,3 bilhões), etanol (US\$ 2,2 bilhões), biorrefino (US\$ 1,5 bilhão), biodiesel e biometano (US\$ 0,6 bilhão).

“Para fazer frente aos compromissos e desafios, a Petrobras tem Capex de US\$ 5,3 bi no horizonte do PN 2025–2029 para descarbonização das suas operações, tendo como parte desse orçamento um valor de US\$ 1,3 bilhão nos próximos cinco anos para um Fundo de Descarbonização dedicado a alavancar a implementação de oportunidades de descarbonização nos negócios. O fundo compõe a estratégia do programa Carbono Neutro, que é iniciativa transversal envolvendo todas as áreas de negócio da companhia. O objetivo é identificar oportunidades de mitigação de GEE [Gases do Efeito Estufa], em suas diferentes frentes de atuação, utilizando a metodologia da Curva de Custo Marginal de Abatimento (MACC) para mapear as oportunidades de maior custo-efetividade”, destaca a estatal em comunicado.

Plano

Petrolífera destinou US\$ 16,3 bilhões para iniciativas de baixo carbono no quinquênio 2025–2029, um aumento de 42% em relação ao período anterior

QUALIEXPORTA

Pombal está no mercado externo

Cooperativa Fonte de Sabor é uma das expositoras da 16ª edição da Expo Paraguai Brasil 2025

Ascom Secties

A Cooperativa Fonte de Sabor, localizada no Sítio São João, Zona Rural de Pombal (PB), conquistou um marco histórico ao participar como expositora da 16ª edição da Expo Paraguai Brasil 2025, realizada de 8 a 10 de setembro, em Ciudad del Este, Paraguai. A participação foi viabilizada pelo QualiExporta PBsF, projeto da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties-PB), que prepara empresas paraibanas para atuarem em mercados internacionais.

Para o secretário Claudio Furtado, a experiência da cooperativa é uma prova concreta da importância do projeto. “O QualiExporta prepara as empresas da Paraíba para uma estrutura exportadora internacional, oferecendo essa capacitação, que é tão importante, ou seja, a garantir uma estrutura para competir fora do país. A Cooperativa Fonte de Sabor é um exemplo desse resultado”, disse.

A feira, promovida pela ApexBrasil, reuniu mais de 150 empresas brasileiras e paraguaias, permitindo à Fonte de Sabor participar de rodadas de negócios e se conectar com compradores e distribuidores estrangeiros. Além disso, a cooperativa foi uma das 10 selecionadas a receber subsídio de até R\$ 20 mil, destinado a custear passagem e hospedagem.

“Depois de toda a bagagem adquirida nas formações, a equipe do PBsF entendeu que estávamos prontos para esse primeiro

desafio. E a Expo Paraguai tem sido isso: uma oportunidade de mostrar nossa empresa para o mundo, de aprender, de fazer *networking* e de construir futuros contratos”, destacou Maria da Paz, presidente da cooperativa.

Durante a feira, a Fonte de Sabor apresentou seus produtos, participou de rodadas de negócios, conheceu novas empresas e suas dinâmicas comerciais, e iniciou diálogos que podem gerar futuros contratos em médio e longo prazos. “A feira tem sido um espaço de aprendizado, conhecimento e ampliação de nossa rede de contatos. Tivemos muitas conversas promissoras e a oportunidade de expor nossos produtos de forma profissional”, afirmou Maria da Paz.

Para Maria da Paz, a experiência é também uma lição sobre persistência e transformação de sonhos em realidade: “Digo para quem está começando que não desista dos seus sonhos. Mas sonhar não basta; é preciso agir, trabalhar e enxergar oportunidades onde muitos não veem. O verdadeiro empreendedor vai além do sonho, ele constrói a realidade”.

QualiExporta PBsF

O acesso a oportunidades internacionais só foi possível graças ao QualiExporta PBsF, programa da Secties-PB que capacita empresas para a exportação, oferecendo orientação técnica. “Um dos diferenciais que nos ajudaram a conquistar a vaga foi o fato de sermos uma cooperativa liderada majoritariamente por mulheres negras, presi-

didada por uma quilombola, e de termos portfólio e *site* em português, espanhol e inglês. Isso mostra como estamos nos preparando para dialogar de igual para igual com o mercado internacional”, contou Maria da Paz.

A coordenadora do QualiExporta, a professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Márcia Paixão, explicou esse processo. “Desde o momento em que nós apresentamos a oportunidade para a empresa dela se inscrever para concorrer a vagas de participação até a véspera da viagem, ela teve o atendimento e o apoio técnico e administrativo do projeto. [...] Então, ela teve acesso porque o QualiExporta fez esse trabalho para que ela pudesse conhecer as possibilidades, pudesse acreditar, avaliar e concorrer à vaga, inclusive de forma bem qualificada”, disse.

Sobre a cooperativa

A Cooperativa Fonte de Sabor nasceu em 26 de julho de 2022, da união de famílias assentadas do Sítio São João, que buscavam uma forma de gerar renda coletiva e sustentável. A produção inicial focava em polpas de frutas naturais, aproveitando a abundância da região e destinando os produtos ao mercado institucional, como escolas e programas de alimentação.

Desde o início, a cooperativa estruturou-se com três objetivos centrais: incentivar o protagonismo de mulheres e jovens no campo; garantir sustentabilidade econômica para as famílias agricultoras; valorizar a agricultura familiar e fortale-

cer a economia solidária.

Com o tempo, a Fonte de Sabor diversificou sua produção, adicionando doces e geleias, ampliando a variedade de polpas de frutas e fortalecendo o protagonismo feminino e juvenil. Atualmente, a cooperativa é presidida por uma mulher quilombola e, entre seus cooperados, há famílias quilombolas, reforçando a diversidade e a inclusão no campo.

Empresas

O QualiExporta PBsF é voltado para pequenas e médias empresas e *startups* paraibanas. De acordo com a coordenadora do projeto, Márcia Paixão, professora e pesquisadora do Departamento de Economia da UFPB, participam desta edição 19 empresas dos seguintes setores: sete de cachaça, três de vestuário, dois de calçados e acessórios, um têxtil, dois de alimentos e bebidas, três de TI e *games*, e um de artesanato.

Segundo estudos realizados pelo projeto, os principais destinos das exportações paraibanas em 2024 foram Europa (30%), Estados Unidos (22%), Canadá (11%) e China (6,4%). Ainda há uma forte concentração em poucos produtos, como açúcar (49%), calçados de borracha (25%) e sucos de frutas (9,2%), pedra/areia/cascalho (5,2%), frutas (3,2%) e outros (6,2%). No entanto, o QualiExporta também identifica oportunidades em novos segmentos, como pedras preciosas, conservas, materiais plásticos, minerais não metálicos, produtos alimentícios, lavoura temporária e aquicultura.

Atendimentos

Desde janeiro deste ano, a equipe do QualiExporta PBsF realizou 114 atendimentos individuais, adaptados ao perfil de cada empresa, seja iniciante ou pré-qualificada pelo Peix/ApexBrasil. Além dos atendimentos individuais, o projeto também ofertou atividades coletivas aos empresários, incluindo quatro seminários de 90 minutos envolvendo colaboradores

e profissionais externos, e quatro reuniões empresariais realizadas durante o II FIPBsF.

Outra empresa que se beneficiou do QualiExporta PBsF foi a Samara Calçados, fabricante paraibana participante do programa Jornada Exportadora, da ApexBrasil, em parceria com o Sebrae. A oportunidade ocorreu de 26 a 30 de maio de 2025, com a empresa participando de rodadas de negócios e visitas técnicas em Assunção, no Paraguai, e em Quito, no Equador. Com o suporte técnico do QualiExporta, a Samara Calçados pôde aprimorar materiais de comunicação em diferentes idiomas, precificação internacional e estratégias logísticas, garantindo que seus produtos possam competir de forma estruturada e profissional no mercado externo.

“

O QualiExporta prepara as empresas da Paraíba para uma estrutura exportadora internacional, oferecendo essa capacitação, que é tão importante

Claudio Furtado



Promovida pela ApexBrasil, a feira reuniu mais de 150 empresas brasileiras e paraguaias, com direito a rodadas de negócios

CARANGUEJO-UÇÁ

Animal é indicador de bioqualidade

Espécie está presente em boa parte do Litoral brasileiro e demonstra sensibilidade a diversos poluentes e metais pesados

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Presente no cardápio de qualquer bar ou restaurante de beira de praia, o caranguejo-uçá é um velho conhecido de quem mora no Litoral paraibano, pelo seu uso na culinária. Poucos sabem, porém, de sua importância para o ecossistema.

De acordo com o biólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba, José da Silva Mourão, o caranguejo-uçá é uma espécie cavadora que proporciona a oxigenação e drenagem do sedimento. “A construção de tocas de caranguejos é um traço da intensa atividade biogênica nos solos dos manguezais. Esse comportamento influencia no fluxo e na exportação de matéria orgânica, bem como aumenta a biomassa em decomposição nas camadas inferiores do sedimento”, explicou.

Para Mourão, que é doutor em Ecologia e Recursos Naturais, o caranguejo-uçá tem papel central na degradação de matéria orgânica, por meio do consumo de resíduos vegetais, e na retenção de carbono e nutrientes. “Isto porque a degradação mediada pela atividade do caranguejo-uçá é 2,4 vezes mais rápida do que aquela que ocorre na superfície do solo”, disse.

Ele também destacou que o caranguejo-uçá pode

■ O caranguejo-uçá tem papel central na degradação de matéria orgânica



Comerciantes oferecem verduras e legumes durante o período de defeso e compram os animais de catadores quando permitido

ser um importante bioindicador de qualidade ambiental, pois, além de ser encontrado em grande parte do Litoral brasileiro, demonstra sensibilidade a diversos poluentes e metais pesados. “Dentro dessa mesma proposta, o caranguejo-uçá também é bioindicador da alta presença de benzeno nos manguezais, pois uma breve exposição ao benzeno é capaz de causar mudanças metabólicas significativas no animal, podendo comprometer processos vitais”, explicou o professor.

Habitat

O caranguejo-uçá habita regiões de mangue, em tocas que variam desde cerca de 50 cm até 1,5 m de profundidade, construídas nas zonas atingidas pelas marés. Pesquisas apontam que o caranguejo-uçá, além de habitar tocas, onde o consumo de oxigênio é baixo, vive sob o substrato do manguezal, onde o teor de oxigênio é mais elevado. Geralmente as tocas apresentam inclinação de 45° em relação à superfície e suas profundidades variam conforme a

zona e época do ano.

Nutrição

José Mourão mencionou que o caranguejo constitui um alimento nutritivo e destaca-se por seu papel como recurso pesqueiro e fonte de renda para milhares de caranguejeiros ao longo da costa do Brasil. A captura do caranguejo envolve, portanto, aspectos culturais, financeiros e nutricionais.

O comerciante Dirceu Cardoso Leite vende caranguejos no Mercado Público de Cabedelo há cerca de

quatro anos e contou que compra os animais de catadores do município de Marcação para revender. Dirceu ressaltou que tanto ele quanto os fornecedores respeitam os períodos de defeso, quando fica proibido pegar caranguejos. “A gente só trabalha enquanto está dando para trabalhar. Quando está proibido, a gente para”, garantiu. Ele também trabalha com outros produtos, como verduras e legumes, e foca nesses outros itens quando não é possível vender caranguejo.



Foto: Arquivo pessoal

“A construção de tocas de caranguejos é um traço da intensa atividade biogênica nos manguezais”

José da Silva Mourão

Pesca predatória do crustáceo é proibida o ano inteiro

Para garantir que o consumo humano não se acabe levando o animal à extinção, existem os períodos de defeso, que são épocas em que a captura do caranguejo-uçá é proibida. O período, que também é conhecido como “andada reprodutiva” é quando os caranguejos saem de suas tocas e andam pelo manguezal para acasalamento e liberação de ovos.

“É um período em que o animal fica mais vulnerável, biologicamente comprovado, porque eles ficam mais expostos ao seu habitat natural para poder se reproduzir”, explicou o major Wellington Aragão, chefe da Fiscalização da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema).

“Vale salientar que, durante o ano inteiro, é proibido capturar caranguejo-uçá com algumas pescas ditas predatórias, como é o

caso da redinha, que é muito comum aqui, no nosso território paraibano, além de animais com menos de 8 cm de carapaça. Então algumas pessoas, mesmo fora do período de defeso, insistem em fazer o resgate de animais que são pequenos, como filhotes, e não pode ser feito esse tipo de pesca”, ressaltou.

O major Aragão explicou que a fiscalização é feita tanto pela Sudema quanto pelo Batalhão de Polícia Ambiental e pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

As equipes de quaisquer desses órgãos podem visitar, separadamente ou em ações conjuntas, bares, restaurantes, mercados e outros locais onde os animais sejam comercializados para verificar se está havendo venda. Caso haja, o responsável precisa apresentar uma declaração de estoque,

previamente registrada no Ibama, que comprove que se trata de um animal que já estava armazenado previamente ao defeso e não foi capturado de forma ilegal.

“É importante dizer que quem comercializa no seu estabelecimento esse tipo de animal tem que buscar o Ibama, já antes do defeso, para poder declarar o seu estoque, para que, quando for fiscalizado, ele tenha comprovação de que esse caranguejo que ele já tem lá foi do estoque passado”, reforçou o major Wellington.

O Ministério da Pesca e Aquicultura, juntamente com o Ministério do Meio Ambiente e Mudança Climática, divulga portaria determinando os períodos de defeso, que, neste ano, ocorreram em alguns dias de janeiro, fevereiro, março e abril.

Os períodos de defeso, que também podem ocorrer para outras espécies,



Caça de animais pequenos e filhotes também é ilegal mesmo fora do período de defeso

garantem a pescadores artesanais profissionais o seguro-defeso, um benefício do Instituto Nacional de Se-

guridade Social (INSS) para compensar o tempo em que ficam impossibilitados de trabalhar. É necessário, po-

rém, cumprir alguns requisitos, inclusive comprovar que não possui outra fonte de renda.

LU MEIRELES

Futebol feminino ganha mais visibilidade

Jogadora mais experiente no futebol da Paraíba vê a modalidade cada vez mais protagonizada pelas mulheres

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Com o Brasil confirmado como sede da Copa do Mundo Feminina de 2027, os olhos se voltam para iniciativas locais que ajudam a construir o futuro do futebol feminino.

Na Paraíba, a realização do primeiro Campeonato Paraibano Sub-17 marca um passo histórico para as categorias de base e traz esperança para a inserção do estado no panorama nacional em notável evolução da modalidade. A atleta Lu Meireles, referên-

cia e representante da força e resistência estadual, com passagens por grandes times nacionais, como Flamengo e Ferroviária, conversou com o jornal **A União** sobre o atual momento do esporte, cada vez mais protagonizado pelas mulheres.

Entrevista

■ Como você enxerga a realização do primeiro Campeonato Paraibano Feminino Sub-17 e o impacto disso para o futuro do futebol feminino no estado?

Faz tempo que a Paraíba estava precisando desse pontapé inicial das categorias de base. A gente sabe que, em alguns outros estados, já acontece de forma muito natural, Sub-12, Sub-10, enfim, todas as categorias de base já acontecem de forma muito natural. E aqui faz um bom tempo que a gente, que vive o futebol feminino, esperava isso acontecer, porque sabemos o quão importante é trabalhar desde cedo. Eu, que jogo futebol aqui na Paraíba há muito tempo, já saí para jogar fora, já voltei, sempre havia um estadual Adulto, e de base nunca tinha. Esse Paraibano é, de fato, um marco. Então, eu espero que seja uma porta para Sub-15, para, de repente, Sub-12, né? Porque a gente começa com Sub-17 e ainda vê outras categorias. Então, eu, que estou à frente do Juliette Paulinha do Sesi, vejo o quanto de meninas boas que só precisam ser trabalhadas, lapidadas, para que possa realmente abrir os caminhos e dar continuidade a esse trabalho que vem sendo feito pelas mulheres. Hoje a gente vê o futebol feminino cada dia melhor, cada dia mais evoluído. Então, eu tenho certeza que é um caminho sem volta.

■ O Campeonato Paraibano Feminino Adulto é marcado por muitas goleadas, muitos placares elásticos. A que você atribui isso?

Olha, o motivo é o mesmo há muitos anos: apoio, apadrinhamento, patrocinadores, empresas que realmente queiram investir no futebol feminino. Lá no Sul e Sudeste, a gente já vê que há retorno. Não é à toa que, hoje, as meninas de lá estão ganhando muito bem, graças a Deus. Aqui, eu atribuo, realmente, a essa falta de empresas que abracem o futebol feminino. Sabe por quê? Porque esses placares elásticos que acontecem são porque, de fato, o campeonato ainda começa com seis, oito equipes. Dessas, duas ou três têm um pouco de estrutura, de condições, e as outras entram realmente só para participar. Essa é a verdade. Não existe um trabalho a longo prazo que possa fortalecer esses clubes. E eu sinto também que a federação poderia ajudar um pouquinho mais nesse sentido, sabe? Porque, se, infelizmente, as empresas privadas não chegam junto, a federação pode ser essa casa. A nossa casa, vamos dizer assim. Poderia ajudar esses pequenos clubes a trilhar caminhos para chegar a um nível melhor, entende? Eu não consigo ver como produtivo, para fazer um bom campeonato, um time que treina um mês e vai para a competição. Ou que treina 15 dias e vai para a competição. No mínimo, no mínimo, uns dois meses. Um mês, se as meninas já vierem, por exemplo, cuidando da parte física por conta própria, aí até vai. Mas está todo mundo parado. Porque hoje, aqui na Paraíba, não dá para viver só de futebol. Eu digo isso porque até eu, hoje, como profissional atuante, o que eu ganho jogando futebol é um extra. Não é o que paga minhas contas. Então, se as meninas precisam trabalhar para se sustentar, elas não têm condições de dedicar muito tempo para treinar e chegar num nível de competição bom. Então, é um apelo que eu faço para a federação, há um bom tempo, de melhorar um pouco mais. Agora, graças a Deus, a nossa presidenta está em um cargo muito interessante na CBF, como chefe de delegação da seleção prin-

cipal; isso me dá esperança de dias melhores. Já vem aí o Campeonato Sub-17, que é muito bom. Espero que isso abra portas para o Sub-20, para o Sub-15, para outras categorias.

■ A evolução do futebol feminino, sobretudo o paraibano, realmente está acontecendo? Ou por que ela está acontecendo tão devagar? O que você pensa sobre isso?

Se a gente for olhar anos anteriores e comparar com agora, já conseguimos ver uma evolução. Eu joguei 12 anos no Botafogo e, durante uns cinco a seis anos, o Botafogo era o único time. Não tinha nenhum outro que se equiparasse. Qualquer pessoa que for analisar o futebol feminino na Paraíba, hoje, vai ver que o Botafogo já não tem mais essa hegemonia. O VF4, por exemplo, foi campeão paraibano dois anos seguidos. Depois veio o Mixto, que também ganhou por dois anos consecutivos. Hoje, infelizmente, o VF4 não está mais competindo no futebol feminino, mas o Mixto vem batendo de frente o tempo todo com o Botafogo. Já faz quatro anos que o Botafogo não conquista o título estadual. Então, eu consigo ver evolução. E não só nesse aspecto. O futebol feminino, como um todo, caminha a passos lentos, mas caminha. São passos lentos, mas que aos poucos vão trazendo resultado. Prova disso é o futebol feminino em nível nacional. Até três anos atrás, eu jogava no Flamengo e ganhava um valor baixo. Hoje, três anos depois, as meninas estão ganhando cinco, 10 vezes mais do que eu ganhava naquela época. Quando eu falo que é um progresso lento, é porque não dá para comparar com o futebol masculino. O masculino é uma realidade completamente diferente. O feminino tem seu próprio caminho, mais devagar, mas está conquistando seu espaço a cada dia. A gente vê campeonatos sendo transmitidos em TV aberta, e isso é incrível. Quando que, há cinco anos, a gente ia imaginar que o Campeonato Brasileiro Feminino estaria passando na TV aberta? Ou que uma das fases da competição estaria sendo televisionada? Então, isso é um marco. É motivo de muita alegria, mas também não apaga tudo o que ainda precisa melhorar.

■ Você acha que a realização da Copa de 2027 no país também apressará um pouco mais essa evolução e melhorará a questão da visibilidade para o futebol feminino?

Sem dúvida alguma. Isso vai fazer com que mais empresas queiram investir no futebol feminino, porque eu sinto que as empresas ainda não veem retorno. Por isso eu falo que talvez falem alguns projetos que fizessem as empresas enxergarem que investir no futebol feminino po-

deria, sim, trazer retorno. As grandes empregadoras, os grandes grupos, hoje, já enxergam isso. Tenho uma agência esportiva, faço acompanhamento de carreira de atletas, e vejo algumas jogadoras que já estão no mercado há muito tempo, assim como outras agências, conseguindo, por exemplo, apoio e patrocínio de grandes marcas, como a Amazon, entre outras. Isso é um marco para o futebol feminino. Ver uma empresa do tamanho da Amazon, por exemplo, apoiando e patrocinando atletas do futebol feminino é incrível. A Nike, antigamente, só patrocinava atletas do masculino. Hoje, muitas meninas da Série A1, que é a elite do futebol feminino brasileiro, já são patrocinadas pela Nike, pela Adidas e por outras marcas. Isso é uma evolução sem tamanho. Quem não acompanha o futebol feminino acha que ele não vai crescer, que vai continuar do jeito que está. Mas quem acompanha de perto sabe que a gente deu um salto. E, com a Copa, eu não tenho dúvida de que outras empresas vão querer, sim, colocar a sua cara e estampar a sua marca no futebol feminino.

■ Na sua vivência, o que mudou no futebol feminino desde que você começou a jogar até hoje?

Olha, eu vivo o futebol há muitos anos, e me formei por conta dele. Sempre fui de família carente, nunca imaginei que teria condições financeiras para pagar uma faculdade, e, graças a Deus, me formei através do futebol, com bolsa integral, para jogar pela faculdade. Eu sou muito grata ao esporte. Mas, ao longo desses anos, foi muito difícil. Há 10 anos, o futebol feminino era ainda mais complicado, então, foi muito difícil mesmo. Só que, depois que me formei em Educação Física, em 2013, dando aula e convivendo com essa garotada, com essas crianças e adolescentes, eu comecei a perceber que elas poderiam alcançar tudo o que eu alcancei, ou até mais, muito mais rápido, se tivessem apoio. Eu me tornei atleta profissional de futebol aos 29 anos. Muito tarde. Muito tarde mesmo. Hoje, com 29, as meninas já estão pensando em se aposentar daqui a dois, três, cinco anos no máximo. E eu só consegui me tornar profissional com essa idade. Foi muito tempo de espera. E isso me fez querer continuar trabalhando com o futebol feminino.

ção Física, em 2013, dando aula e convivendo com essa garotada, com essas crianças e adolescentes, eu comecei a perceber que elas poderiam alcançar tudo o que eu alcancei, ou até mais, muito mais rápido, se tivessem apoio. Eu me tornei atleta profissional de futebol aos 29 anos. Muito tarde. Muito tarde mesmo. Hoje, com 29, as meninas já estão pensando em se aposentar daqui a dois, três, cinco anos no máximo. E eu só consegui me tornar profissional com essa idade. Foi muito tempo de espera. E isso me fez querer continuar trabalhando com o futebol feminino.

■ Para além da atuação como jogadora, como você tem atuado na modalidade e o que você pensa para o seu futuro dentro dela?

Eu me considero uma militante do futebol feminino hoje. Queria continuar trabalhando para melhorar a modalidade, mas não necessariamente como técnica. Adoro trabalhar com iniciação, adoro ensinar os primeiros passinhos. Tem vários atletas, meninos e meninas, que me enchem de orgulho, porque chegaram até mim sem saber nem dar um passe, e hoje estão jogando campeonatos. Isso é surreal. É um pagamento, de verdade. Mas, mesmo assim, eu continuo achando que não me vejo como treinadora nesta vida. Quando eu estava jogando em alto rendimento, no Flamengo, na Ferroviária, eu tinha um empresário, que, apesar de ser um pouco atencioso, eu sentia que havia coisas que faltavam, necessidades que não eram atendidas. Quando voltei para a Paraíba, me enraizei por aqui de vez e decidi não jogar mais fora. Na verdade, não queria me aposentar de fato, pendurar as chuteiras, mas queria continuar jogando aqui, na minha terra. Foi então que percebi que cuidar da carreira de atletas promissoras poderia ser uma forma de ajudar o futebol, tanto feminino quanto masculino, porque a minha agência não lida só com mulheres, lida com atletas. Eu vi ali uma forma de encurtar o caminho, de ajudar esses atletas a chegarem mais rápido aos seus objetivos. Porque, se tem talento e tem apoio, a chegada é muito mais rápida. Mas, se tem talento e não tem apoio, de 10, um chega, e olhe lá. O resto fica pelo caminho. Falo por mim mesma. Quando eu estava nessa caminhada, vi tantas meninas, muito melhores que eu, que ficaram pelo caminho. Sempre digo nas minhas entrevistas: eu não venci por ser uma jogadora boa, técnica ou habilidosa. Eu venci porque fui muito dedicada. Foi aí que comecei a perceber que eu podia continuar no futebol de outra forma: ajudando a modalidade e ajudando outros atletas a realizarem seus sonhos de viver do esporte com apoio.



Lu Meireles defendendo o VF4, acima, e em ação no trabalho que realiza no Sesi com novos talentos

Foto: Evandro Pereira

Foto: Arquivo Pessoal

COB EXPO 2025

Carl Lewis está confirmado no evento

Um dos maiores atletas do mundo, o norte-americano aceitou o convite e participará da primeira plenária

Considerado um dos maiores atletas da história, o ex-velocista norte-americano Carl Lewis estará na COB Expo 2025 a convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB). Dono de nove medalhas de ouro e uma de prata em quatro edições dos Jogos Olímpicos (1984, 1988, 1992 e 1996), Lewis participará da primeira plenária do evento “Carl Lewis: a excelência de uma lenda olímpica!” — para compartilhar sua trajetória de sucesso e os bastidores de uma carreira que marcou gerações.

Durante a participação de Lewis, o público poderá conhecer mais sobre o período em que ele brilhou nas pistas, entre as décadas de 1980 e 1990, com conquistas memoráveis, como os quatro ouros em Los Angeles 1984 — nos 100 m, 200 m, salto em distância e revezamento 4x100 m —, igualando o feito histórico de Jesse Owens em 1936. No salto em distância, Lewis venceu quatro edições consecutivas dos Jogos Olímpicos, um recorde inédito.

Carl Lewis nasceu em 1º de julho de 1961, em Birmingham, Alabama (EUA). Além de suas conquistas esportivas, também se destacou por seu engajamento em causas sociais. Em 1999, foi eleito pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como o Atleta do Século XX, reconhecimento máximo de

sua relevância para o esporte mundial.

“É uma honra receber Carl Lewis na COB Expo. Sua história inspira atletas e fãs do esporte em todo o mundo, e tê-lo conosco reforça o propósito da feira: conectar o universo olímpico à sociedade brasileira”, afirma Marco La Porta, presidente do COB. “A presença de um ídolo desse calibre é uma inspiração para a construção da nossa nação esportiva, mostrando o poder transformador do esporte e o que podemos alcançar com dedicação e excelência”.

Para a diretora de Comunicação e Marketing do COB, Manoela Penna, a participação do atleta transcende a área esportiva. “Carl Lewis representa a memória olímpica viva, e sua trajetória reflete os valores olímpicos de excelência, amizade e respeito, que são pilares que transcendem o esporte e se aplicam à vida de todos. Essa conexão é valiosa para o público da COB Expo”, completa Penna.

A COB Expo 2025 será realizada de 24 a 28 de setembro, no Centro de Eventos Pro Magno, em São Paulo. Em sua terceira edição, o evento reafirma o compromisso do COB em aproximar o esporte olímpico da sociedade, promovendo conhecimento, interação e oportunidades de negócios em um ambiente vibrante e colaborativo.



Lewis é dono de nove medalhas de ouro e uma de prata em quatro edições dos Jogos Olímpicos (1984, 1988, 1992 e 1996)

Os maiores feitos de Carl Lewis

Conquistas olímpicas (10 Medalhas)

Conquistou 10 medalhas olímpicas (nove de ouro e uma de prata) em quatro edições consecutivas dos Jogos (Los Angeles 1984, Seul 1988, Barcelona 1992 e Atlanta 1996).

Quadruple Gold em 1984: venceu quatro medalhas de ouro nos Jogos de Los Angeles 1984,

igualando o feito histórico de Jesse Owens em Berlim 1936. As provas foram:

100 m rasos
200 m rasos
Salto em distância
Revezamento 4x100 m

Quatro ouros consecutivos no salto em distância: é o único homem a vencer a mesma prova in-

dividual de pista e campo em quatro edições olímpicas seguidas: ouro no salto em distância em 1984, 1988, 1992 e 1996.

Conquistas em Campeonatos Mundiais (10 Medalhas)

Ganhou 10 medalhas em Campeonatos Mundiais de Atletismo (oito de

ouro, uma de prata e uma de bronze).

Domínio mundial: foi o primeiro a vencer o salto em distância em três Campeonatos Mundiais seguidos (1983, 1987 e 1991).

Recordes e marcas notáveis

Recorde Mundial no 100 m: bateu o recorde

mundial dos 100 m rasos no Campeonato Mundial de Tóquio 1991 (9,86 s), em uma corrida icônica onde outros recordes foram quebrados.

Primeiro a Baixar de 9,90s: foi o primeiro atleta a correr oficialmente os 100 m abaixo dos 9,90 s (com vento regulamentar), em 1988, embora o recorde tenha sido atri-

buído a Ben Johnson inicialmente e depois revertido.

Reconhecimento

Atleta do Século XX do COI: foi eleito pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como o Atleta do Século XX em 1999, um dos reconhecimentos mais altos no esporte mundial.

Caio Bonfim e Viviane Lyra também serão palestrantes

A COB Expo 2025 vai abrir espaço para discutir uma das modalidades em ascensão no país: a marcha atlética. Caio Bonfim, medalhista olímpico em Paris 2024 e um dos grandes representantes da marcha atlética no cenário internacional, e Viviane Lyra, heptacampeã brasileira e referência da modalidade no país serão os grandes nomes do esporte na palestra “Rumo ao Mundial: 200 dias para a marcha atlética fazer história em Brasília”.

O painel será no dia 25 de setembro, às 10h, no Palco Talks e contará ainda com a presença dos dirigentes César Sbrighi, do Comitê Organizador do Mundial de Marcha Atlética, e Wlamir Motta Campos, presidente da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt).

No encontro serão compartilhados bastidores e expectativas para o evento, marcando a contagem regressiva para o Mundial, que representa não apenas a oportunidade de receber atletas de elite de diversos países, mas também um marco histórico para consolidar a modalidade no Brasil, fortalecendo a

formação de novos talentos e ampliando sua visibilidade.

A marcha atlética vem conquistando cada vez mais espaço e reconhecimento no esporte brasileiro, especialmente após a conquista inédita da medalha de prata de Caio Bonfim nos Jogos de Paris. O encontro na COB Expo será uma oportunidade única de aproximar o público do ambiente da marcha atlética e entender a importância do evento para o país.

Mais do que uma conversa sobre preparação esportiva, o encontro busca valorizar o papel da modalidade no calendário internacional e reforçar o impacto que a realização de um Mundial em território brasileiro pode trazer para a comunidade esportiva.

A COB Expo 2025 é um evento gratuito e aberto ao público, com entrada social mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível. Para participar, basta retirar o ingresso de visitante no site oficial (www.cobexpo.com.br) e garantir presença na maior feira do esporte olímpico da América Latina.



Atletas participaram dos Jogos Olímpicos de Paris em 2024 e vão estar na Expo 2025 do Comitê Olímpico do Brasil

SEGUNDA DIVISÃO

Última rodada define classificados

Jogos deste domingo selecionam o segundo semifinalista, o outro rebaixado e os quatro clubes que vão para a 2ª fase

Danrley Pascoal
 danrley.p@gmail.com

A última rodada da fase classificatória da Segunda Divisão do Campeonato Paraibano acontece, hoje, com todos os jogos no mesmo horário, às 15h. Na Toca do Papão, em Sapé, jogam Confiança e Miramar. No Feitosão, em Monteiro, o Serrano recebe o Spartax. No José Cavalcanti, em Patos, o Sabugy enfrenta a Queimadense. No Zezão, em Itaporanga, o Cruzeiro duela contra a Desportiva Guarabira. No Amigão, em Campina Grande, o São Paulo Crystal encara o líder Atlético de Cajazeiras.

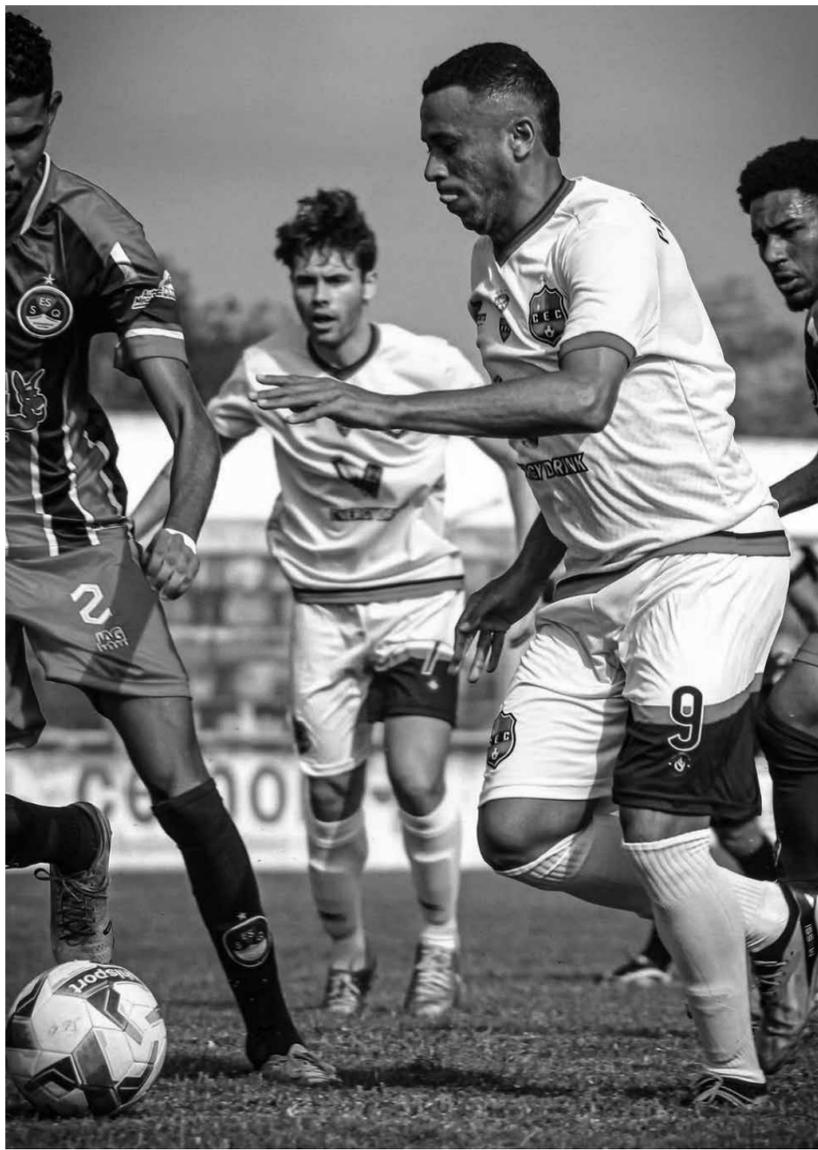


Foto: Reprodução/Instagram @iv.fotografia9 e confiancaceape

Equipe do Confiança entra em campo hoje, na Toca do Papão, contra o Miramar

Rebaixado

O Sabugy foi o primeiro clube rebaixado para a terceira divisão, e o segundo será conhecido na rodada deste domingo

O Atlético de Cajazeiras é o primeiro time classificado para a semifinal da Segunda Divisão. A equipe faz a melhor campanha do torneio e não pode mais ser ultrapassada pelos demais adversários. O clube do Sertão somou 19 pontos em oito jogos, tendo o maior número de vitórias (seis). Diante do São Paulo Crystal, o time do Sertão apenas clube tabela. Quatro equipes estão de olho na segunda vaga na fase prévia à final: Miramar, Desportiva Guarabira, Cruzeiro e Con-

fiança. Essas agremiações já garantiram, pelo menos, lugar na segunda fase.

São Paulo Crystal, Serrano e Spartax brigam pela última vaga, ainda em aberto, para a próxima fase. O Carcará do Engenho tem situação menos complicada, com empate se classifica. Mas caso perca, para ser elimina-

do, os dois outros concorrentes, que se enfrentam, precisariam de um triunfo com margem alta de gols para reverter a diferença negativa do saldo. Neste momento, o SP tem oito gols de saldo em relação aos dois rivais.

Na luta contra o descenso, com o Sabugy já rebaixado, Serrano, Spartax e Quei-

madense precisam ficar de olhos abertos. A segunda vaga para a Terceira Divisão de 2026 será de uma dessas equipes. A agremiação de Queimadas é quem ocupa a nona posição e estaria rebaixada.

Se o Atlético faz, com grande margem, a melhor campanha, tendo acumulado 23 gols marcados e sete sofridos, o Sabugy tem, de longe, o pior desempenho, são oito derrotas registradas, sem ao menos pontuar. Além disso, foram 30 gols sofridos e apenas três marcados. O Gavião do Vale havia garantido sua participação no certame ao herdar a vaga da Piciuense, que jogou a Primeira Divisão no lugar do CSP.

Após o fim da primeira fase, as equipes posicionadas do terceiro ao sexto lugar duelam em um mata-mata (3ºx6º; 4ºx5º), só de ida, que define dois semifinalistas. Em seguida, os vencedores enfrentam o líder e o vice-líder da fase classificatória, em partidas de ida e volta. O chaveamento define os seguintes enfrentamentos: 1º lugar joga contra o ganhador de 4º lugar x 5º lugar; e o 2º lugar joga contra o ganhador de 3º lugar x 6º lugar. A grande final será realizada em jogo único na casa da equipe com a melhor campanha geral.

Foto: Reprodução/Instagram @atleticooficialcz



Atlético de Cajazeiras foi o primeiro time classificado para a semifinal da Segunda Divisão

Classificação

Clubes	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Atlético	19	8	6	1	1	23	7	16
2º Miramar	15	8	4	3	1	20	7	13
3º Desportiva Guarabira	15	8	4	3	1	13	9	4
4º Cruzeiro	14	8	4	2	2	13	12	1
5º Confiança	13	8	3	4	1	12	7	5
6º São Paulo Crystal	11	8	3	2	3	12	8	4
7º Spartax	8	8	2	2	4	14	18	-4
8º Serrano	8	8	2	2	4	10	14	-4
9º Queimadense	7	8	2	1	5	8	16	-8
10º Sabugy	0	8	0	0	8	3	30	-27

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Voltou o futebol!

No meio de semana tivemos a primeira rodada da Liga dos Campeões da Europa naquilo que é um suspiro de felicidade para quem gosta do futebol bem jogado e gostoso de ver, ao ponto de se parar em frente da televisão, deixar um pouco o celular de lado — a não ser que seja para soltar uma mensagem emocionada em caixa alta por um golaço ou uma jogada maravilhosa no grupo da galera, que, por sinal, também está vendo o grande jogo do dia — e acompanhar a rodada da melhor competição de futebol do planeta. É a volta do futebol na programação.

Digo isto, amigos e amigas, porque pelo menos por aqui a vontade de ver partidas de futebol está cada vez menor. Para quem vive na Paraíba e está acostumado a espiar jogos de Série C e Série D então... a Liga dos Campeões parece mesmo é um outro esporte.

Mas para o leitor não achar que este escriba é um "Enzo" ou "Nutella" mediocre, cabe a breve explicação dos últimos anos de futebol deste produtor de linhas. O amigo que aqui escreve já teve uma energia grande para sair de casa e ver a maior variedade de nível de futebol jogado. De 2011, quando comecei na carreira de jornalista esportivo, para cá, foram 14 anos e muitos minutos de jogos assistidos. E a vontade de vê-los era gigante. Mas o tempo passou e eu nem sofri tão calado assim, diferente do sucesso de Gian e Giovani, porque por muito tempo não só acompanhei, muitas vezes no estádio, como analisei as pejejas de Campeonato Paraibano, Série D e Série C.

Para não só lamentar, tive ainda a sorte de ver bons times paraibanos, como o Botafogo-PB de 1998, 1999 e 2003, o Campinense de 2003 e 2008, o Treze de 2006 e o Nacional de Patos de 2007. Mesmo na periferia do futebol brasileiro, eram times que dava gosto de ir ao estádio acompanhar. Puxando pela memória, acho que o Belo de 2013 foi o último conjunto prazeroso de assistir por aqui. Nos últimos anos, até a elite do futebol brasileiro não nos entrega tantos bons jogos, que me fazem parar para ficar junto à TV acompanhando as decisões dos atletas com e sem bola.

Assim, sobrou mesmo a Liga dos Campeões da Europa como a reserva de qualidade quase que sem falhas da programação televisiva em matéria de futebol. De modo que quando a competição acaba, um vazio me invade após o apito final da competição. Ao mesmo tempo que a alegria renasce quando o torneio retorna. Voltou o futebol!

Não escrevo nada disso de maneira orgulhosa, como um defensor do futebol que tem menos de Europeu e muito mais de jogado na Europa. Afinal, natural de um país colonizado que sou, ver um capital simbólico de uma semelhante exploração, mas dessa vez num suposto mundo moderno, dentro de um contexto, pelo menos em relação ao tema aqui proposto, esportivo, não é das coisas mais confortáveis de se acompanhar. Até porque muito do alívio em voltar a ver jogos de boa qualidade tem a ver com jogadores nossos, brasileiros, e dos vizinhos de portas e angústias, de América Latina e África.

Ignorando rapidamente todo o contexto nefasto do capitalismo global que segue a nos explorar de várias formas, fiquei feliz que o futebol voltou e pude novamente ver o PSG de Luis Enrique, sobrando tecnicamente, enquanto conjunto, sobretudo, diante da Atalanta. Com Mbappé marcando dois na vitória do Real Madrid sobre o Olympique e se igualando a Thomas Müller como o sexto maior artilheiro da história do torneio com 57 gols. Com o bailarino 4 a 4 entre Juventus e Borussia Dortmund. Tudo isso pela primeira rodada do torneio na atual temporada. Todos bons jogos. Que valem a pena parar para ver e tentar esquecer, talvez por 90 minutos, da realidade trágica de que o sistema ainda nos esmaga e nos vence em todos os campos. Foi mal, Mano Brown!

Jogos de hoje

15h
 Confiança x Miramar
 Serrano x Spartax
 Sabugy x Queimadense
 Cruzeiro x Desportiva Guarabira
 SP Crystal x Atlético-CP

Foto: Adriano Pontes/Flamengo



Foto: Matheus Lima/Vasco



O zagueiro Danilo tem chance de começar jogando o clássico contra o Vasco da Gama, no Maracanã; o atacante Vegetti é uma das armas do Cruzmaltino para superar o líder do Campeonato

BRASILEIRÃO

Clássico carioca é destaque da rodada

Gre-Nal também chama atenção, devido às dificuldades que as equipes gaúchas estão enfrentando na competição

Da Redação

Envolvido nas quartas de final da Libertadores, em que venceu o primeiro jogo por 2 a 1, contra o Estudiantes, da Argentina; o Flamengo volta, agora, as atenções para o Brasileirão, já que, hoje, enfrenta o Vasco, às 17h30, no Maracanã, pela 24ª rodada. A vitória contra o rival carioca pode garantir ao Rubro-Negro, que é líder com 50 pontos, pelo menos, a manutenção da diferença de três pontos do vice, distância do início da rodada. A partida será transmitida pela TV Globo.

Diante do cenário na competição da Conmebol, Felipe Luís trabalha para que os atletas esqueçam tudo que envolveu a última partida e foquem todas as atenções no rival local na tarde de hoje. Com chances reais de alcançar o título brasileiro depois de seis temporadas, o treinador busca brindar os atletas das polêmicas da Libertadores.

A equipe chega para o clássico com o seguinte contexto. No meio de semana, o Flamengo desperdiçou grande chance de abrir boa vantagem sobre o Estudiantes no jogo de ida do torneio continental, que ficou marcado pelas polêmicas e pelos eventuais erros da arbitragem. O time teve um início arrasador, marcando dois gols em oito minutos, no entanto, abusou de desperdiçar chances, acabou vazado no fim e com triunfo por apenas 2 a 1, vai à La Plata, na Argentina, na próxima quinta-feira (25) precisando de um empate para avançar à semifinal.

Na semifinal da Copa do Brasil, que só vai acontecer em dezembro, o Vasco está 100% focado no Brasileirão. Com 23 pontos, o clube carioca não tem situação confortável na competição de pontos corridos, já que soma ape-



O Cruzeiro, de Fabricio Bruno e Gabigol, leva amplo favoritismo contra o Bragantino, hoje, no Mineirão, para se aproximar ainda mais dos líderes

nas um a mais que o 17º, neste momento, o Vitória com 22 pontos. Apesar de avançar na copa, Fernando Diniz ainda não conseguiu convencer o torcedor nas partidas realizadas na Série A. Em 14 jogos, foram apenas quatro vitórias, além de quatro empates e seis derrotas.

Nos últimos seis jogos, somando Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro, a equipe de São Januário venceu apenas um jogo, contra o Sport, lanterna da Série A, por 3 a 2. Com o desempenho não convencendo, ainda tem outro fator preocupante para o clássico de hoje. O Vasco não vence uma partida no Maracanã desde 2023, quando derrotou o Atlético-MG por 1 a 0, pela

20ª rodada do Brasileirão, o jejum registra 12 jogos.

Cruzeiro x Bragantino

A Raposa, do artilheiro Kaio Jorge, com 15 gols, recebe o Massa Bruta, hoje, no Mineirão, em Belo Horizonte, a partir das 20h30. Os mineiros precisam dos três pontos para ter a possibilidade de terminar a 24ª rodada com a mesma pontuação do Flamengo (50 pontos). Para esse cenário ocorrer, além do triunfo em casa, que faria o clube celeste saltar dos 47 para os 50 pontos, seria preciso que o Rubro-Negro perdesse para o Vasco. A partida entre Cruzeiro e Bragantino será transmitida pela Record, CazéTV e Premiere.

Gre-Nal

O Gre-Nal 448 acontece, hoje, a partir das 17h30, no Beira-Rio, em Porto Alegre, com Roger Machado e Mano Menezes bastante pressionados. No atual momento, uma derrota pode causar a demissão do técnico de um dos clubes. Na tabela de classificação, o Inter soma 27 pontos, estando em 12º; enquanto o Grêmio está duas posições abaixo (14º), com 25 pontos. O clássico gaúcho será transmitido pelo Premiere.

San-São

Ameaçado pelo Z4, o Santos (23 pontos) trabalhou forte para voltar a vencer após quatro tropeços seguidos, duas derrotas,

diante de Vasco (6 a 0) e de Bahia (2 a 0), e dois empates, com Fluminense (0 a 0) e com Atlético-MG (1 a 1). O time recebe o São Paulo, hoje, às 20h30, na Vila Belmiro, ciente que precisa de um triunfo para não correr riscos de fechar a rodada entre os times da zona de rebaixamento. O enfrentamento terá transmissão do Sportv e do Premiere.

O São Paulo não deve ir com força máxima para o clássico San-São. O foco deve ser todo para o jogo de volta das quartas de final da Libertadores. O Tricolor tem uma desvantagem de 2 a 0 contra a LDU, do Equador, e precisará vencer na volta, no Morumbis, quinta-feira

(25), por três gols de diferença para avançar ainda nos 90 minutos. Se houver empate no agregado, a disputa vai para os pênaltis. Assim, as principais peças do elenco são paulino não devem ser opção diante do time de Neymar, na noite de hoje.

Outros jogos

Além dos jogos já mencionados, o domingo de Brasileirão ainda tem mais duas partidas: no Maião, em Mirassol (SP), às 16h, com transmissão do Premiere, os donos da casa jogam contra o Juventude; enquanto na Ilha do Retiro, em Recife, o Sport recebe o Corinthians, também com transmissão do Premiere.

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

16h

Mirassol x Juventude

17h30

Flamengo x Vasco

Internacional x Grêmio

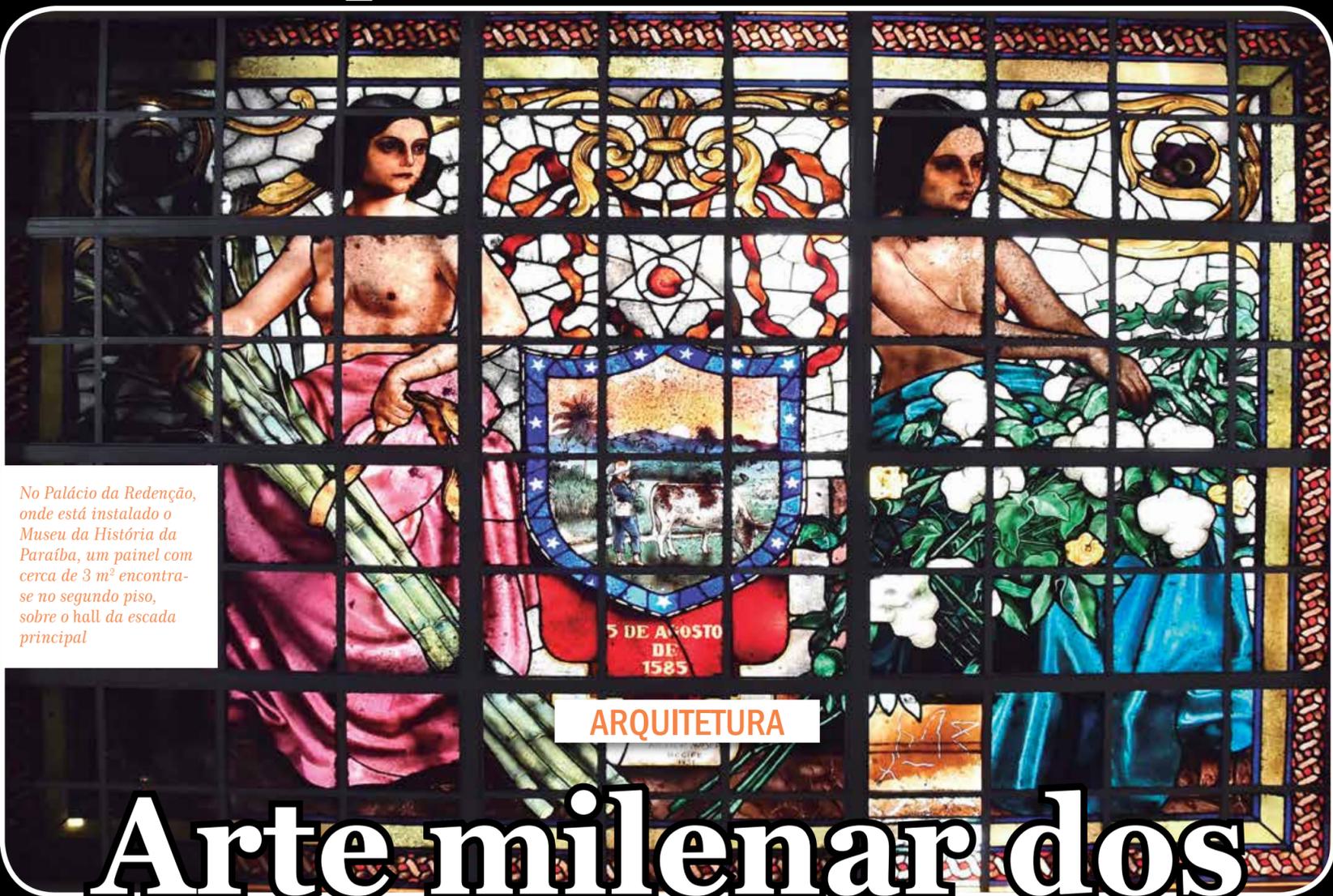
Sport x Corinthians

20h30

Santos x São Paulo

Cruzeiro x Bragantino

Foto: Roberto Quevedo



No Palácio da Redenção, onde está instalado o Museu da História da Paraíba, um painel com cerca de 3 m² encontra-se no segundo piso, sobre o hall da escada principal

ARQUITETURA

Arte milenar dos vitrais na Paraíba

Em João Pessoa, conheça algumas obras da técnica que vai além de um elemento decorativo

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojr@gmail.com

Luz e cores são os principais recursos da arte vitral, tradição milenar que explora formas e representações modeladas e pintadas em vidro para criar matizes e tons de acordo com a luminosidade. Na capital paraibana, os exemplares dessa expressão artística encontrados em igrejas, prédios públicos ou casarões revelam um pouco das funções e dos estilos forjados ao longo da história desse tipo de arte plástica.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no bairro de Jaguaribe, reúne um dos mais consideráveis exemplares de vitrais religiosos de João Pessoa. São 26 painéis em forma de janelas de até 5 m de altura, 15 dos quais representando os mistérios do Rosário (gozosos, dolorosos e gloriosos) e os demais retratando santos e cenas religiosas, o maior deles é um painel da Sagrada Família, situado no coro do templo católico.

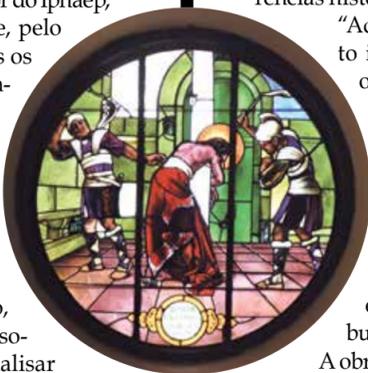
Os vitrais da Igreja do Rosário foram confeccionados pelo artista alemão Heinrich Moser (1886-1947) e patrocinados por famílias influentes da capital, cujos nomes estão na parte inferior dos painéis. Além da luminosidade que proporciona um ambiente convidativo à oração e à contemplação, as imagens e cenas representadas também buscam educar para a fé. Do ponto de vista estrutural, os materiais utilizados — como vidro, chumbo, latão ou cobre — são mais leves e permitem paredes mais altas e de menor espessura.

Mesmo em ambientes civis, a temática religiosa também é recorrente, como é o caso dos vitrais do prédio onde está instalado o Memorial Parlamentar, da Assembleia Legislativa da Paraíba. Situado na esquina da Avenida Duque de Caxias com a Rua Gabriel Malagrida, no Centro de João Pessoa, o local conta com dois painéis confeccionados em lente opalina que foram trazidos da Europa, em 1896, e retratam a Santa Bárbara e a Sagrada Família.

A restauradora e arquiteta do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Cultural do Estado da Paraíba (Iphaep), Maria Piedade Farias, lembra que, apesar dos vitrais terem florescido na Idade Média com o estilo gótico, eles também eram utilizados na arte palaciana. Isso torna difícil precisar seu surgimento. “Eu não sei o que veio primeiro, se foram dos palácios para as igrejas ou das igrejas para os palácios. Naquela época, o poder dos reis e da Igreja andava muito junto, e a arte até se repetia nesses ambientes”, explica.

Piedade Farias cita o exemplo do painel de cerca de 3 m², localizado no segundo piso do Palácio da Redenção, sobre o hall da escada principal. Ela esteve responsável, ao lado do também restaurador do Iphaep, Luís Carlos Kehrlé, pelo inventário de todos os bens móveis integrados do prédio, cujo Museu da História da Paraíba está instalado. Para elaborar a ficha do vitral Brasão de Armas do Palácio da Redenção, eles se debruçaram sobre a peça para analisar suas características estilísticas

Dois dos 26 painéis (acima e abaixo) da Igreja de Nossa Senhora do Rosário



No Liceu Paraibano, três painéis verticais importados da Europa adornam o prédio

cas e técnicas, além de buscar referências históricas.

“Aquele vitral é muito importante, talvez o mais importante que exista na Paraíba. Trata-se de um painel em vitral figurativo, datado de 1931 e de autoria do vitralista alemão radicado em Recife, Pernambuco, Heinrich Moser.

A obra apresenta elementos que tendem ao gosto *art nouveau*, valorizando formas naturais em movimento”, destaca Maria Piedade Farias.

O painel deve passar por um processo de restauração, inclusive porque, na parte inferior, dois quadrados apresentam cores e desenhos incompatíveis com o restante da obra. Piedade e Kehrlé têm buscado profissionais especializados para realizar este trabalho, mas relatam que é difícil encontrar restauradores de vitrais. “É uma arte que podemos dizer que está morrendo, porque o artesanato que trabalha com isso não a vê mais. Hoje, ninguém faz um projeto de uma casa e coloca o vitral no projeto. O negócio é preservar o que se tem e, mesmo assim, a gente tem dificuldade”, argumenta Kehrlé.

Segundo ele, para substituir os vidros, seria preciso utilizar tinta própria para vitral para pintar um vidro branco, mas o ideal seria reconstruir a peça da forma como foi concebida, quando o vidro era cortado de acordo com o desenho e unido um a outro com chumbo derretido, que, para quem olha, confunde-se com o contorno do desenho.

Outras amostras de vitrais em João Pessoa que fogem à temática religiosa estão na casa que pertenceu a Odilon Ribeiro Coutinho, localizada na Avenida João Machado, e no prédio Liceu Paraibano, no Centro da capital, onde três grandes painéis verticais importados da Europa adornam as compridas e estreitas janelas situadas na escada principal do edifício. O colorido dos elementos figurativos destaca-se no contraste com a luz, fazendo resplandecer figuras que remetem às Letras, às Ciências e às Artes. A introdução dos vitrais reforçava a proposta da arquitetura modernista de integrar aos ambientes elementos plásticos de significativos valores artísticos que procuram conciliar modernidade e tradição.

Humanizando o ambiente

A palavra vitral vem do francês antigo *vitrail*, derivado do latim *vitreus*, que significa “de vidro”. A arte floresceu na Europa, ligada à arquitetura gótica, mas suas origens remontam ao século 7, empregado tanto em edifícios religiosos católicos, como igrejas, abadias e conventos, como também na arquitetura islâmica, em mesquitas e palácios.

Para além de um elemento decorativo, os vitrais desempenham um papel funcional ao filtrarem a luz que penetra no espaço, produzindo um efeito atmosférico e tornando os ambientes acolhedores e humanizados. A arquitetura de interiores considera o vitral como uma espécie de antídoto contra a frieza e a impersonalidade das construções contemporâneas, que têm priorizado materiais de larga escala e de fácil reprodução por serem mais viáveis economicamente.

Molina

Professora e colunista social fez das letras e da simplicidade as ferramentas para escrever sua história nas páginas de jornais e livros, assim como na memória da sociedade campinense



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Educação, gestão pública e jornalismo: três atividades que marcam a trajetória profissional de Molina Ribeiro. A professora, assessora e colunista social fez das letras e da simplicidade as ferramentas para escrever sua história nas páginas de jornais e livros, assim como na memória da sociedade campinense.

Maria Molina Ribeiro nasceu em 14 de novembro de 1938, em Campina Grande. A primogênita do advogado e historiador Hortênsio de Souza Ribeiro e de sua esposa, Maria de Lourdes Moura Ribeiro, teve formação em colégios religiosos como o Carmelita, de Alagoa Nova, e as Damas, em Campina Grande, além do Colégio Alfredo Dantas, na mesma cidade, graduando-se em Jornalismo, tempos depois, no Centro Universitário de Brasília (CEUB).

Como professora concursada pela Secretaria de Educação do Estado, Molina lecionou História da Arte nos colégios Anézio Leão e Solon de Lucena, ambos em Campina Grande. As habilidades como docente conduziram-na a diferentes cargos na gestão pública municipal, estadual e até nacional. Da capital paraibana, onde foi assessora de Comunicação na Delegacia Regional do Ministério da Educação (MEC), seguiu para Brasília (DF), onde ocupou o cargo de assessora de gabinete do mesmo ministério nos anos 1960, tanto no governo João Goulart,

quanto nos governos militares Castelo Branco e Costa e Silva. Nessa época, ela casou com o professor paulista José Roberto Faraúde, do Centro de Ensino Técnico de Brasília (Ceteb), com quem teve três filhos.

“Como a vida dá muitas voltas, fui morar no Rio de Janeiro, onde ocupei uma função na ITN Comércio Internacional S/A, empresa do saudosíssimo Fernando Cunha Lima. Retornando a Campina Grande, então realmente comeci a minha carreira jornalística. A convite do superintendente do *Diário da Borborema*, Luiz Barbosa de Aguiar, substituí a jornalista Olga Barros, com a coluna social *Molina*. Deixando o *Diário da Borborema*, fui admitida no *Jornal da Paraíba* como secretária de Redação, na superintendência do Dr. Arlindo Almeida. Também escrevia uma crônica paralela à coluna social de Josildo Albuquerque”, relatou a paraibana, num artigo para o jornal *A União*, no qual narra sua trajetória.

A jornalista Inise Machado trabalhou com Molina no *Diário da Borborema* e recorda do trabalho da companheira à frente da coluna social do periódico. “Ela divulgava as notícias da sociedade de modo geral e a gente acabou fazendo amizade, porque eu sempre estive envolvida nas lutas de classe e a convidava para a luta. Ainda que ela tivesse um público específico, sempre sinalizava que estava do nosso lado. Ela era uma pessoa rebuscada, mas ao mesmo tempo simples e muito próxima dos companheiros de redação”, conta.

Molina Ribeiro tinha consciência da função histórica do colunismo social “de consagrar a modernização dos es-

Molina Ribeiro

Paraibana fortaleceu o colunismo social no estado

los de vida das elites”, como afirmou em um artigo no qual homenageava o colunista Oliveira Filho. Mesmo prestando culto às celebridades, esses espaços privilegiados de visibilidade na imprensa também refletiam a personalidade de quem os assinava, e ainda que regidos por maiores ou menores graus de envolvimento editorial, tornam-se espaços de debates, opiniões e notícias reveladores dos fatos e costumes sociais de uma época. A atuação de Molina Ribeiro, nesse sentido, foi diversa: além dos jornais generalistas, foi colaboradora da *Revista Donna*, do jornal *O Vip* e do portal *Paraíba Online*, onde assinava colunas.

Excelente cronista

Depois que se aposentou do ofício de professora, Molina Ribeiro passou a colaborar com artigos e crônicas para os jornais *Correio da Paraíba* e *A União*. Muitos dos textos publicados semanalmente foram selecionados pela autora para o livro *Café da manhã*, que deixou no prelo. “Talvez por ser professora e jornalista, o texto dela é enxuto e quase literário. Ela era uma excelente cronista. O dia a dia, o cotidiano e as coisas mais simples eram transformadas por ela em crônicas”, comenta um de seus grandes amigos, o escritor e poeta paraibano Políbio Alves.

A aproximação entre os dois escritores era tamanha que Políbio a considerava “uma irmã”. Segundo ele, tudo se deu a partir da paixão de ambos pelas letras, quando ela passou a morar em João Pessoa, nos anos 1980. “Casualmente, eu fui à Secretaria de Edu-

cação, onde ela trabalhava, e na época tinha saído uma reportagem comigo. Ela veio conversar e foi aí que comecemos a trocar livros e nos encontramos para conversar sobre eles tomando um café no Ponto de Cem Réis. Foi uma amizade verdadeira, duradoura”, descreveu o escritor.

O vínculo entre os dois se fortaleceu ainda mais com uma surpresa que, ainda hoje, Políbio Alves guarda no coração. Depois de quase 30 anos pesquisando sobre a trajetória e os escritos do amigo, quando Molina preparava-se para voltar a viver em Campina Grande, porque precisava cuidar da mãe, entregou ao poeta os originais do livro *Ofício de escrever e outras vertentes: diálogos com Políbio Alves*. “Ela me disse que não tinha condições de publicar e, se eu não gostasse, jogasse no lixo. Quando eu olhei, eu disse: ‘Meu Deus, o que é isso?’. Era um livro primoroso, tanto que, quando eu peguei, não soltei mais. Fiquei lendo até de manhã. Isso me marcou muito, porque eu não sabia do livro”, recorda. Políbio buscou apoio junto ao então secretário estadual da Educação, Sales Gaudêncio, e o livro foi publicado em 2010. A escritora deixou dois outros livros publicados: *Dois momentos da Minha Vida* e *A mulher através da história*.

Livros

Na sua trajetória literária, Molina publicou as obras: “Ofício de escrever e outras vertentes: diálogos com Políbio Alves”, “Dois momentos da Minha Vida” e “A mulher através da história”

conversas culturais. Falamos de diversos assuntos, na verdade eu falava e ela era mais ouvinte do que falante. Depois dessa tarde ficamos amigas, os encontros se multiplicaram, tínhamos afinidades e era sempre um prazer conversar com essa mulher sensível, generosa, agradecida pela vida, ética e de uma simplicidade que me encantava. Nos nossos encontros pelos eventos e cafés da cidade, trocávamos

ideias e possibilidades de alavancar a memória campinense. Molina se contagiou com minha paixão e tornou-se defensora incansável do instituto histórico, militando na imprensa, para dar visibilidade ao projeto, e sempre trazendo boas sugestões...”, escreveu Ida Steinmüller.

Molina deixou traços de si nas páginas de jornais, revistas e livros, assim como na convivência com colegas de trabalho e amigos. “Molina nunca procurava engravas, mas entrâncias, insitâncias, circunstâncias, com as quais sempre se doua ao próximo e à cultura paraibana”, expressou o jornalista Carlos Aranha (1946-2024).

O amigo Políbio Alves destaca a positividade e determinação da escritora: “Quando ela pretendia fazer uma coisa, não tinha medo de nada, não havia dificuldade para ela. Ela enfrentava tudo. Era uma guerrilheira, mas ao mesmo tempo e de uma simplicidade que até incomodava”. Dos hobbies da amiga, o escritor e poeta destaca a leitura. “Ela gostava de ler muito, muito, muito, mas não era qualquer leitura. Ela devorava os livros”, complementa.

Molina Ribeiro faleceu em 31 de março de 2016, aos 78 anos. No artigo que contou um pouco de sua trajetória, retomando a ideia de que a pessoa deixa um legado na vida ao plantar uma árvore, ter filho e escrever um livro, Molina escreveu: “Estas três coisas eu já fiz. Eu já plantei várias árvores, generosa, agradecida pela vida, ética e de uma simplicidade que me encantava. Nos nossos encontros pelos eventos e cafés da cidade, trocávamos

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Mulheres são metade da população mundial, mas estão invisíveis na mídia

As mulheres são personagens ou fontes de apenas 26% das notícias veiculadas no mundo todo, em noticiários de rádio, TV, jornais e sites de notícias. É o que revela o relatório Global Media Monitoring Project (GMMP) 2025, divulgado no dia 5 de setembro pela ONU Mulheres. A análise aponta que, de 1995 a 2025, elas apareceram, majoritariamente, como testemunhas ou entrevistadas, mas raramente ocupando o papel de especialistas.

Tal número evidencia que, apesar dos avanços e debates sobre a igualdade de gênero, o jornalismo ainda reflete uma realidade desequilibrada. A mídia, que tem o poder de moldar narrativas e influenciar a opinião pública, falha em dar voz e visibilidade à metade da população mundial.

Ignorar a perspectiva feminina em quase 75% das notícias não é apenas uma questão de estatística, mas um reflexo de uma lacuna que perpetua estereótipos e invisibiliza a experiência das mulheres. Quando elas não são protagonistas de suas próprias histórias, a cobertura jornalística perde em profundidade, representatividade e relevância, reforçando estruturas de poder desiguais.

Um dado positivo: a análise sobre a presença feminina no jornalismo revelou um aumento na participação de mulheres como autoras de reportagens, que era de 28% e passou a 41% em veículos de comunicação tradicionais. No entanto, o estudo mostra que o crescimento na autoria feminina não se traduziu em aumento significativo da

presença de mulheres como fontes ou protagonistas nas matérias.

Apesar de as mulheres representarem metade da população global, elas seguem praticamente invisíveis na mídia. Desde 2010, conforme o Global Media Monitoring Project (GMMP) 2025, a presença feminina na mídia parou de crescer e, atualmente, continua abaixo de 30%.

Jornalistas em redação precisam estar atentos a isso, afinal, a falta de diversidade de gênero limita o jornalismo e alimenta uma desigualdade que já é persistente, como muito bem registrou o perfil Paz na Mídia (@paznamidia) no Instagram.

Como forma de se contrapor a tal realidade, algumas instituições têm tomado iniciativas que visam ampliar a presença feminina na mídia como fonte ou personagem. Em 2023, a FSB Holding (um ecossistema de consultorias especializadas em reputação estratégica) lançou o *Guia de Fontes — Vozes Femininas*. Na época, a publicação reuniu mais de 250 mulheres em cargos de liderança, em diversos setores e especialidades dentre os clientes da FSB Holding.

Esse é apenas um exemplo. As próprias redações poderiam tomar tal iniciativa, criando um banco próprio de fontes femininas e trabalhando para que haja diversidade nas notícias e reportagens. Dê uma olhada na sua agenda: quantos contatos são de fontes mulheres? Você as ouve com frequência para suas matérias? Que tal ampliar essas vozes?



Segundo o GMMP, apenas 26% das notícias mundiais tem fontes ou personagens femininas

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Romantismo à flor da pele — I

Sempre acreditei que o romantismo que domina a mente de muita gente advém de uma certa dosagem de algumas lembranças, fruto de memórias privilegiadas que as carrega consigo. O mesmo pode-se dizer com relação ao mundo da música, sobretudo por parte daqueles que, constantemente, estão a reviver o passado como se parte fizesse de um filme.

Assim, ao que alguns consideram música cafoná ou brega, algumas vezes incorporamos algumas criações que “subiram de patamar”, sendo hoje consideradas apenas — digamos assim — de românticas ocasionais. Isso foi o que aconteceu com o mineiro Luiz Fernando Mendes Ferreira ou, simplesmente, Fernando Mendes (Conselheiro Pena-MG, 1950), cujo conhecimento e popularidade efetivou-se, mais consistentemente, quando Caetano Veloso gravou, em 2010, o celebrado hit “Você não me ensinou a te esquecer” (parceria de Mendes com José Wilson e Lucas), de 1978. (Desculpado o “escorego” gramatical — você... te —, a música é hoje celebrada por “gregos e troianos”, sem que carregue o estigma de música brega).

Antes, Fernando Mendes havia estreado, em 1973, sem nenhum sucesso, porém com uma voz suave e intimista, que fazia com que o considerassem mais um imitador de Roberto Carlos, como o fizeram também com Paulo Sérgio. O fato é que uma estória/música contada e gravada por ele (parceria também com José Wilson e Edir), falava “...daquela menina em sua



O mineiro Fernando Mendes, coautor do sucesso “Você não me ensinou a te esquecer” (1978)

‘Cadeira de rodas’ (1975)”, causou uma espécie de rebulição no meio artístico pelo inusitado do que passou a se chamar “dor de cotovelo”. Eram reminiscências de sua infância/mocidade, como, aliás, voltaria a acontecer com tantas outras criações, talvez feitas bem ao modelo do que gos-

tava de cantar. Assim, surgiram algumas, também gravadas por ele: “Menina da Janela” (Fernando Mendes/Miguel Piopschi), “A Menina da Calçada” (Fernando Mendes/José Wilson/Miguel Piopschi), “Menina do Subúrbio” (Paulo Coelho/Miguel/Moacir), “Menina da Plateia” (Luiz

Áyrão) e a consagrada “Menina”, de Paulinho Nogueira.

Todas essas criações levam a lembranças e memórias de um passado que vai se incorporando à saudade e ao romantismo dos seus criadores.

Outros títulos vieram, mas sempre vinculados ao apelo existencial dos seus criadores: “Recordações” (José Augusto/Marcelo/Miguel/Pedrinho), “O Internato” (Fernando Mendes/José Augusto), “Prece ao Vento” (clássico de Gilvan Chaves/Alcyr Pires/Luís Câmara), “Felicidade” (com música incidental “Luar do Sertão” — Catulo da Paixão Cearense)...

Como gosto se enraiza, por iniciativa própria e, algumas vezes, até por exigência da gravadora, ele gravou algumas versões bem ao gosto dos seus admiradores: “Rolinha” (“La Paloma”, de Yradier, com letra de Pedro Almeida), “De novo só” (“Alo-ne Again” — Gilbert O’Sullivan — versão de Fernando Mendes).

Para concluir, até rock ele fez, sempre com olhos voltados para os anos 1960, os da Jovem Guarda: “Os bons tempos do rock” (Fernando Mendes/José Wilson/Omar).

Enfim, não é tesse, porém, tem-se que valorizar a sua vocação romântica, mesmo com alguns o tendo como brega ou cafoná.



Eita!!!!

TECNOLOGIA

Sete em 10 estudantes no Ensino Médio usam IA

Estudo também aponta que apenas um terço recebeu orientação nas escolas

Isabela Moya
Agência Estado

Sete em cada 10 estudantes do Ensino Médio usuários de internet já utilizam ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa — ChatGPT, Copilot e Gemini — para pesquisas escolares, mostra o novo estudo TIC Educação 2024, feito com mais de 74 mil alunos de escolas públicas e privadas de todo o país. Apesar do uso amplo da tecnologia, apenas um terço deles recebeu orientação nas escolas sobre como usar essas ferramentas.

Quando considerados estudantes do Ensino Fundamental, essa proporção reduz bastante, sugerindo que o uso da IA aumenta com a idade, assim como todas as demais ferramentas digitais. Entre alunos dos anos iniciais do Fundamental (1º ao 5º ano), apenas 15% usam os chats para pesquisas escolares; nos anos finais (6º ao 9º ano), são 39%. No total dos alunos entrevistados, a média é de 37%.

A pesquisa revelou também que os estudantes usam vídeos publicados em redes sociais como fonte de informação. Pela primeira vez, esses canais e aplicativos — como TikTok e YouTube — são tão relevantes quanto navegadores de busca tradicionais, como o Google, para os alunos na realização de pesquisas escolares.

Isolando os estudantes do Ensino Médio, quase nove em cada 10 deles assistem a esses vídeos para pesquisas escolares. É a



Foi constatado que alunos usam vídeos em redes sociais como fonte de informação

Foto: Márcio Fernandes de Oliveira/Estádio Comendado

mesma proporção dos que usam sites de busca. Já ao ampliar para todos os anos escolares, a proporção fica próxima dos 70%. As redes sociais, como Instagram, por sua vez, são usadas por quase metade (46%) dos estudantes de todos os níveis escolares na hora de buscar informações para os trabalhos. Livros digitais, site ou plataforma da escola e do governo são usados por 54%, 39% e 30% do total, respectivamente.

Com relação à orientação recebida pelos alunos nas escolas, metade (51%) conta que foi informada sobre quais sites devem ser usados nas pesquisas escolares e 47% dizem que foram ensinados como verificar se uma informação ou notícia da internet é verdadeira. No entanto, apenas um em cada cinco (19%) dos alunos do Fundamental e do Médio foi orientado especificamente sobre como usar IA em atividades da escola. Da-

niela Costa, coordenadora da pesquisa, destaca que o uso dessas ferramentas pelos alunos carece de mediação por parte de profissionais de educação. “É importante que os estudantes tenham acesso a essas tecnologias, mas de uma forma segura, crítica, criativa”, avalia.

O que fazer?

Especialistas em educação dizem que o minist-

tério e as secretarias de Educação precisam elaborar diretrizes de governança que indiquem qual o melhor uso da IA.

“Na minha visão, a inteligência artificial afeta diretamente dois objetivos centrais da educação: desenvolver o pensamento crítico e a criatividade dos alunos”, diz Dora Kaufman, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SF).

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Altar de pedra (2) = ara + fogueira (2) = pira + aqui (1) = cá. **Solução:** cidade alagoana (5) = Arapiraca.

Charada de hoje: Se você gosta (2) de áreas fronteiriças, (2) certamente gostará desse estado (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Studio Ghibli: 40 anos

Fundado em 1985, por Hayao Miyazaki, Toshio Suzuki e Isao Takahata, o Studio Ghibli nasceu com o objetivo de inovar o mercado cinematográfico de animação da época. Neste ano, a premiada iniciativa japonesa completa quatro décadas. Em virtude disso, um festival estreou no circuito nacional com a exibição de 22 longas-metragens nos cinemas (confira a primeira parte da programação do Ghibli Fest na página 12). A seguir, elencamos algumas curiosidades sobre as principais produções do Ghibli, reconhecido mundialmente por redefinir os limites da animação japonesa.

Estreia

Oficialmente, a primeira produção do Studio Ghibli é *O Castelo no Céu*. Misturando pirataria no céu, magia, governo secreto e civilizações perdidas, o filme foi lançado em 1986 no Japão; no Brasil, em 1989; e nos Estados Unidos foi lançado apenas no ano de 1991. Segundo a escritora e crítica Helen McCarthy, a animação é um exemplo da desconfiança de Hayao Miyazaki (o grande nome responsável pelas animações) com relação à ciência e à tecnologia. No entanto, não é uma crítica ao avanço tecnológico em si, mas a incapacidade dos humanos de utilizarem a tecnologia sabiamente. Erroneamente, muitos creditam *Nausicaä do Vale do Vento* como o primeiro filme, mas ele foi lançado um ano antes de o estúdio fazer a sua estreia.

Sucesso internacional

Em 1997, com o lançamento do filme *Princesa Mononoke*, o Ghibli obteve fama internacionalmente, apesar de *O Serviço de Entregas da Kiki* (1989) ter ido bem nas bilheteiras. Nos Estados Unidos (distribuído por meio da Disney/Miramax), o sucesso foi alcançado também por conta da popularidade dos dubladores no elenco naquela época, como Claire Danes, Billy Bob Thornton e Gillian Anderson. O diretor Hayao Miyazaki corrigiu ou redesenhou mais de 80 mil desenhos do filme, de um total de 144 mil.

Premiado

Em 2003, *A Viagem de Chihiro* (imagem acima) foi o primeiro longa do estúdio a ganhar um Oscar, depois de várias indicações de outras animações no catálogo da produtora. Em 2017, Miyazaki decidiu abandonar a aposentadoria para produzir seu último filme, *O Menino e a Garça*, que teve sua estreia em 2023, sob a alegação de ter encontrado uma história que valia a pena contar. A animação é o 12º filme na direção e roteiro do cineasta japonês e acaba de ganhar o Oscar 2024 na categoria de Melhor Animação, após levar para casa prêmios como o Bafta e o Globo de Ouro, na mesma categoria.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - lago da macaca; 2 - pau da placa; 3 - bico do pato; 4 - chifre da girafa; 5 - lagrimeira; 6 - casca da banana; 7 - grade; 8 - bico; 9 - colar; 10 -